

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS – CESP
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

WALESSA CONCEIÇÃO DE CASTRO

**NARRATIVAS ORAIS DE MORADORES QUILOMBOLAS DO DISTRITO SANTA
TEREZA – MATUPIRI DO BAIXO AMAZONAS**

**PARINTINS – AM
2025**

WALESSA CONCEIÇÃO DE CASTRO

**NARRATIVAS ORAIS DE MORADORES QUILOMBOLAS DO DISTRITO SANTA
TEREZA-MATUPIRI DO BAIXO-AMAZONAS**

Monografia apresentada ao Curso de
Graduação em Letras Língua Portuguesa para a
obtenção do Grau de Licenciada em Letras, pela
Universidade do Estado do Amazonas, no
Centro de Estudos Superiores de Parintins –
CESP/UEA

Orientadora: Me. Dilce Pio Nascimento

**PARINTINS – AM
2025**

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.

| | |
|-------|--|
| C355n | <p>Castro, Walessa Conceição de Narrativa Orais : De Moradores Quilombolas do Distrito Santa Tereza-Matupiri do Baixo Amazonas / Walessa Conceição de Castro . Manaus : [s.n], 2025. 56 f.: color.; 21,0 cm.</p> <p>TCC - Graduação em Letras- Licenciatura- Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2025. Inclui Anexo. Orientador: Nascimento, Dilce Pio . Coorientador: Não .</p> <p>1. Narrativa Orais . 2. Santa Tereza . 3. Quilombola. 4. Memória . I. Nascimento, Dilce Pio (Orient.) II . Não (Coorient.) III. Universidade do Estado do Amazonas. IV. Título</p> <p style="text-align: right;">CDU(1997)81</p> |
|-------|--|

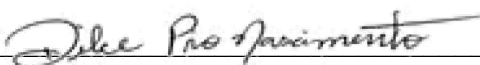
WALESSA CONCEIÇÃO DE CASTRO

**NARRATIVAS ORAIS DE MORADORES QUILOMBOLAS DO DISTRITO SANTA
TEREZA-MATUPIRI DO BAIXO-AMAZONAS**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Letras - Língua Portuguesa- da Universidade do Estado do Amazonas, como requisito para obtenção do título de Licenciada(o) em Letras.

Aprovado em: 18/ 06/ 2025

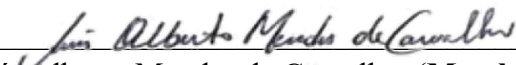
BANCA EXAMINADORA



Prof.^a. Me. Dilce Pio Nascimento (**Presidente** CESP/UEA)
Orientadora



Prof.^a Dra. Francisca Keila Freitas Amoedo (**Membro** - CESP/UEA)



Prof. Me. Luís Alberto Mendes de Carvalho. (**Membro** CESP-UEA)

DEDICATÓRIA

Aos meus pais Adelino Pereira de Castro, Aparecida Marinho Conceição e Ângela Maria de Castro Conceição, por todos os gestos de amor e carinho. A vocês, minha eterna admiração e gratidão. Ao meu filho, Willyson Adelino Castro Silva, por compreender minha ausência: Você é a minha maior inspiração, Amo-te.

A eles dedico.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pelo dom da vida, pela sabedoria e discernimento para superar cada obstáculo ao longo desta caminhada.

À minha mãe, Ângela Maria, e ao seu esposo, Jovan Pedreno, agradeço por todo o suporte e confiança

Ao meu irmão Willian e minhas irmãs, Inês, Alessandra, Jovana, Alice e Joana, sou grata pela companhia que tornou meus dias mais leves.

Agradeço à minha orientadora, Prof. Me. Dilce Pio Nascimento, por todo o conhecimento compartilhado nesta pesquisa, pelo entusiasmo, expectativas, confiança e paciência. pela pessoa incrível que és, lhe admiro imensamente.

Aos professores e colegas que conheci ao longo desse percurso, meu sincero agradecimento.

À minha querida amiga Suely, pela linda amizade que construímos juntas. À Aline e Graciene obrigada pela companhia.

À minha tia Tarcila Maria, cujas palavras de incentivo ressoaram em mim.

Aos meus familiares, amigos e a todos que de alguma forma contribuíram durante esta trajetória, meu muito obrigada.

RESUMO

Este estudo mergulha no universo das narrativas orais de Moradores Quilombolas do Distrito Santa Tereza-Matupiri, no Baixo Amazonas, Município de Barreirinha - Amazonas. As narrativas orais, em sua essência, representam uma das formas mais antigas de transmissão de conhecimento, valores e tradições, precedendo em muito a escrita. O estudo se concentra em analisar as histórias de vida de *Maria Amélia dos Santos Castro*, *Moisés Andrade de Souza* e *Sebastiana Ribeiro de Castro*. O objetivo principal deste estudo foi analisar as narrativas de vida e os causos dos moradores quilombolas de Santa Tereza para compreender como essas histórias atuam na transmissão de conhecimentos, na manutenção das tradições e na construção da identidade cultural. Com fundamentação teórica em autores como: Alberti (2013), Barthes (1987), Benjamin (1978), Bosi (1994), Halbwachs (1968), Meihy (2002), Pollak (1992-1989), Ricoeur (2005). A metodologia utilizada nesta pesquisa adota uma abordagem qualitativa, com procedimentos baseados na história oral. Essa metodologia utiliza a técnica de entrevistas e relatos orais, como fontes para a construção da história, focando nas memórias e experiências de indivíduos e grupos sociais. O estudo é de natureza bibliográfica e inclui uma pesquisa de campo. Os resultados alcançaram o que se propôs, pois foi possível compreender a importância das narrativas orais na preservação da memória, da identidade e das tradições da comunidade quilombola Santa Tereza. Portanto, as narrativas desempenham um papel central na preservação da cultura quilombola e devem ser reconhecidas como instrumentos de afirmação cultural e valorização da diversidade brasileira. É importante ressaltar o reconhecimento e a valorização dessas narrativas que são essenciais não apenas para a Comunidade Quilombola Santa Tereza, mas também para a sociedade que se beneficia da diversidade cultural que elas representam.

Palavras-chave: Narrativas Oraís. Santa Tereza. Quilombola. Memória.

ABSTRACT

This study delves into the universe of oral narratives of Quilombola residents of the Santa Tereza-Matupiri District, in the Lower Amazon, municipality of Barreirinha Amazonas. Oral narratives, in their essence, represent one of the oldest forms of transmission of knowledge, values, and traditions, long preceding writing. The study focuses on analyzing the life stories of Maria Amélia dos Santos Castro, Moisés Andrade de Souza and Sebastiana Ribeiro de Castro. The main objective of this study was to analyze the life narratives and stories of the quilombola residents of Santa Tereza to understand how these stories act in the transmission of knowledge, in the maintenance of traditions and in the construction of cultural identity. With theoretical foundations in authors such as: Alberti (2013), Barthes (1987), Benjamin (1978), Bosi (1994), Halbwachs (1968), Meihy (2002), Pollak (1992) (1989), and Ricouer (2005). The methodology used in this research adopts a qualitative approach, with procedures based on oral history. This methodology uses the technique of interviews and oral reports as sources for the construction of history, focusing on the memories and experiences of individuals and social groups. The study is bibliographic in nature and includes field research. The results achieved what was proposed, as it was possible to understand the importance of oral narratives in preserving the memory, identity, and traditions of the Santa Tereza quilombola community. Therefore, narratives play a central role in the preservation of quilombola culture and should be recognized as instruments of cultural affirmation and appreciation of Brazilian diversity. It is important to emphasize the recognition and appreciation of these narratives, which are essential not only for the Santa Tereza Quilombola community, but also for society that benefits from the cultural diversity they represent.

Keywords: Oral Narratives, Santa Tereza. Quilombola. Memory.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO | 8 |
| CAPÍTULO I: REFERENCIAL TEÓRICO | 10 |
| 1.1 A IMPORTÂNCIA DA MEMÓRIA PARA A REALIZAÇÃO DA NARRATIVA ORAL..... | 10 |
| 1.2 A NARRATIVA ORAL E SUAS PECULIARIDADES | 14 |
| CAPÍTULO II: METODOLOGIA | 19 |
| 2.1 ABORDAGEM METODOLOGICA | 19 |
| CAPÍTULO III: ANÁLISE DE DADOS..... | 22 |
| 3.1 NARRATIVAS QUILOMBOLAS DE SANTA TEREZA | 22 |
| 3.2 CONTEXTO E ORIGEM DO QUILOMBO SANTA TEREZA. | 22 |
| 3.3 A TOPONÍMIA DA COMUNIDADE QUILOMBOLA SANTA TEREZA-MATUPIRI | 23 |
| 3.4 NARRATIVAS DE VIDAS..... | 34 |
| 3.5 NARRATIVAS DE CAUSOS/CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS..... | 39 |
| 3.6 TRADIÇÃO, COSTUMES E RELIGIOSIDADE NA COMUNIDADE SANTA TEREZA | 44 |
| 3.7 BASES ECONÔMICAS | 47 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 50 |
| REFERÊNCIAS | 53 |
| ANEXOS | 56 |

INTRODUÇÃO

Este estudo mergulha no universo das narrativas orais de moradores quilombolas do Distrito Santa Tereza-Matupiri, no Baixo Amazonas, Município de Barreirinha - Amazonas. As narrativas orais, em sua essência, representam uma das formas mais antigas de transmissão de conhecimento, valores e tradições, precedendo em muito a escrita. Sua força reside não apenas no conteúdo das histórias – que podem abranger contos populares, mitos, lendas, causos e relatos de experiências pessoais – mas também na riqueza da oralidade, no tom de voz, na expressão corporal e nos recursos estilísticos próprios da linguagem falada, elementos que conferem vida e profundidade a cada relato.

O presente trabalho se concentra na análise das histórias de vida de *Maria Amélia dos Santos Castro*, *Moisés Andrade de Souza* e *Sebastiana Ribeiro de Castro*, além de participações adicionais durante as entrevistas, todos descendentes de quilombolas. É crucial desmistificar a ideia de que a identidade negra é definida pela escravidão; nossos ancestrais foram, sim, escravizados pela exploração de sua mão de obra, mas eram e continuam sendo indivíduos com culturas ricas, tradições profundas e um legado inegável de resistência. A escravidão não apagou suas histórias; ao contrário, gerou narrativas de luta e superação. A resistência dos negros durante o período colonial e a formação das comunidades quilombolas são testemunhos vivos dessa força, evidenciando como esses grupos se organizaram para preservar suas culturas, suas línguas e seus modos de vida, criando espaços de dignidade e liberdade.

O objetivo principal deste estudo foi analisar as narrativas de vida e os causos dos Moradores Quilombolas de Santa Tereza para compreender como essas histórias atuam na transmissão de conhecimentos, na manutenção das tradições e na construção da identidade cultural. Abordar sua toponímia e elementos históricos, apresentando os nomes dos lugares (igrejas, escolas, praças, centros comunitários) que evidenciam a vida social e cultural da comunidade, contribuindo para a compreensão do espaço e da identidade quilombola. Investigar as trajetórias individuais e coletivas dos moradores quilombolas desde a chegada à comunidade, destacando como essas memórias são (re)contadas e de que maneira contribuem para a construção da identidade e da memória histórica do Quilombo. Realizou-se a coleta de histórias de vida e causos contados pelos moradores, explorando como essas narrativas transmitem saberes, crenças, valores e aspectos do cotidiano, além da base econômica do Distrito de Santa Tereza do Matupiri, como a pesca e a agricultura.

A escolha pelo estudo das narrativas orais e do lócus desta pesquisa é profundamente significativa, pois eu, Walesa Conceição, sou descendente de Quilombolas, sou moradora da comunidade Quilombola do Distrito de Santa Tereza do Matupiri, onde residem meus familiares. Com isto, evidenciei um desejo intrínseco de aprofundar os conhecimentos sobre as experiências de vida dos Quilombolas, há um tempo trazia comigo uma frase “a arte de narrar e contar e história”, ao contar ou ouvir histórias principalmente aquelas que retratam experiências diferentes das nossas, nos ajuda a entender melhor o sentimento do outro, além de ser uma atividade que fortalece laços entre amigos, familiares e comunidades, cresci em uma comunidade ouvindo histórias, isso foi umas das motivações para retratar algo que fosse da minha realidade.

Ao compartilhar essas experiências a comunidade Quilombola não só preserva sua história, mas também mostra a importância dessas narrativas para conscientizar sobre a necessidade de preservar a cultura e os saberes de nosso povo. Partindo da reflexão "Por que não falar sobre nós?" – suscitada durante a trajetória universitária, em palestras sobre identidade – é especialmente relevante para pessoas de comunidades quilombolas e ribeirinhas. Falar sobre si é uma forma de afirmar a própria identidade em um mundo onde muitas narrativas de povos originários foram silenciadas ou distorcidas. Ao trazer e compartilhar essas histórias, criamos um espaço onde as vozes podem ser ouvidas e respeitadas, reafirmando quem somos.

CAPÍTULO I: REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 A IMPORTÂNCIA DA MEMÓRIA PARA A REALIZAÇÃO DA NARRATIVA ORAL

A memória desempenha um papel fundamental na narrativa oral, pois é o que permite a preservação e a transmissão de conhecimento e experiências de uma geração para outra, ela é essencial para compreensão e interpretação da história. A preservação do conhecimento baseado na tradição oral depende da memória como fonte para memorizar e relembrar saberes, evitando para se percam ao longo do tempo. Além disso, a memória é um elemento fundamental na construção da identidade cultural de um indivíduo, tanto as memórias individuais quantas as coletivas são fundamentais para criar narrativas que reforçam a identidade de uma comunidade ou grupo.

A preservação da memória busca manter viva a história e os ensinamentos culturais por meio dos relatos orais, a memória também tem função cognitiva, possuindo a capacidade de armazenar e recuperar informações e experiências do passado, ela é importante para a aprendizagem e para a formação da identidade, pois sem a memória, não seríamos capazes de aprender com experiências passadas ou nos conectar com nossa história pessoal e coletiva. Bosi (1977), destaca que:

Não se trata de uma obra com proposta de amostragem: o intuito que me levou a empreendê-la foi registrar a voz e, através dela, a vida e o pensamento de seres que já trabalharam por seus contemporâneos e por nós, este registro alcança uma memória pessoal que, como se buscará mostrar, é também uma memória social, familiar e grupal. Desde sua concepção o trabalho situava-se, portanto, naquela fronteira em que se cruzam os modos de ser do indivíduo e da sua cultura: (Bosi,1977, p. 37).

A autora destaca a importância da memória como um elemento central da identidade e na compreensão da trajetória de vida das pessoas, ela examina as narrativas não apenas como relatos do passado, mas também como expressões simbólicas das experiências vividas. Para a pesquisa a obra vem contribuir significativamente, pois se concentra nas narrativas de vida e histórias que emergem tanto da memória pessoal quanto da memória coletiva de uma comunidade específica, o foco está na narrativa de indivíduos pertencentes a comunidade Quilombola Santa Tereza, buscando relatar suas experiências por meio da junção entre memória individual e coletiva.

Um verdadeiro teste para a hipótese psicossocial da memória encontra-se no estudo das lembranças das pessoas idosas. Nelas é possível verificar uma história social bem desenvolvida: elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecida; elas já viveram quadros de referências familiar e cultural igualmente reconhecíveis: enfim sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem, ou mesmo adulta, que, de um modo ainda está absorvidas nas lutas e contradições de um presente que a solicita muito mais intensamente do que uma pessoa de idade (Bosi,1977, p. 60).

A autora destaca a importância das lembranças de pessoa idosas, ressaltando que suas experiências através da memória não são apenas um repositório de fatos, mas elementos fundamentais na construção de narrativas pessoais e coletivas. Por meio da memória, elas compartilham suas histórias e vivências. Nessas narrativas, duas formas de memórias estão interligadas, a memória individual, que se refere às recordações, experiências e conhecimentos que cada pessoa guarda ao longo da vida, essa memória é subjetiva e varia conforme as vivências pessoais, por outro lado, a memória coletiva diz respeito às lembranças compartilhadas por um grupo ou comunidade, incluindo eventos históricos e tradições culturais. Como Halbwachs (1968), menciona que:

Ora, a primeira testemunha, à qual podemos sempre apelar, é a nós próprios. [...] Assim, quando retornamos a uma cidade onde estivemos anteriormente, aquilo que percebemos nos ajuda a reconstituir um quadro em que muitas partes estavam esquecidas (Halbwachs,1968, p. 25).

O autor ressalta que a nossa própria memória efetiva e individual serve como testemunha, quando retornamos a um determinado lugar, a imagem que temos dele não será a mesma que guardamos em nossa memória, somente a memória pode nos ajudar a reconstituir o que foi perdido com o tempo. Com o passar do tempo, essa memória pode mudar, em algumas ocasiões, pode se tornar mais vívida, enquanto em outras pode se apagar ou distorcer, esses fatores surgem das experiências e emoções que foram vivenciadas. Segundo Halbwachs (1968), ressalta que:

Mas nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmos que se trate de acontecimentos nos quais só nos estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, na realidade, nunca estamos sós (Halbwachs, 1968, p. 26).

Conforme o autor podemos observar a importância da memória individual e coletiva, que guarda recordações compartilhadas por um grupo ou comunidade, a memória coletiva que inclui eventos, tradições, culturas e acontecimentos históricos, demonstrando como nossa memória desempenha um papel fundamental na formação de identidade pessoal e social, ela

nos conecta com o passado e influenciam nas nossas ações, referindo-se à memória individual. Ao trazer as narrativas dessas pessoas, encontramos o elemento essencial que é a memória, juntamente com a narrativa oral, que foi e continua sendo um dos meios de comunicação mais persistente até hoje. Sabemos que nossos antepassados não tiveram acesso à educação formal que muitos nem se sequer sabiam escrever seus próprios nomes, suas histórias eram contadas por meio da oralidade, transmitidas de pais para filhos. Atualmente, já podemos encontrar registros oficiais de narrativas feitas por moradores locais.

Por muitos anos, essas narrativas eram repassadas através de contação de histórias pelos nossos avós, que se reuniam em casa de parentes, não havia registros escritos em papéis, o recurso que utilizado era a memória. Como ressalta Ricoeur (2003), A memória é singular, não podemos transferir a memória de um para o outro. Cada pessoa tem uma interpretação diferente da história, no entanto, quando essas histórias são compartilhadas elas contribuem para a construção de algo coletivo, a contação de história representa a memória coletiva desse povo, que é lembrada e compartilhada.

Assim, para confirmar ou recordar uma lembrança, as testemunhas, no sentido comum do termo, isto é, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível, não são necessários. Elas são, todavia, suficientes. Acontece, com efeito, que uma ou várias pessoas, reunindo suas lembranças, possam descrever muito exatamente os fatos ou objetos que vimos ao mesmo tempo que elas, e mesmo reconstituir toda a sequência de nossos atos e nossas palavras dentro das circunstâncias definidas, sem que nos lembrássemos de tudo aquilo (Halbwachs, 1968, p. 27).

O autor enfatiza que as nossas lembranças são fundamentais para a construção de nossa identidade, é o espaço da memória que representa a minha, a nossa e a identidade coletiva, podendo ser entendidos de diferentes maneiras, dependendo do contexto que é utilizado, esse espaço se refere a locais, práticas ou representações que ajudam a preservar a memória individuais e coletivas, permitindo-nos conectar com nossas raízes culturais e históricas e com o lugar que pertencemos.

Pollak (1989), aborda questões fundamentais relacionadas a construção social da memória e da identidade, ele explora como os indivíduos e grupos constroem narrativas sobre o passado e se relacionam com a história.

Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos 'vividos por tabelas', ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabelas vem se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou

de um grupo. É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar de uma memória quase herdada (Pollak, 1989, p. 2).

O autor argumenta que em primeiro lugar, existem os acontecimentos vividos pessoalmente, em segundo lugar, estão os vividos por tabelas, ou seja, aqueles que foram vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. Esses eventos podem não ter sido diretamente vividos pela pessoa, mas adquiriram relevância no imaginário coletivo que é quase impossível se ela participou ou não. Além disso, a esses acontecimentos vividos por tabelas se juntam todos os eventos que não situam dentro do espaço e tempo individual de uma pessoa. Ricoeur (2003), ressalta que:

Daí a ordem seguida pela temática: em primeiro lugar, a memória enquanto tal; depois, a história enquanto ciência humana, e o esquecimento como dimensão da condição histórica de humanos que somos. A memória, seria segundo esta construção linear, era vista simplesmente como matriz da história, enquanto a historiografia desenvolvia seu próprio percurso além da memória, desde o nível dos testemunhos escritos conservados nos arquivos, até ao nível das operações de explicações; depois, até à elaboração do documento histórico como obra literária (Ricoeur, 2003, p. 01).

O autor classifica essas temáticas por ordem: primeiro a memória, depois a história e, por fim, o esquecimento. A memória desempenha o papel de interpretação da história, é vista como reprodução de fatos, recordações, experiências e narrativas de pessoas ou grupos, é subjetiva e pessoal, está intimamente ligada ao passado. Por sua vez, a história tem como suporte a escrita, que é conservada em arquivos, essa construção é objetiva e coletiva e busca narrar o passado, a história é feita por pessoas, no caso nós, onde a memória é considerada um objeto da história, algo que pertence ao passado.

O esquecimento era, neste caso, tratado sobretudo como uma ameaça para a operação central da memória, a anamensis dos gregos, e logo, como um limite da exigência do conhecimento histórico de providenciar uma narrativa que ligue os acontecimentos passados. [...] As questões em jogo dizem respeito à memória, já não como simples matriz da história, mas como reapropriação do passado histórico por uma memória que a história instruiu) e muitas vezes feriu (Ricoeur, 2003, p. 01).

Ricoeur (2003), aborda a relação entre memória, história e esquecimento, a história, como um esforço coletivo para narrar o passado, depende da memória como objeto de estudo, que se localiza no passado. O esquecimento é destacado como uma ameaça central à memória e é comparado à anamnesis dos gregos. Nesse contexto, o esquecimento pode ser visto tanto como uma limitação quanto como uma forma de libertação, permitindo ao ser humano se desvincular de acontecimentos do passado. O autor retoma a memória não apenas como um

meio de interpretação, mas como uma reprodução do passado que a história muitas vezes silenciou ou feriu, a maneira como um evento histórico é lembrado ou manipulado, faz com que a memória possa ser exaltada ou silenciada. Assim, a memória não deve ser vista apenas como objeto da história, tanto a memória quanto a história são narrativas que desempenham um papel importante ao lembrar e contar histórias do passado.

Se a tratarmos de um modo não linear, mas circular, a memória pode aparecer duas vezes ao longo da nossa análise: antes de mais, como matriz da história, se nos colocarmos no ponto de vista da escrita da história, depois como canal de reapropriação do passado histórico tal como nos é narrado pelos relatos históricos. Mas esta modificação do ponto de vista não implica que abandonemos a descrição fenomenológica da memória em si, seja qual for sua ligação com a história. [...] O primeiro enigma em jogo relaciona-se com a própria ideia de representação do passado como memória. Como se vê em Aristóteles, no seu pequeno tratado “Da memória e da reminiscência”, a memória é “do passado (Ricoeur, 2003, p. 01-02).

O autor ressalta que a memória pode se manifestar de duas formas: antes e depois, antes como matriz da história, sob o ponto de vista da escrita histórica, e depois, como um canal de reapropriação do passado histórico. A história é composta por relatos que, embora possa mudar de ponto de vista, mas não alteram na essência da memória em si, as memórias são construídas através das experiências e compartilhadas pelas pessoas, permitindo compreender como os eventos foram vividos. O autor destaca a ideia de representação do passado como memória, referenciando Aristóteles, que afirma que a memória é algo do passado e, portanto, é percebida apenas como representação de algo que já ocorreu. A reminiscência, por sua vez, faz com que recordemos e revivamos esse passado. Assim, a memória é vista de duas maneiras, como fonte histórica e como reprodução através das narrativas históricas.

1.2 A NARRATIVA ORAL E SUAS PECULIARIDADES

A narrativa oral é a prática de contar histórias de forma verbal e é amplamente utilizada em contextos sociais, como: mitos, contos populares, relatos pessoais e reuniões familiares, essas narrativas variam conforme as características de cada região e representa uma das formas mais antigas de comunicação humana, elas são fundamentais na transmissão de conhecimentos, saberes, valores e tradições que perpassam gerações. Essa prática é especialmente comum em comunidades tradicionais de zona rural, que preservam saberes oriundos desde suas ancestralidades. A narrativa oral não apenas ajuda a entender a origem cultural, mas também contribui para o reconhecimento da própria identidade cultural. Vladimir Propp, analisa a estrutura dos contos maravilhosos e identifica padrões recorrentes nos elementos narrativos dessas histórias.

Não cabe dúvidas que os fenômenos e os objetos que nos rodeiam podem ser estudados, quer do ponto de vista de sua compreensão e construção, quer do ponto de vista de sua origem ou dos processos e alterações a que são submetidos. Há outra evidência que não necessita de demonstração: não se pode falar de origem de um fenômeno, seja qual for, antes descreve-los (Propp, 1984, p. 14).

A abordagem narrativa de Propp influenciou significativamente os estudos literários e cinematográficos, destacando a importância das estruturas e elementos recorrentes na construção das histórias, sua análise morfológica dos contos de fadas revela padrões que atravessam culturas e épocas. Propp enfatiza a importância de descrever os fatos antes de discutir sua origem, sugerindo começar o estudo ou pesquisa deve começar pela análise da estrutura e compreensão, o ajuda na compreensão do objeto analisado e possibilita uma descrição detalhada antes de explorar aspectos mais profundos.

Uma das peculiaridades da narrativa oral advém da tradição que passa de geração em geração, essa tradição é a marca e a identidade de um povo. A variação linguística complementa essa tradição, refletindo nas particularidades de cada lugar. Assim, a forma como as narrativas orais são interpretadas e como os conhecimentos são transmitidos varia conforme a identidade de cada comunidade. E o real refere-se às narrativas verdadeiras sobre fatos e acontecimentos, enquanto o imaginário diz respeito às contações de histórias, mitos, lendas. Nesse sentido, Barthes (2011), enfatiza que.

Inumeráveis são as narrativas do mundo. Há em primeiro lugar, uma variedade prodigiosa de gêneros, distribuídos entre substâncias diferentes, como se toda matéria fosse boa para o homem. Lhe confiasse suas narrativas: a narrativa pode ser sustentada pela linguagem articulada, oral ou escrita, pela imagem, fixa ou móvel, pelo gesto ou pela mistura ordenadas de todas estas substâncias; está presente no mito, na lenda, na fábula, no conto, nas novelas, na epopeia, na história, na tragédia, no drama, na comédia, na pantomima, na pintura [...]. (Barthes 2011, p. 19).

Barthes (2011), contribui significativamente para análise estrutural da narrativa, apresentando abordagens sistemáticas que desvendaram os mecanismos subjacentes às narrativas e revelam como elas são construídas e interpretadas. O autor destaca que existem inúmeras narrativas no mundo, abrangendo uma diversidade prodigiosa de gêneros que se distribuem entre linguagem, imagem e gestos, essas narrativas podem ser encontradas em diversas formas, como lendas, mitos, epopeias, pantomimas e pinturas. Além disso, Barthes enfatiza a maneira como as narrativas dialogam entre si e com os outros discursos culturais, essa diversidade das narrativas humanas vai além de formatos e meios específicos, ela está presente em múltiplos contextos e situações, assim, narrativa existe em variados formatos e é

acessível por meio de diferentes formas de expressão, como literatura, arte e cultura popular, as histórias estão presente em todos os aspectos da vida e em diferentes culturas. Barthes (2011), destaca que:

[...] a narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades; a narrativa começa com a própria história da humanidade; não há em parte algum povo sem narrativa; todas as classes, todos os grupos humanos têm suas narrativas, e frequentemente estas narrativas são apreciadas em comum por homens de culturas diferentes, e mesmos opostos; [...] (Barthes, 2011, p. 19).

Barthes destaca que a narrativa oral é uma prática que vai além da simples contação de histórias, e essa é uma das suas peculiaridades que a tornam uma forma de comunicação muito mais prazerosa, conectando as pessoas através do tempo e espaço, ela envolve interação social e preservação de saberes tradicionais e culturais. As narrativas estão presente em todos os lugares, começando pela própria humanidade, não existe povo, grupo ou sociedade sem narrativa, essas histórias são apreciadas por pessoas e culturas diferentes até mesmo opostas.

As narrativas orais refletem as tradições, valores e crenças da culturais, o objeto da pesquisa tem como referência a comunidade de Santa Tereza, uma comunidade quilombola onde essas peculiaridades são muito evidentes. No entanto, ao longo do tempo, muitas delas caíram no esquecimento com a chegada da tecnologia, hoje, não vemos mais as rodas de contação de histórias que eram realizadas todas as noites à luz do luar e das lamparinas. Ainda são comuns os “Puxiruns”, que fazem parte da agricultura local, nesses encontros, as pessoas se reúnem para realizarem roçados e plantações, promovendo uma grande animação. Os festejos religiosos dos padroeiros da comunidade também fazem parte dessa tradição. A narrativa oral ocorre em momentos específicos, permitindo uma conexão direta entre o narrador e o público, o narrador é aquele que conta história, enquanto o público aquele é quem escuta. Nesse sentido Barthes (2011) destaca que:

Uma experiência quase cotidiana nos impõe a exigência dessa distância e desse ângulo de observação. É a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais rara as pessoas que sabem narrar devidamente. Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embarço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e alienável: a faculdade de intercambiar experiências (Benjamim, 1987, p.197-198).

A citação de Barthes (2011), destaca que o narrador está perdendo seu espaço, que são poucas as pessoas que se interessam pelo ato de narrar, ao longo do tempo, esse espaço vem sendo substituído por transformações que fazem com que o papel do narrador seja trocado por outros meios de comunicação. As narrativas orais, que eram muito comuns em sociedades tradicionais, eram transmitidas de geração para geração, e frequentemente baseadas nas

experiências que eram compartilhadas coletivamente. Essas peculiaridades da narrativa são algumas das características que se pretende resgatar através das narrativas de moradores de Santa Tereza, dar visibilidade a esses narradores ouvi-los, a partir de suas próprias experiências e vivências, como se fazia antigamente. Para Benjamim (1987).

A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distingue das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos. Entre estes, existem dois grupos, que se interpenetram de múltiplas maneiras. A figura do narrador só se torna plenamente tangível se temos presente esses dois grupos, “Quem viaja tem muito o que contar”, diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair de seu país e que conhece suas histórias e tradições (Benjamim, 1987, p. 199).

O autor destaca que, com novos meios de comunicação, e com o surgimento da literatura escrita, a narrativa oral começa a perder espaço, essas transformações tendem a ser mais individualistas e desconectadas das experiências coletivas, o narrador é visto como uma figura central na transmissão de histórias, não apenas relatando acontecimentos, mas também compartilhando sabedoria, emoções e experiências. Benjamim (1987), menciona dois tipos de narradores: O primeiro é aquele que viaja e tem muito a contar, podemos chamá-lo de narrador tradicional, esse narrador representa a sabedoria de uma comunidade, onde suas histórias são compartilhadas. Ele possui uma rica bagagem de experiências pessoais e coletivas, e suas narrativas são fundamentadas em vivências reais.

O segundo tipo é o narrador moderno ou literário, que pode ter ganho a vida sem sair de seu país, mas conhece bem suas histórias e tradições, suas experiências são mais pessoais, menos conectado ao coletivo da comunidade, tem um olhar mais distante em relação aos eventos narrados. Esses dois tipos de narradores estabelecem uma relação entre a coletividade e individualidade, o narrador tradicional é um portador da memória cultural e das experiências coletivas, enquanto o narrador moderno reflete uma característica mais individualista e distante, essa distinção influencia a maneira como as histórias são contadas e recebidas ao longo do tempo. Para Meihy (2005), enfatiza que:

Já extinguiram na cidade e estão em vias de extinção no campo. Com isso, desaparece o dom de ouvir, e desaparece a comunidade dos ouvintes. Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde por que ninguém mais a fia ou tece enquanto ouve a história. Quando mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se agrava nele o que é ouvido. Quando o ritmo do trabalho se apodera dele, ele escuta as histórias de tal maneira que adquire espontaneamente o dom de narrá-las. Assim se teceu a rede em que está guardado o dom da narrativa (Benjamim, 1987, p. 205).

A citação de Meihy (2005), menciona a perda do dom de ouvir e contar histórias, especialmente nas cidades, o que leva a diminuição dos ouvintes, contar história é uma arte que devemos praticar constantemente, repetindo-as quantas vezes forem necessárias, desde que haja quem possa ouvir. Se a narrativa não for preservada, tende a se perder, pois ninguém a tece enquanto a escuta, é no ato de ouvir que desenvolve o dom de narrar, enquanto houver quem conte e quem ouça, essa rede estará sendo tecida, e esse é o dom da narrativa, esta fundamental para a preservação da tradição oral. Segundo Meihy (2005), enfatiza a importância da tradição oral.

Seguramente o mais difícil, intrincada e bonita forma de expressão da história oral é a tradição oral. Não se limitando apenas a entrevistas, a tradição oral trabalha com pressuposto do reconhecimento do outro em suas possibilidades mais dilatadas. Viver junto ao grupo, estabelecer condições de apreensão dos fenômenos de maneira a favorecer a melhor tradução possível do universo mítico do segmento é um dos segredos da tradição oral (Meihy, 2005, p. 40).

Conforme Meihy (2005), ressalta a importância da tradição oral como uma forma de resgatar vozes e memória que frequentemente são esquecidas pela história oficial, essa abordagem que vai além de simples entrevistas, ela reconhece e compreende a profundidade da complexidade humana. A acredita-se que as narrativas transmitidas oralmente por comunidades, famílias e indivíduos contém informações valiosas que podem enriquecer e complementar o entendimento do grupo criando condições para uma melhor compreensão do passado.

A complexidade da tradição oral reside no reconhecimento do outro nos detalhes auto-explicativos de sua cultura. Noções de tempo, lógico da estrutura de parentesco, soluções de alimentação e ordenamento social, critérios de tratamento da saúde, visões de vida e da morte, bem como a organização do calendário e dos processos de celebração – rituais e demais cerimônias – são partes à compreensão de grupos que sempre são exóticos ao conhecimento comum (Meihy, 2015, p. 40-41).

Conforme Meihy (2015), a história oral busca dar voz aos protagonistas anônimos da história, permitindo que compartilhem suas experiências e vivências de forma autêntica, essa abordagem valoriza a diversidade de perspectiva presentes nas narrativas orais e reconhece a importância de preservar essa memória para as gerações futuras.

CAPÍTULO II: METODOLOGIA

2.1 ABORDAGEM METODOLOGICA

Este capítulo está voltado para a metodologia, que é uma parte fundamental de qualquer pesquisa, sendo diretamente ligadas aos objetivos da investigação e ao contexto que ela se insere. O estudo adota uma abordagem qualitativa. Segundo Minayo (2001) “A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares [...] Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes”. (Minayo, 2001, p. 21-22). Pois busca entender os significados e as interpretações dos fenômenos sociais, sendo um caminho para compreender o objeto da pesquisa. Ela se concentra na compreensão aprofundada, e garante que a pesquisa seja significativa.

O método de procedimento é a pesquisa descritiva baseado na História Oral que visa observar, registrar e analisar as narrativas dos moradores quilombolas. As narrativas foram classificadas em dois tipos: narrativas de vida e de causos. Este método permite fornecer uma descrição detalhada sobre as experiências e vivências dos moradores, incluindo análises como comportamentos, características e opiniões, sem interferir ou controlar os envolvidos. Ressalta-se que as transições das narrativas, na íntegra encontram-se nos anexos desse trabalho assim como as perguntas livres das entrevistas com as devidas autorizações dos referidos moradores de Santa Tereza do Matupiri.

De acordo com Meihy (2002) “É difícil definir História Oral em poucas palavras, pois essa prática, além de nova, é bastante dinâmica criativa [...], considerar que história oral consiste em gravações premeditadas de narrativas pessoais, feitas diretamente de pessoa a pessoa” (Meihy, 2002, p. 13). O método da história oral é uma abordagem subjetiva que busca registrar a perspectiva dos indivíduos e grupos sociais. Dessa forma, chegamos ao conceito essencial de memória na história oral. A narrativa se torna fundamental, pois é a partir delas que as experiências e memórias são transmitidos.

A pesquisa é de natureza bibliográfica e inclui uma pesquisa de campo. Para analisar a temática proposta, este trabalho contou com uma revisão bibliográfica que, Segundo Severino (2013), “A pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrentes de pesquisa anteriores, em documentos impressos, com livros, artigos, teses” (Severino, 2013, p.106). Envolveu leitura e fichamentos de livros, artigos já estudados, com contribuições de autores anteriores. Enquanto a pesquisa de campo é um tipo de investigação

que envolve a coleta de dados em um ambiente real, ou seja, a parte prática. Segundo Severino (2013), enfatiza que:

O objeto/fonte é abordado em seu meio ambiente próprio. A coleta dos dados é feita nas condições naturais em que os fenômenos ocorrem, sendo assim diretamente observados, sem intervenção e manuseio por parte do pesquisador (Severino. 2013, p. 200).

Segundo Severino (2013), a pesquisa de campo proporciona uma análise mais profunda dos dados coletados de um determinado grupo, através de questionamentos direto com às pessoas.

A técnica da pesquisa realizou-se pela coleta de dados através de entrevistas, que continha perguntas abertas para que os narradores, livremente, se sentissem confortáveis. As entrevistas foram registradas por meio de um aparelho celular, através de gravação, permitindo a obtenção de informações detalhadas enquanto observávamos os indivíduos em seu ambiente natural. As entrevistas foram realizadas com êxito, sem dificuldades ou recusa por partes dos entrevistados. Ressalta-se que as transcrições das entrevistas constam nos anexos deste trabalho. Foi explicado o objetivo do trabalho e o que se tratava a pesquisa, todos foram muito espontâneos em aceitar participar disponibilizando um pouco de seu tempo para a pesquisa.

A pesquisa de campo foi realizada com três moradores da Comunidade Quilombola do Distrito de Santa Tereza do Matupiri, localizada no Município de Barreirinha-Amazonas, nos dias 10 e 11 de fevereiro de 2025. Os entrevistados são agricultores comunitários que contribuem para o desenvolvimento da comunidade, sendo estas informações significativas para a pesquisa.

Após a coleta das informações gravadas passamos para uma das partes mais delicadas, a transcrição, este o processo envolve a conversão da forma oral para a escrita. Como enfatiza Alberti (2013), “Trata-se de um primeiro e decisivo esforço de traduzir para linguagem escrita aquilo que foi gravado. Por sua importância é necessário que todos os esforços se dirijam para a qualidade do trabalho produzido, o que significa ser fiel ao que foi gravado”. A dificuldade principal reside nessa etapa, pois exige esforços necessários para uma boa compreensão do trabalho, especialmente em relação à linguagem, onde várias palavras necessitaram de notas de roda pé, explicativas.

Como bem enfatiza Alberti (2013), “em que consiste o processamento de uma entrevista. As tarefas nele envolvidas requerem dedicação, paciência e sensibilidade”. Essas

três qualidades são fundamentais, pois exigem escuta atenta e cuidado. É necessário realizar um enxugamento das palavras repetidas ou incompletas.

A pesquisa foi dividida em partes, fez-se uma descrição por capítulos. No primeiro aborda-se o referencial teórico. O segundo capítulo descreve os procedimentos da pesquisa a metodologia utilizada. No terceiro capítulo, são apresentadas as análises dos dados, provenientes das narrativas dos moradores quilombolas. Este capítulo destaca a toponímia da comunidade, as histórias de vidas e os casos, observando quais tipos de histórias de velhos negros ainda são contadas ou recontadas pela comunidade.

Também foi realizada uma investigação sobre as fontes de renda da comunidade, incluindo as bases econômicas como a pescaria, agricultura e o cultivo da farinha. Por fim, são discutidos as narrativas e os aspectos mais relevantes que foram analisados. Para isso, utilizou-se a técnica da entrevista individuais com três moradores quilombolas, a partir dos dados obtidos, buscando compreender os significados atribuídos pelos indivíduos aos seus contextos e vivências.

CAPÍTULO III: ANÁLISE DE DADOS

3.1 NARRATIVAS QUILOMBOLAS DE SANTA TEREZA

Este capítulo apresenta a análise dos dados coletados por meio de entrevistas realizadas com moradores da comunidade quilombola Santa Tereza, revelando conhecimentos e experiências. As narrativas orais, que são foco central deste trabalho, foram organizadas em seis partes temáticas, mas concentra-se principalmente em duas, as narrativas de vida e de causos, baseando-se nas falas dos interlocutores e na escuta atenta de suas memórias e vivências.

Essa abordagem respeita a lógica da oralidade e os sentidos que os próprios narradores atribuem as suas experiências. Inicialmente, é feita uma contextualização sobre a origem do quilombo Santa Tereza e o estabelecimento de suas raízes. Em seguida aborda-se a toponímia da comunidade, onde cada nome conta uma história própria que se entrelaçam com as narrativas orais, ajudando a resgatar a essência do lugar. O texto prossegue com as narrativas de vidas e causos, além, dos elementos relacionados à tradição, costumes, religiosidade e as bases econômicas da comunidade

3.2 CONTEXTO E ORIGEM DO QUILOMBO SANTA TEREZA.

O Distrito de Santa Tereza é um espaço repleto de histórias e vivências que, ao longo dos anos, moldaram sua identidade e cultura. Localizada na zona rural do município de Barreirinha-AM, essa comunidade tem raízes que remontam ao século XIX. Como consta, Ranciaro¹ (2016). Tem como fundador Benedito Rodrigues da Costa um ex-escravo, chegou ao município de Barreirinha em 1878, Benedito foi liberto em 1884, por Theodoro Souto e decidiu ficar na região, casando-se com Gerônima filha da Indígena Júlia Sateré. Sendo o primeiro a explorar as cabeceiras do rio Matupiri, em 1933, Maria Tereza Albina de Castro, filha de Benedito, tornou-se a primeira moradora da nova comunidade, conhecida como Ponta da Vila, onde fundou a igreja de São Sebastião. Devido as enchentes do Rio Andirá, as

¹ Ver Tese de Doutorado, de RANCIARO, Maria Magela Mafra de Andrade. Os cadeados não se abriram de primeira: construção identitária e a configuração do território de comunidades quilombolas do Rio Andirá (Município de Barreirinha – Amazonas) / Maria Magela Mafra de Andrade Ranciaro. 2016.

comunidades se dividiram entre o núcleo original e o povoado de Santa Tereza do Matupiri, tendo seu reconhecimento oficialmente como comunidade em 1980.

Ressalta sobre a fundação e desenvolvimento inicial da comunidade de Santa Tereza do Matupiri, desde então, os moradores têm se dedicado a construir um legado que reflete suas tradições, lutas e conquistas. Ao longo das décadas, a comunidade enfrentou diversos desafios, como desastres naturais, crises econômicas e questões sociais. No entanto, também celebrou vitórias que fortaleceram seus laços e a resiliências de seus membros. Uma dessas vitórias foi o reconhecimento oficial da comunidade como Território de Remanescente de Quilombo.

De acordo com o IBGE², a comunidade quilombola do Rio Andirá, localizada no Município de Barreirinha/Amazonas, tem 1.143 pessoas autoidentificadas como quilombolas. Em 2024, o Quilombo do Rio Andirá foi reconhecido como Terra Remanescentes de Quilombo pela União, por meio da Portaria nº 496, de 15 de maio. O reconhecimento foi oficializado no Diário Oficial da União no dia 17 de maio (fontes: IBGE 2023).

Esses dados trazem o reconhecimento do território, assim, também como o total de pessoas autoidentificadas como quilombolas. Rocha (2016). “As comunidades quilombolas do Rio Andirá, situadas no Município de Barreirinha, no Estado do Amazonas, lutam há mais de dez anos para receberem o título de quilombola e a posse definitiva de terra” (Rocha, 2016, p. 134). Esse reconhecimento, é extremamente significativo para a comunidade Santa Tereza, que, desde de 2013, vem lutando por reconhecimento de seu território.

3.3 A TOPONÍMIA DA COMUNIDADE QUILOMBOLA SANTA TEREZA-MATUPIRI

Nesta narrativa, fez-se uma apresentação da toponímia da Comunidade Quilombola Santa Tereza Matupiri, localizada no Município de Barreirinha-AM. É importante destacar que os nomes não apenas identificam locais, mas também revelam a rica tapeçaria cultural da comunidade. Atualmente, o Quilombo Santa Tereza, abriga 150 famílias e 636 pessoas que residem nesse território, vivendo da agricultura, como a plantação de roças, da pesca, e dos artesanatos, enquanto preservam suas tradições religiosas e culturais. Segundo Curvelo e Nascimento (2024),

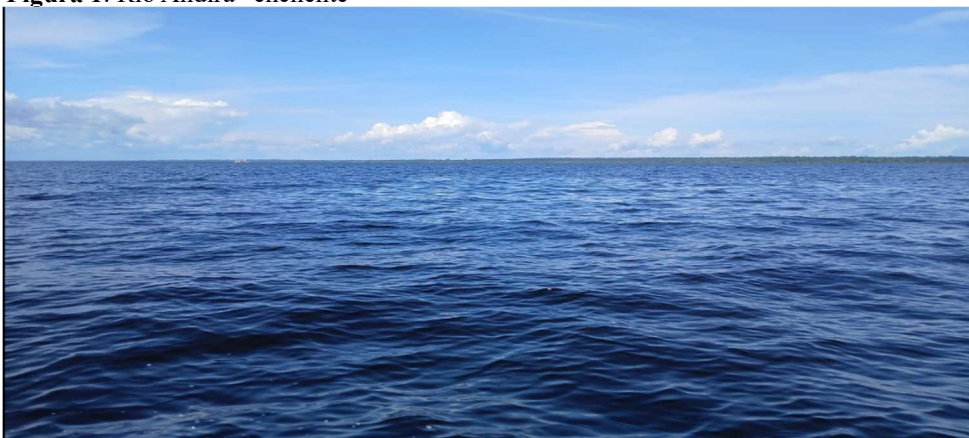
a toponímia é a parte dos estudos linguísticos/lexicográficos onde são concentradas as pesquisas, as contribuições de estudos sobre os topônimos, isto é, sobre nomes de lugares, com suas especificidades geográficas/físicas e/ou antropoculturais (Curvelo, Nascimento, 2024, p. 90).

² Fontes: bncamazoniareal.com.br

A citação de Curvello e Nascimento (2024), conceitua toponímia como sendo um campo de estudo dos nomes de lugares sejam eles cidades, rios, montanhas, bairros etc., com foco nas suas origens e significados. Para a referida autora este é um campo de estudo que nos ajuda a desvendar as complexas camadas de significado por trás dos nomes dos lugares, interligando à língua a questões sociais e antropológicas sobre a terra e a cultura. “A ação de nomear as coisas sempre esteve presente na humanidade” (Isquierdo, 2019, p. 29). Nomear permite que as pessoas organizem informações sobre o mundo ao seu redor, ao atribuir nomes a objetos, conceitos e experiências entendemos melhor a realidade. Portanto, nomear não é apenas identificar, é também atribuir significado, os nomes tem um papel importante na construção da identidade cultural e pessoal, refletindo a história, valores e tradições de um grupo ou indivíduo, preservando sua cultura ao longo do tempo.

Para ilustrar a descrição toponímica deste lugar, apresentou-se um pouco sobre o Rio Andirá, que é o meio pelo qual chegaremos ao destino desta pesquisa, a comunidade Santa Tereza. O Rio Andirá³, é marcada principalmente por uma volumosa bacia hidrográfica que se estende por vários quilômetros à jusante desse rio. Um dos fatores que influenciam a caracterização hidrográfica desse ponto do curso é a propensão à retenção grande massa d’água junto à sua foz. Diferentemente da maioria dos caudalosos rios amazônicos, o Andirá não é tributário de nenhum outro grande rio. Nas imediações da sua foz, encontra-se um paraná e alguns pequenos furos e braços de rios que, de maneira cerimoniosa, recebem a volumosa massa de suas águas.

Figura 1: Rio Andirá “enchente”



Fontes: Silva, 2025.

³ Memória e identidade nos relatos dos quilombolas das comunidades de Santa Tereza do Matupiri, Barreirinha, Amazonas.

Figura 2: Rio Andirá “vazante”



Fontes: Castro, 2025.

O Rio Andirá, localizado no estado do Amazonas, Brasil, é um afluente do rio Juruá e se destaca por sua importância ecológica e econômica na região, refletindo a rica diversidade cultural da Amazônia. Os rios são fundamentais para as comunidades locais, pois servem como fonte de água e recurso para as populações ribeirinhas e quilombolas que habitam suas margens, a pesca e agricultura são atividades comuns nessas áreas. Além disso, os rios podem ser utilizados para o transporte, facilitando o acesso as várias localidades.

Ao reportar ao rio Andirá e seus afluentes, é necessário ultrapassar o apelo à beleza, o exotismo da paisagem assim como os olhares reducionistas sobre a funcionalidade dos rios e matas como recursos, heranças do pensamento colonial. Sempre presente nas lentes que constroem representações e imaginários sobre o que muitos entendem por Amazônia, a percepção da paisagem é atributo de culturas e cosmologias dos sujeitos. Sua apreensão está ligada a paradigmas que orientam a maneira com que percebemos e interpretamos a realidade (Bartoli, 2024, p. 09).

Bartoli (2024), destaca as belezas das paisagens e ressalta que é preciso ir além da visão que a considera apenas como recursos, a percepção da paisagem amazônica é moldada pelo pensamento colonial e carrega marcas de um passado histórico, marcas essas deixadas pela colonização sobre os povos originários, principalmente indígenas e quilombolas, ele critica o esse pensamento colonial, que influencia ou distorcem a forma como as realidades são interpretadas.

Para os povos originários, os rios são permeados de aspectos afetivos, poéticos, cosmológicos e de pertencimento, elementos centrais de complexas e ricas formações sociais prósperas quase dizimadas pela invasão colonial. Foram refúgios e salvaguardas territoriais consolidando atualmente resistências à colonização que não finda. “Fujam para os rios!” Eis o mote a se reinterpretar (Bartoli, 2024, p. 9).

Bartoli enfatiza o significado profundo que os rios representam para os povos originários, tanto nos aspectos afetivos, poéticos quanto cosmológicos. Apesar da colonização,

os rios continuam sendo refúgio e espaços de resistências. Ao se falar sobre o valor simbólico dos rios, remete-se também à chegada dos primeiros fundadores da comunidade, descritos por Sebastiana.

No tempo da guerra, eles estiveram em cima daqueles barrancos. O navio passava e eles se abaixavam, procurando eles que tinham fugido. Eles contavam, entendeu? Até chegaram barcos que eles conheceram chamaram e pegaram eles, que foram ficando aqui, parece que foi pra Ponta Alegre, por aí se espalharam. E aí que vieram pra cá. Até na Freguesia,⁴ foi ficando gente. (Sebastiana Ribeiro, entrevista cedida em 10/02/2025).

Sebastiana relata a chegada dos primeiros moradores, destacando que eles se escondiam nos barrancos dos rios. Esses locais funcionaram como refúgios e esconderijo, a partir dos quais as pessoas foram, gradativamente, se espalhando pela região.

Enfim, nos parece que os holofotes e olhares dominantes sobre a Amazônia tem delegado maior visibilidade às matas, florestas e biodiversidade, obscurecendo a relevância dos rios e das populações rurais e urbanas. Dessa feita, oculta-se e apaga-se memórias dos povos originários (Bartoli, 2024, p. 9-10).

Bartoli argumenta que os holofotes estão voltados para as belezas da floresta e para o que ela pode oferecer em termos de riqueza e diversidade. Contudo, essa ênfase acaba invisibilizando a relevância dos rios e povos originários que ali habitam, são esses rios que fornecem sustento e memória a essas comunidades. Ao dependerem dos rios, sua história e cultura se constroem em torno deles, mas essa dimensão é apagada pela visão dominante que prioriza apenas a natureza exuberante da floresta.

Após conhecer um pouco sobre o Rio Andirá, suas belezas, e o quão significativo é para a construção da identidade. Vejamos como Pedreno (2023), descreve o território e sua extensão, especificamente a comunidade Quilombola Santa Tereza do Matupiri.

Localiza-se no território quilombola na microrregião do rio Andirá, na margem direita, estando ao sul do município de Barreirinha, fronteira com Amazonas/Pará. O rio Andirá é um “braço” afastado do rio Amazonas, essa volumosa bacia hidrográfica se estende por vários quilômetros, oposto de seu local de origem. O território quilombola do rio Andirá é maior em extensão do Amazonas, sua área total é de 32, 368 hectares, esse perímetro se estende desde o núcleo Págoa até a Cabeceira das Formigas [...] (Pedreno, 2023, p.50).

Na citação de Pedreno (2023), há uma descrição detalhada de todo território e de sua localização geográfica da comunidade, situando a comunidade na microrregião do rio Andirá, no município de Barreirinha, na fronteira entre Amazonas e Pará.

⁴ Distrito/Comunidade localizado as margens do Rio Andirá.

Para acessar as comunidades quilombolas do rio Andirá por Barreirinha, há um furo denominado de Pucú, um curso de água que interliga o Paraná do Ramos e o rio Andirá. Este vem abrigar vinte e três comunidades rurais, sendo cinco delas quilombolas, pertencentes ao território Quilombola do rio Andirá, que se estende do núcleo Pagoá até a cabeceira das Formigas. [...] As vias de embarcação são de grande porte pequeno porte, o primeiro como barcos, que geralmente fazem transporte de passageiros, já os de pequenos portes como canoas e botes de alumínio (Pedreno, 2023, p. 50).

Pedreno faz uma descrição detalhada sobre a localização, ou seja, todo o percurso necessário até se chegar a essa localidade. Partindo da cidade Barreirinha, Município na qual estamos situados, percorre-se o furo do Pucú até adentrar ou melhor, atravessar o imenso Rio Andirá, em direção às comunidades quilombolas, refiro-me às comunidades, pelo fato de passarmos por duas comunidades delas antes de chegar. Além do percurso, Pedreno também menciona os meios de transporte mais são utilizados na região, como barcos, canoas e botes de alumínio. Esses meios são essenciais para a locomoção, uma vez que se trata de uma área fluvial, cujos afluentes são rios e cursos de água menores que desaguam em rios principais.

Como ressalta Pedreno (2023), a comunidade Quilombola Santa Tereza “é um braço afastado do rio Amazonas” sendo a última comunidade situada nesse braço. Ao atravessar o Rio Andirá, passamos pelo núcleo Pagoá, que faz parte do território quilombola, além das duas comunidades mencionei anteriormente, o Quilombo Itaquara, e o Quilombo de Boa-Fé. Desta forma, podemos avistar o Quilombo Santa Tereza.

Os topônimos, que se refere aos nomes de lugares, podem ser classificados em diferentes categorias, como de cidades, rios montanhas e bairros, cada categoria pode apresentar características distintas em sua formação e uso, muitos nomes de lugares, como cidades são derivados de palavras indígenas, coloniais ou influências culturais específicas que refletem a história da ocupação humana na área.

O topônimo não é apenas uma denominação que dada localidade tem para indicar o endereço de uma pessoa, mas o elemento local que nos permite conhecer os fatores sociais que permearam a habitação de uma dada localidade, assim como as relações de poder, políticas, culturais ali presentes (Curvello, Nascimento 2024, p. 93).

Percebemos que um topônimo não serve apenas para indicar um endereço, mas também carrega significados, identidade, memória, história e cultura, revela assim os fatores sociais, políticos e culturais que influenciam uma determinada localidade. Os topônimos são parte integrante da localidade e ajudam a compreender a história do lugar.

Nesse caso, o topônimo adotado em determinada comunidade, permanecendo ou não como unidade do léxico, documenta fatores antropoculturais e físicos que nos

permitem conhecer, entre outros, aspectos da vida psíquica, cultural e espiritual de um grupo social (Curvello, Nascimento, 2024, p. 93).

Curvelo e Nascimento (2024), apontam que o topônimo, seja ele ainda usado ou não, serve como um espelho de fatores antropoculturais e físicos. Essa documentação nos permite mergulhar na vida psíquica, cultural e espiritual de um grupo social, permanecendo ou não como unidade do léxico. É importante perceber que a existência de um nome, mesmo que não seja mais o oficial ou o mais comum, é relevante. Por exemplo, muitos locais no Brasil ainda são conhecidos por nomes antigos ou populares que coexistem com os oficiais. A persistência ou a mudança de um nome pode indicar a força de uma tradição da memória daquele local. Sobre a história local, tradições costumes, festividades, e os físicos, como a presença de características naturais, como os rios e lagos. Como Ranciaro (2016), frisa que:

Local hoje conhecido como Ponta da Vila, onde se mantém a Igreja de São Sebastião, fundada por incentivo de Maria Tereza. Devido às fortes enchentes do rio Andirá, hoje as comunidades se dividem em dois locais: o antigo núcleo fundado por Maria Tereza e, nas proximidades, em terra mais elevada (Ranciaro, 2016, p. 167).

Como menciona Ranciaro (2016), a “Ponta” é o espaço que estão localizados a capela de São Sebastião, o museu, o barracão da igreja, o campo de futebol, que leva nome de Manoel Ribeiro, e as belas praias que surgem no período da vazante. Nesse mesmo período, ocorre o Festival Quilombola de Verão, realizado no dia da Consciência Negra. Este espaço funciona como um ponto de referência e é considerado o “cartão postal” da comunidade, por sua paisagem encantadora à primeira vista. A ponta é o local onde a comunidade tem início e é frequentemente

Figura 4: Frente da comunidade Santa Tereza “A Ponta”



Fontes: Castro, 2024.

Figura 3: Museu e Capela de São Sebastião

Fontes: Castro, 2024.

referida como “ponta” ou “frente”, uma expressão típica bastante utilizado pelos moradores. Essa divisão, mencionada anteriormente, originou-se em decorrência das fortes enchentes, sendo um aspecto destacado e também questionado na entrevista com dona Sebastiana.

Manoel Pai de Sebastiana, mas não ia no fundo essa ponta aí, bem onde é, aquela casa lá era a igreja, bem na ponta, a água chegava até meio perto, não ia muito, de certo tempo foi já pro fundo. **Sebastiana**, como estava falando, acho que com o calor da gente, a terra cresce, né? Porque, quando eles tinham casa, as pessoas tinham casa lá, nunca foi pro fundo aquele pedaço lá, depois que cada um se mudou pra cá e começou, a terra, afundou, foi afundando. **Manoel Pai de Sebastiana**, aquele campo tudo tempo nós jogávamos bola, tudo tempo aí. **Sebastiana**, depois disso, como nós temos indo pra lá, que tem a casa, fazemos aquela festa lá, não foi mais no fundo, ano passado, não foi no fundo, nem o campo não foi no fundo, estava falando, será que o calor da gente que a terra tufa? **Manoel Pai de Sebastiana**, que a cobra que estava aí embaixo se remexeu tudo [risos]. (Sebastiana e seu pai Manoel, entrevista cedida em 10/02/2025).

Aqui temos um diálogo entre pai e filha. Manoel recorda que, antigamente a ponta não afundava, foi com o passar do tempo que esse fenômeno começou a ocorrer. Sebastiana supõe que o calor humano, faz a terra crescer, pois, quando os primeiros moradores tinham suas casas ali, essa parte da comunidade não afundava. Posteriormente, com a mudança dos moradores para o centro da comunidade, a terra teria cedido, facilitando para os fenômenos naturais, como as enchentes. Atualmente, com o retorno de construções e residências nessa área, a terra já não afunda mais, ou seja, segundo Sebastiana, a presença humana reativou a força do solo. No entanto. Manoel interpreta o fenômeno a partir da tradição oral, baseando-se no mito da cobra grande, que estaria se movimentando sob a terra e causando essas alterações.

Uma igrejazinha na frente, a mamãe disse que a primeira igreja, mas lá na frente era de palha, pequenininha. Mas depois que reuniram o pessoal, tudo se juntavam, que fizeram essa igreja que tá, em pé aí. **Pesquisadora**, é antiga, né? **Sebastiana**, É antiga, por isso, tem gente que diz, mas por que não aumenta mais, eu não posso mexer mais, não posso aumentar ela nem pra frente nem pra traz, só tenho que conservar ela, que

ela é uma história patrimônio da comunidade. Então a gente não pode derrubar ela de jeito nenhum, se derrubar ela, a gente pode pegar um processo ainda, isso me explicaram assim, então, por isso que a gente só pode reformar ela, só mesmo para não perder a cultura, não perder a igreja. (Sebastiana Ribeiro, entrevista cedida em 10/02/2025).

Dona Sebastiana descreve como foi construída a primeira igreja de São Sebastião, feita de palha, com a ajuda dos comunitários da comunidade. Essa construção, que permanece até hoje, é considerada por ela um patrimônio histórico da comunidade. Sebastiana ressalta a responsabilidade de conservá-la, com a mesma estrutura, sem modificações, para não perder a cultura local. Esse tipo de construção e o valor simbólico que carrega podem ser compreendidos como “lugares da memória”, conforme analisa Pollak (1989). Tais lugares, conforme Pierre Nora, são “o patrimônio e seu estilo, que nos acompanham por toda a nossa vida, as paisagens, as datas e personagens históricas de cujas importância somos incessantemente lembrados” (Nora, Apud Pollak, 1989, p. 01).

Esta foi elevada à categoria de Distrito em 30 de abril de 2010, pela Lei Municipal nº 096/2010, teve como mentor o vereador Branco Baraúna. Possui atualmente divisão em três bairros, Centro, Pedra Branca e Santíssima Trindade e ruas nomeadas fazendo referências aos antigos moradores (Pedreno, 2022, p. 33).

Como ressalta Pedreno, de comunidade foi elevada à categoria de Distrito, ou seja, passou a ser uma unidade administrativa interna do município. Com isso, iniciou um processo de organização em bairros e de nomeação das ruas. “O processo de nomeação dos logradouros não é feito de forma aleatória, já que o nomeador representa, nos topônimos, os elementos que deseja simbolizar, homenagear, perpetuar, memorizar.” (Curvello, 2014, p. 15). A nomeação das ruas que fazem referências aos antigos moradores, é um exemplo desses elementos, que simbolizam e homenageiam pessoas significativas para a comunidade, pois são nomes que carregam consigo histórias e significados. Curvello (2014), acrescenta que:

No primeiro momento dessa atividade, o ato é espontâneo, obedece às circunstâncias do tempo presente, mas quando esse *lugar* adquire *status* de município, cidade, vila ou bairro, o nome, quando não é mudado, deve se adequar às normas toponímicas, estabelecidas por órgãos oficiais que podem ir da mais alta instância nacional, como é o caso do Governo Federal, à instância local, a exemplo do Governo Estadual e Municipal (Curvello, 2014, p. 15).

Curvello (2014) destaca como a escolha de nomes são atribuídos e modificados, inicialmente, um lugar pode receber um nome de forma espontânea dependendo das circunstâncias do momento. No entanto, quando esse recebe local se torna oficialmente reconhecido como município, cidade, vila ou bairro o nome deve seguir normas toponímicas

estabelecidas por órgãos governamentais. Além disso, é importante considerar que as normas toponímicas não apenas garantem a padronização dos nomes, mas também refletem aspectos culturais e históricos da região, a escolha dos nomes pode envolver a preservação de referências locais homenagens a figuras importantes.

Dando continuidade com apresentação da comunidade. Tem uma igreja Adventista do Sétimo Dia, frequentada por um número reduzidos de pessoas, sendo que a maior parte da comunidade se declara católica. Na área da saúde, em 2022, foi inaugurado a UBS Manuel Silvestre Rodrigues da Costa, um espaço de grande importância que atende a saúde da população do território quilombola. Anteriormente, por muito tempo, a comunidade ficou dependente de unidades de saúde de outras localidades (UBSs) para atender às suas demandas, o que tornava o acesso precários a população.

Figura 5: Porto da comunidade, UBS, Escolinha e Sede Social.



Fontes: Silva, 2025.

Na área da educação, há duas escolas. A primeira, conhecida como “Escolinha”, foi construída com nome da comunidade: Escola Municipal Santa Tereza. Na época, atendia da Educação Infantil ao Ensino Médio até em 2012. Pois com o crescimento contínuo da demanda e a limitação de espaço, a escola possuía apenas três salas, tornou-se necessário construir uma nova unidade. Assim, em 2012, foi inaugurada a nova escola, com uma estrutura maior, mantendo o mesmo nome: Escola Municipal Santa Tereza. Atualmente, atende ao mesmo público, desde o Maternal, Ensino Fundamental I e II, até o Ensino Médio com Mediação Tecnológica.

E em 2022, a escolinha foi reinaugurada após passar por reformas e atualmente atende ao público da Educação Infantil. Em reunião realizada com pais e professores, foi acordado a

desvinculação da Escolinha da escola maior, uma vez que as duas instituições ficam distantes e possuem apenas uma gestão. Essa desvinculação visa somar esforços e gerar novos empregos, a proposta foi aceita mantendo-se o mesmo nome, já que a escolinha é uma das mais antigas da comunidade. A escola maior passou a ser chamada de Benedito Rodrigues da Costa, em homenagem ao fundador da comunidade.

Figura 6: Escola Prédio Novo



Fontes: Pedreno, 2025.

No porto da comunidade, há um letreiro com uma estrela e a inscrição “Matupiri”. Na área social, existe a Sede Social Sinésio Alves (in memoriam), um espaço destinado a reuniões, encontros, e lazer para os membros da comunidade. Este espaço foi em homenagem ao morador que contribuiu significativamente como presidente da comunidade e cuja residência fica ao lado da sede.

Figura 7: Letreiro



Fontes: Silva, 2025.

No que diz respeito ao esporte a comunidade conta com dois campos de futebol: o primeiro mencionado anteriormente, localizado na área da frente, e o segundo chamado Antônio Belém, situado no centro da comunidade. Ambos os campos foram criados por presidentes que

contribuíram como suas experiências no esporte. Além disso, há uma quadra de esporte pertencente a escola.

Na parte religiosa, existem duas igrejas a de Santa Terezinha, padroeira da comunidade, que fica no centro, e a de São Sebastião mencionado anteriormente, localizada na área da frente. O Centro Cultural Marcia Pedreno Viana (in memoriam), também teve um papel significativo na promoção das atividades da igreja.

Figura 8: Igreja de Santa Terezinha e Centro Cultural Márcia Pedreno



Fontes: Silva. 2025.

A comunidade ainda conta um parquinho para as crianças. Uma cozinha em construção pertencente a igreja Santa Terezinha, e um cemitério situado na área da Igreja. No que diz respeito ao saneamento básico, a comunidade enfrenta sérios desafios, pois não dispõe de um sistema adequado e nem de lixeira, o poço artesiano, que abastece água encanada para a população, está situado próximo à igreja. Embora atenda a demanda da comunidade, suas condições são precárias e frequentemente requerem manutenção, resultando em períodos em que os moradores ficam sem água potável e precisam se deslocar até o rio.

Em relação a agricultura, existe uma casa de farinha onde os moradores fazem suas produções agrícola, como a fabricação de farinha e seus derivados. Além desses ambientes essenciais para a comunidade, as ruas são nomeadas em homenagem a pessoas que contribuíram para o desenvolvimento local, incluindo lideranças religiosas e administrativas professores e outros. A diversidade cultural presente em Santa Tereza, testemunha de sua rica histórica e contribui para a formação de uma identidade única.

Nesse contexto, o resgate da memória coletiva torna-se fundamental para compreender não apenas o passado, mas também as aspirações futuras da comunidade. Através da literatura,

da arte e das narrativas orais, é possível preservar as experiências que moldaram o cotidiano de seus moradores, garantindo que as vozes do passado continuem a ecoar no presente.

3.4 NARRATIVAS DE VIDAS

Este tópico aborda as narrativas de vida, iniciando com uma breve contextualização sobre a literatura oral e, em seguida discutindo as narrativas de vida. A literatura oral é uma manifestação das fontes orais. Segundo Meihy (2002), entende-se por “literatura oral todas as narrativas transmitidas oralmente e com estrutura de conto, poesia, “causos” não escritos e mantidos na tradição popular” (Meihy, 2002, p. 18). Considerando que a literatura oral se manifesta por meio da oralidade e envolvendo diversas formas como contos, poesia, causos, canções, provérbios, ela é fundamental para a identidade de um grupo e para a preservação da memória e da história. Isso é especialmente relevante para aqueles que não utilizavam a escrita, pois permite conservar seus conhecimentos, experiências e a história de seus antepassados, assim, enriquece memórias e transmite sabedoria, hábitos, e costumes de uma comunidade.

As narrativas são uma parte importante da literatura oral, que abrange todas as formas de expressão artística transmitidas por meio da palavra falada, ou seja, sem a necessidade de registros escritos. Nesse contexto, a “literatura oral tem sua gênese a partir da existência dos primeiros povos que habitaram a terra. [...] somente após a transição para o universo letrado foi possível registrar essas narrativas, oriundas da tradição oral” (Trindade, Curvelo, Nascimento 2024, p. 101). Ressaltam que a literatura oral teve sua origem com os primeiros povos e, somente após o desenvolvimento da escrita transição foi possível documentar essas narrativas que antes eram transmitidas oralmente.

Portanto, a literatura oral existiu antes da escrita e é considerada uma das mais antigas formas de comunicação na história da humanidade. Segundo Barthes (2011, p. 19), “a narrativa começa com a própria história; não há em parte algum povo algum sem narrativa”. Isso enfatiza que a narrativa é inerente a história humana e se faz presente de maneira universal em todos os povos. Nenhuma civilização existe sem alguma forma de narrativa, todos os povos possuem suas próprias histórias, mesmo que muitas não tenham sido escritas ou reconhecidas, cada cultura desenvolve sua maneira de contar suas histórias.

“Estas narrativas são apreciadas em comum por homens de culturas diferentes, e mesmo opostas; a narrativa ridiculariza a boa e má literatura” (Barthes, 2011, p. 19), argumenta que a narrativa, por sua própria natureza, não se limita as convenções de boa e má literatura, ela existe para além desses julgamentos de valor e é universalmente apreciada por pessoas de diferentes

culturas. A literatura promove o resgate de histórias, nas quais essas narrativas trazem representações culturais, elas abordam temáticas que se entrelaçam entre memória e identidade, aspecto que são fundamentais para o enriquecimento cultural, “à narrativa está aí, como a vida” (Barthes, 2011, p. 19) enfatizando que ela é algo tão essencial que se trata de uma invenção, mas sim de uma condição inseparável da existência humana.

Antes da escrita, a oralidade era a única forma de registrar e transmitir a existência humana. Nesse contexto, em que as narrativas são uma parte importante da literatura oral, abrangendo uma diversidade de formas que permite a expressão da subjetividade e do imaginário humano, essas narrativas se entrelaçam com a memória coletiva e os mitos da comunidade, pois quem narra suas vivências não está apenas contando sua história pessoal, mas também a história de seu povo, suas lutas e seus ensinamentos, levando em considerações as tradições, crenças e costumes.

Os temas destacados mostram as vivências dos entrevistados e a forma como suas histórias se entrelaçam, revelando experiências e conhecimentos que muito a nos ensinar. Nesse sentido, essas narrativas podem nos ajudar a entender melhor a nós mesmos, nossas comunidades e o mundo ao nosso redor. Para compreender este trabalho é importante situar o lugar de fala desses narradores, que são moradores da Comunidade de Santa Tereza do Matupiri. Como destaca as autoras “É importante conhecer a história de vida das pessoas para compreender o lugar de fala” (Nascimento, Curvelo, 2024, p. 133). Este conceito refere-se à posição social, histórica e cultural de um indivíduo ou grupo, que influencia sua maneira de se manifestar, o lugar de fala quilombola é a voz que compartilha e defende a comunidade reconhecendo-se como quilombola a partir de sua história e práticas culturais, embora o reconhecimento oficial por parte do Estado seja um processo complexo, o importante é a autoafirmação e o protagonismo das comunidades em suas próprias narrativas.

Conforme Rocha (2016), “compreender como a comunidade do Matupiri se diz, se auto identifica quilombola, passa antes de tudo por reconhecer e entender os inúmeros processos e formas de conhecimento por eles acionados e utilizados” Portanto, as falas desses moradores representam vozes que emergem de séculos de resistências e lutas por reconhecimento, são vozes que nos ensinam sobre resiliência e a importância de preservar a identidade e a cultura.

A primeira entrevistada é Maria Amélia dos Santos Castro, 64 anos, Técnica Agrícola.

Eu sou Maria Amélia⁵, meu nome é Maria Amélia dos Santos Castro, tenho 64 anos, sou filha de Benedito Pereira de Castro (conhecido como Ferro) minha mãe, o nome

⁵ Entrevista concedida por Maria Amélia dos Santos Castro em 10 de fevereiro de 2025.

da minha mãe era Dorvalina (conhecida como Doca) é, eu vim dessas raízes né, e hoje estou aqui cumprindo mais uma missão dentro da minha comunidade quilombola. A minha trajetória é essa, nasci, cresci e hoje eu luto pelos direitos dos quilombolas. [...] Então eu permaneço aqui, tenho muita vontade de mudar muitas coisas ainda e deixar muitos legados para as pessoas que vierem, eu quero falar sobre o legado de quem veio antes de mim e depois de mim, pra ficar na história. (Maria Amélia, entrevista cedida em 10/02/2025).

Narrativa de vida de Maria Amélia dos Santos, conhecida como Lurdes, é moradora do quilombo Santa Tereza. Formada em Técnica Agrícola, é vice da liderança da Federação dos Quilombolas, no referido local. Amélia ressalta suas raízes e sua trajetória de vida dentro de sua comunidade quilombola, afirmando estar cumprindo sua missão ao lutar pelos direitos dos quilombolas, ela destaca ainda o desejo de promover mudanças, trazer melhorias para a comunidade, contar a história de povo e deixar seu legado para futuras gerações.

Figura 9: Maria Amélia dos Santos Castro



Fontes: Castro, 2025.

O segundo entrevistado é Moisés Andrade de Souza, 68 anos, agricultor aposentado. Sua esposa, Perpetua, 59 anos, agricultora, também participou.

Moisés⁶ Andrade de Souza, tem 68 anos. Eu nasci em 1956. A minha profissão era quando eu trabalhava em lavragem, setor de vassoura, tirava a casca. Hoje já sou aposentado. Nascido aqui na nossa comunidade, Santa Tereza do Matupiri. E aí, eu sou muito pobre. Mas pobre de mulher. Aí eu arranjei, uma mulher, que até agora estou com ela, nos casamos quando eu estava com uns 30 anos já, velho estava quase morrendo como um cachorro [risos]. Aí eu faço vassoura eu e minha parceira, é parceira do trabalho a gente faz roça, farinha, a gente faz beiju também de todos os tipos faz beiju, e agora eu sofri uma doença que é uma doença incurável que é diabetes, mas eu estou vivendo ainda, tem esperança se Deus quiser de viver mais ainda no mundo. (Moisés Andrade, entrevista cedida em 10/02/2025).

Narrativa de vida de Moisés Andrade, conhecido como Lulu, é morador da comunidade. Atualmente aposentado, ele foi agricultor e ainda hoje produz vassouras. Moisés se considera

⁶ Entrevista concedida por Moisés Andrade de Souza em 10 de fevereiro de 2025.

pobre, mas explica que essa pobreza não se refere a dinheiro, e sim a falta de uma parceira. Ele fala sobre seu casamento, e apesar das adversidades relacionadas à doença, demonstra grande esperança de viver por mais tempo.

Figura 10: Moisés Andrade de Souza



Fontes: Souza, 2025.

A terceira entrevistada é Sebastiana Ribeiro de Castro, 57 anos, que atua puxadeira, benzedeira. E seu pai, Manoel Pereira de Castro, 83 anos, também aposentado, participou da entrevista.

Eu morei 20 anos, acho que uns 30 anos por aí. 30 anos, na Ponta Alegre, voltei pra cá, pra ficar efetivo, em 2012, daqui não saio mais. **Pesquisadora**, a senhora tem quantos anos? **Sebastiana**⁷, eu tenho 57 anos, fiz este ano caminhando pra 58, eu fiz dia 20 de janeiro, 57 anos, no dia de São Sebastião. **Pesquisadora**, por isso Sebastiana? **Sebastiana**, por isso botaram Sebastiana que nasci no dia do aniversário dele. [...] Eu aprendi a puxar no meu sonho, aprendi benzer⁸ má, lá, má, que falam curar. (Sebastiana Ribeiro, entrevista cedida em 11/02/2025).

Narrativa de vida de Sebastiana Ribeiro, nasceu e cresceu na comunidade Santa Tereza, no entanto, seu esposo, na época, era da comunidade Ponta Alegre, onde morou por 30 anos. Em 2012, com muita firmeza, ela voltou à sua comunidade, da qual não pretende mais sair. Sebastiana fala sobre o significado de seu nome, que é uma homenagem a São Sebastião, por ter nascido no dia em que se comemora a festa do Santo. Essa tradição tem um significado simbólica na família de Sebastiana, ela também menciona seus dons como puxadeira, benzedeira, ajudando as principalmente crianças quando estão doentes.

⁷ Entrevista concedida por Sebastiana Ribeiro de Castro em 11 de fevereiro de 2025.

⁸ É uma prática ou ritual, que se faz quando alguém está doente.

Figura 11: Sebastiana Ribeiro de Castro



Fontes: Railson, 2025.

Esses são os moradores que foram entrevistados, pessoas que nasceram na comunidade, se autoidentificam como quilombolas, suas falas expressam suas realidades e trajetórias de vida. Para Bosi (1994), “A narração da própria vida é o testemunho mais eloqüente dos modos que a pessoa tem de lembrar. É a memória” (Bosi, 1994, p. 12). Ele enfatiza que a narrativa pessoal é a expressão mais clara do processo ativo e subjetivo de lembrar, revelando escolhas, silêncios e ressignificações que o sujeito faz ao organizar suas lembranças, a própria memória se manifesta através dessa capacidade de narrar a si mesmo. Foi perceptível nas narrativas dos participantes, a forma como organizaram suas lembranças e como manifestaram narrando a si mesmo, a maneira como suas histórias reflete diretamente a memória, não se trata apenas de uma simples reprodução de acontecimentos, mas sim de uma construção subjetiva. A memória, não é um conjunto de informações, mas um processo dinâmico e pessoal que retrata como cada indivíduo narra sua própria existência. Conforme Bosi (1994), “A lembrança é a história da pessoa e seu mundo, enquanto vivenciada” (Bosi, 1994, p.68).

Bosi (1994), destaca que a memória não é um mero repositório de fatos vividos, mas sim uma construção subjetiva, ela não resume ao que aconteceu, mas aborda como essa pessoa vivenciou esses acontecimentos em sua própria trajetória e sua compreensão de mundo. Segundo Ricoeur (2003), a memória é uma reconstrução narrativa “falamos em reapropriação[...] é preciso falarmos igualmente da privação dos atores do seu poder originário, o de narrarem-se a eles próprios. É difícil destrinçar a responsabilidade pessoal dos atores individuais [...]”, a memória não é uma cópia do passado, mas uma reconstrução narrativa, onde o sujeito se lembra ao recontar, reinterpretar, lembrar é sempre um ato de mediação que aproxima o indivíduo do passado, quem lembra também narra, e essa narração é uma forma de dar sentido e continuidade ao vivido.

No contexto das narrativas quilombolas, onde a oralidade é um instrumento fundamental para a transmissão de saberes, essa construção da memória torna essencial para a preservação da cultura e da ancestralidade. Para Benjamim (1978), “Seu dom é poder contar sua vida: sua dignidade é contá-la inteira” (Benjamim, 1978, p. 221), isso ressalta que a capacidade de narrar a própria vida é um ato valioso do ser humano, não se trata apenas de relatar algo, mas de tecer, dar sentido e transmitir a experiência vivida, o ato de contar é, por si só, uma forma de dar significado a vida, construindo um ato de resistência e de afirmação. Segundo Pollak (1992) argumenta que “A priori, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa” (Pollak, 1992, p 201). Embora inicialmente vista como um processo psicológico individual, a memória também é atravessada por fatores sociais e coletivos, ela é influenciada pelas interações com outros indivíduos e grupos. Ao analisar as narrativas dos moradores, percebe-se que as memórias individuais ganham força justamente por estarem inseridas em um contexto de pertencimento.

Dessa forma, podemos observar nas narrativas de vida dos quilombolas, como as experiências se entrelaçam com a memória coletiva, formando um tecido rico e significativo que preserva a cultura e fortalece a identidade. As trajetórias retratadas nesta narrativa, oferecem uma compreensão das experiências humanas e das trajetórias individuais, onde cada experiência por mais simples que pareça, estão entrelaçadas na memória, na identidade e na cultura, elas nos permitem compartilhar experiências e transmitir conhecimentos.

3.5 NARRATIVAS DE CAUSOS/CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Neste tópico, abordamos as narrativas de causos, que estão voltados para a história popular, essas histórias são contadas de forma engraçada, contagiante, leve e descontraída refletindo experiências do cotidiano e incorporando elementos regionais e costumes típicas do lugar. Ao ouvimos histórias, entramos em contato com realidades diferentes, assim como tempos, lugares e comportamentos diversos, essa comunicação é expressa através da oralidade. Segundo Amado e Ferreira (2000).

Abordar o fenômeno da oralidade é ver-se defronte e aproximar-se bastante de um aspecto central da vida dos seres humanos: o processo da comunicação, o desenvolvimento da linguagem, a criação de uma parte muito importante da cultura e da esfera simbólica humanas [...] principalmente aqueles pertencentes a sociedades rurais, onde os modos de transmissão e conhecimento ainda transitam de maneira relevante, pelos caminhos da oralidade (Amado e Ferreira, 2000, p 16).

Para as autoras, abordar a oralidade, é compreender um aspecto central da vida humana, relacionando a comunicação, a linguagem e a cultura, especialmente nas comunidades rurais onde o conhecimento ainda é transmitido oralmente. Nas contações de histórias, ou causo como diziam antigamente, a forma como eram narradas expressava sentimentos de medos, alegrias, tristezas e angustias. Essas narrativas tinham o intuito de transmitir lições sobre como respeitar não apenas as pessoas, mas também a natureza, lugares desconhecidos e hábitos que não eram seguidos ou respeitados frequentemente acarretavam em consequências. Para entendermos melhor esse contexto sobre a narrativa de causo, é necessário saber como as histórias eram contadas, quais os tipos de histórias que eram narradas e se ainda são contadas hoje. Vejamos os relatos dos entrevistados.

era em grupo quando iam contar uma história a gente ficava só de pano escutando história que estavam contando. E aí era interessante chegar nessa história que eles contavam para nós. À noite, nós estávamos todos reunidos, era a noite que era a história, eles contavam e ainda estavam assistindo as conversas dos velhos. As histórias que eles contavam, a história do boto, que o boto boia e que ele é muito perigoso por causa de gente de terra mesmo. Aí ele assobia, tudo ele fazia, aí nós ficávamos contando, mas eu não acreditava muito bem, agora eu já acredito que o boto, A gente estando assim na água, por cima da água ele assobia mesmo. Ele assobia [fiiiii] igual o tal de curupira da mata (Moisés Andrade, entrevista cedida em 10/02/2025).

Na fala de Moisés, podemos perceber a maneira como se reuniam em grupos durante a noite para ouvir histórias contadas pelos mais velhos, elas ficavam atentas apenas ouvindo. Uma das histórias que ele recorda é a famosa lenda do boto, que é muito conhecida. Inicialmente ele não acreditava na lenda, mas acabou por passar a acreditar.

As crianças naquele tempo se reuniam todos para escutar histórias, que as velhadas contavam, gostavam de contar história, pra não dormi cedo, que não tinha televisão, não tinha nada, não tinha energia, deixava a lamparina lá, e se reuniam para dormi, escutando história que os velhadas iam contar. **Manoel Pai de Sebastiana**, era bacana, que quando chegava as quatro horas da tarde, fazia as coisas, rezavam, agora não. (Sebastiana Ribeiro, entrevista cedida em 11/02/2025).

Na fala de Sebastiana, as crianças se reuniam para ouvir as histórias contadas pelos mais velhos, a contação de história servia como distração para que não dormissem cedo, já que, na época, não havia energia elétrica, a iluminação era garantida apenas pelas lamparinas e pela luz do luar, na visão de Manoel, isso era muito bom, pois ele percebia que todos se preparavam para aquele momento, era um costume, faziam as tarefas do dia, rezavam e encerravam com as contações de histórias, algo que não se faz mais nos dias de hoje.

e era assim, de tarde e de noite, eles faziam uma roda de conversa, enquanto eles ficavam conversando, a gente estava brincando de roda, estavam falando a história [...] conta a história pra gente, aí eu fui a gente perguntando, ele falou, vovô, por que a gente vive assim desse jeito? A gente é preto, porque tinha família branca, que as vezes vinham. Aí a gente ficava olhando assim de longe, nós tínhamos uma cor diferente. Aí, foi que ele falou, que a gente não podia ser branco, porque a gente tinha vindo de uma descendência de negro, não daqui ele disse, meu pai não era daqui dessa terra, ele era de terra estranha. Mas nós nascemos aqui e permanecemos, e a nossa história ficou como a dos negros (Maria Amélia, entrevista cedida em 10/02/2025).

Maria Amélia relata uma conversa com seu avô, onde as histórias eram contadas durante as tardes e noites, em de rodas de conversas, ela traz lembranças de brincadeiras de rodas, discute a diferença da cor de pele, explicando que eram pretos, descendentes de negros que, embora não tenham nascido ali, estabeleceram suas histórias naquele lugar. Esses relatos evidenciam a importância dos mais velhos, referidos como “velhos” ou “as velhadas”, pessoas que acumulam experiências e histórias valiosas a compartilhar.

Nesse sentido, Bosi (1994), afirma que a memória dos mais velhos representa uma evocação do passado, repleta de sentimentos, imaginação e afetividade, “a memória do velho é uma evocação pura, onírica do passado” (Bosi, 1994, p. 60). Elas refletem suas experiências vividas, contar essas histórias para os mais jovens é uma maneira de preservar a memória familiar e a das comunidades.

Pollak (1992) argumenta que as memórias se organizam em uma hierarquia “Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de “vividos por tabela” (Pollak, 1992, p. 201). O autor enfatiza que a memória individual é aquela que se refere às experiências vividas diretamente por cada um, enquanto as experiências vividas por tabela, são aquelas transmitidas por outras pessoas, ou seja, essas lembranças que incluem não apenas o que aconteceu individualmente, mas também o que aconteceu ao grupo, à família, ou à comunidade. É o que Pollak (1992) acrescenta o conceito de “memória quase que herdada” sugerindo que herdamos parte da memória de outras pessoas ou de um coletivo, que se insere em nossas próprias lembranças.

Halbwachs (1968) descreve a memória coletiva afirmando que “mas nossas lembranças, permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nos estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos” (Halbwachs, 1968, p. 26). Ele enfatiza que a memória não é apenas um fenômeno individual, mas social e coletiva, é construída ao grupo pela qual pertencemos. Nesse sentido, a memória individual está ancorada em quadros sociais, nossas lembranças pessoais são mantidas e organizadas dentro de referências coletivas. Halbwachs (1968), acrescenta que “certo a memória individual existe, mas ela está enraizada dentro dos quadros diversos”

(Halbwachs, 1968, p. 14). Esses quadros sociais incluem estruturas e práticas como linguagem, valores e hábitos, que possibilitam e condicionam a recordação, assim, a memória depende desses elementos para ser compartilhada.

Pollak (1989), desenvolve o conceito de memória enquadrada afirmando que “[...] uma história social individual, é também suscetível de ser apresentada de inúmeras maneiras em função do contexto no qual é relatada. Mas assim, como no caso de uma memória coletiva essas variações e histórias de vida são limitadas [...]” (Pollak, 1989, p. 14). Ele enfatiza que a memória enquadrada é controlada por estruturas sociais que operam dentro de limites, não é espontâneo nem livre, essas memórias estão sujeitas a regras como esquecimento, silêncio e medo, a memória é socialmente construída, mas certas formas de recordação são incentivadas, enquanto outras são reprimidas. Pollak (1989) afirma que “através do trabalho de reconstrução de si mesmo o indivíduo tende a definir seu lugar social e suas relações com os outros” (Pollak, 1989, p. 14). A reconstrução é uma forma de resistir a esse enquadramento por meio do testemunho, da oralidade, da tradição e da auto construção narrativa.

A narrativas de causos pode explorar tanto memórias pessoais quanto coletivas, transmitindo experiências compartilhadas de grupos e culturas. Segundo Bispo (2023), “No quilombo, contamos histórias na boca da noite, na lua cheia, ao redor da fogueira. As histórias são contadas de modo prazeroso e por todos” (Bispo, 2023, p. 13). O autor descreve a natureza comunitária e alegre da contação de histórias dentro de um quilombo, destacando que as narrativas são compartilhadas por todos os membros da comunidade, especialmente em momentos como o anoitecer, sob a lua cheia e ao redor da fogueira.

Essas tradições, retratam exatamente como essas práticas eram realizadas no quilombo, conforme relatado pelos moradores, enfatizando o prazer em contá-las. “Nós contamos histórias sem cobrar nada de ninguém, o fazemos para fortalecer a nossa trajetória. E não contamos apenas as histórias dos seres humanos, contamos também histórias de bichos: macacos, onças e passarinhos” (Bispo, 2023, p. 13). Ele ressalta que as histórias são compartilhadas para reforçar a identidade e senso de pertencimento, e que as narrativas não abrangem somente as experiências humanas, mas também as dos animais, ou seja, a relação com a natureza.

Vejamos alguns trechos das histórias que foram relatadas pelos moradores, elas entretêm, e mostram lições de vida. “Assim, a gente era muito andarino⁹ para andar pelo mato por aí, eu tinha a história que contam do jabuti, ah, essa daí é bonita. Mas eu vou contar a minha história mesmo” (Moisés Andrade, entrevista cedida em 10.02.2025). ele começou a falar sobre

⁹ Pessoa que gosta de andar

o jabuti, mas acabou contando uma experiência pessoal vivida com seus irmãos na mata, o que gerou muitas risadas.

Dona Sebastiana também compartilhou um trecho da história do jabuti, que costumava ser contada, cantada ou versada “do jabuti era cantado, que cantavam [jabuti tam, tam jabuti tam, tam,], [risos] é grande, essa história é muito grande que contavam os velhos, e a gente gostava que ele contasse, a gente se reunia tudo o montante, aqui perto dele contando e achavam graça” (Sebastiana Ribeiro, entrevista cedida em 11.02.2025).

Outra lembrança foi sobre quando ela ia pescar com seu pai “eu achava muito bonito, eles faziam que a malhadeira com palha, eu ia só para levar a canoa atrás [risos], pegava paulada de peixe na testa [risos]”. (Sebastiana Ribeiro, entrevista cedida em 11.02.2025). Maria Amélia, compartilhou histórias do cotidiano carregadas de lições “era uma história que eles contavam que ninguém podia ir cedo para as cabeceiras, porque tinha as visões, vinham onça, vinham, cada coisa vinha o jurupari, como é juma, que descia pra comer caju” Segundo Benjamim (1978), “Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele”, ela se refere à narrativa, na qual o narrador transforma a vivência ou a história ouvida em um saber transmissível, carregado de sentido

Dessa forma, as narrativas de causos são mais do que simples histórias, elas são testemunhos vivos da sabedoria e resistência, cada relato e lembranças estão carregados de sentimentos, que tornaram contagiantes. É impressionante perceber o quanto essas histórias são significativas na vida de cada um. Durante a narração parecia que estavam revivendo aqueles momentos, eles lembram com saudades, foi nítido perceber, através de seus gestos, o sorriso e a felicidade ao compartilhar suas histórias, esses momentos marcantes foram importantes durante a entrevista. A pergunta “conte uma história”, foi essencial para trazer à tona as lembranças e destacar o papel da memória em organizar cada detalhe.

Ressalta-se que esses momentos compartilhados não ocorrem mais com a mesma frequência e intensidade de antigamente, nem da mesma forma que eram vivenciados. Com as mudanças sociais, muitas dessas práticas foram se perdendo. Como enfatiza Benjamim (1979), “que a arte de narrar está em vias de extinção”. Ele comenta que a sabedoria e a experiência transmitidas pela narrativa oral estão se perdendo. Pois o narrador de história tem a capacidade de entrelaçar a experiência pessoal com a memória coletiva.

No entanto, a modernidade minou essa função comunitária, o que se reflete nos relatos que destacam as transformações ocorridas. Além dos trechos mencionados, surgiram muitas histórias que eles aprenderam ouvindo seus pais, avós e tios como as de matin, jurupari, juma, jabuti com a onça, boto. Essas narrativas incluem também aquelas que eles viveram

pessoalmente. Ricoeur (2003), afirma “mas só há testemunho quando a narrativa de um acontecimento é publicitada: o indivíduo afirma a alguém que foi testemunha de alguma coisa que teve lugar; a testemunha diz: creiam ou não, em mim, eu estava lá”. Autor destaca que o ato de testemunhar transcende a mera experiência pessoal de um evento, se concretizando quando essa experiência é narrada e compartilhada publicamente. “E que em conformidade com a história oral, a memória é a presença do passado, através de um conjunto de valores acentuasse a formação da identidade de um grupo/comunidade” (Garrido¹⁰, 2013, p. 01). O autor enfatiza que a história oral desempenha um papel crucial na constituição da identidade coletiva, mostrando como as experiências passadas, transmitidas através desses valores, influenciam tanto o presente quanto o futuro.

3.6 TRADIÇÃO, COSTUMES E RELIGIOSIDADE NA COMUNIDADE SANTA TEREZA

Para um povo, a tradição é muito mais do que simples hábitos ou costumes, ela representa uma parte fundamental da identidade cultural. Ao manter vivas suas tradições, a comunidade assegura que sua identidade seja reconhecida, contribuindo para que o legado seja transmitido às futuras gerações. “A Memória e tradição são elementos presentes no imaginário coletivo de uma comunidade e fortalece a formação da identidade e a cultura de um povo” (Garrido, 2013, p. 01). Garrido salienta que a memória e tradição são essenciais para o imaginário coletivo e para a formação da identidade de um grupo, essas memórias podem incluir eventos, lendas, mitos e até mesmo experiências cotidianas que são repassadas ao longo do tempo, quando as pessoas compartilham memórias coletivas, elas criam laços que fortalecem o sentido de pertencimento à comunidade. “A tradição oral, no caso, deve revelar, além das estruturas e dos comportamentos do grupo, a noção de passado e presente daquela cultura” (Meihy, 2002, p. 149). Meihy destaca a importância da tradição oral, que funciona como uma ponte de entre passado e presente, oferecendo compreensão da cultura.

A tradição oral se manifesta em diversas formas como práticas culturais, rituais, crenças, costumes cotidianos e valores morais, perpetuados através das gerações, não trata apenas de uma repetição do passado, na verdade representa um meio que conecta presente e passado. A preservação da tradição é importante na cultura de um grupo ou comunidade. A preservação da tradição é essencial, pois é através dela que aprendemos sobre a história de nossos antepassados,

¹⁰ Ver MÉMORIAS E TRADIÇÕES: a oralidade histórica no processo migratório dos canponeses de uma aldeia de Portugal com destino ao Brasil. De NOÊMIA DE CARVALHO GARRIDO.

os ritos e celebrações tradicionais que transmitem lições de vida. além disso, abrange aspectos como a culinária regional, as músicas, as artes manuais, todos exemplos que representam a cultura e mantêm viva a identidade de um povo.

Na comunidade de Santa Tereza, a tradição se manifesta através das práticas culturais, crenças religiosas, e costumes cotidianos, que permeiam a localidade. As festividades culturais representam a essência da comunidade, por exemplo, nas danças: “era só gambá e a flauta, era música de flauta, depois de muitos anos já que foram aparecendo o violino, aí o saxofone, mas do primeiro era só o gambá” (Sebastiana Ribeiro, entrevista cedida em 11/02/2025). Como enfatiza Sebastiana, no início existia apenas a dança do gambá, com o passar dos anos, outras danças foram surgindo, com “onça te pega”, “lundum”, “gambá”, “garcinha”, que se destacam no Dia da Consciência Negra, e eventos comemorativos.

A religiosidade envolve não apenas a crença em uma divindade maior, mas também valores e rituais têm significado profundo para a vida. Ela proporciona uma busca por sentido e propósito existencial, criando uma conexão com as divindades ou a espiritualidade. Em Santa Tereza, as manifestações religiosas são vivas e simbólicas, refletidas na devoção dos fies a seus santos padroeiros. Os festejos de Santa Terezinha padroeira da comunidade, celebrado de 05 a 15 de outubro, e São Sebastião, celebrado de 11 a 20 de janeiro, fazem parte da tradição local e têm grande importância para a comunidade Padroeiro dos Quilombolas.

A mamãe disse quando ela nasceu, ela pegou uma doença, uma doença assim, pra morrer, aí o pai dela fez promessa com São Sebastião, se ela ficasse boa, ela ia ser filha, de São Sebastião, durante ela tá viva, trabalhava, ele ia proteger ela, então, ela ficou com essa fé, aí depois dela, foi nós, fazemos promessa, e assim vários (Sebastiana Ribeiro, entrevista cedida em 11/02/2025).

Dona Sebastiana compartilha que, quando sua mãe nasceu, contraiu uma doença grave, e seu pai fez uma promessa a São Sebastião, se ela se recuperasse, se tornaria filha do santo enquanto estivesse viva e ele a protegeria. Essa fé foi passada para seus descendentes, que também fazem promessas em agradecimento pelas graças recebidas. A relação da família de Dona Sebastiana com São Sebastião é marcada por uma devoção intensa que se estende por gerações. Além da família de Sebastiana, outros membros da comunidade também são devotos do santo, realizando promessas como forma de gratidão por intervenções divinas. Durante os festejos muitos vão agradecer publicamente, acompanhados de testemunhos sobre ajudas recebidas. São Sebastião é conhecido como protetor contra a peste e doenças, simbolizando coragem e fé, seus devotos buscam proteção, saúde e intercessão em momentos difíceis.

A Santa Terezinha, padroeira da comunidade, é festejada de 5 a 15 de outubro, “a festa de Santa Terezinha, que foi a Santa que Maria Tereza comprou em 1958, que foi rezada a primeira missa por Padre Zeu¹¹” (Maria Amélia, entrevista cedida em 10/02/2025).

Maria Amélia traz relatos históricos sobre a padroeira da comunidade, que foi comprada por Maria Tereza. Assim, podemos compreender a origem do nome da comunidade Santa Tereza, em homenagem à santa, ela se tornou a padroeira da localidade, também conhecida como padroeira das missões, representada com rosas e um crucifixo, simbolizando seu amor a Deus e sua devoção

também existia era do Divino Espírito Santo, que era a Santíssima Trindade, que era uma festa muito linda também, eu lembro ainda que quando quem saía para ser festeiro que quando ia entregar, coroavam com uma coroa na cabeça aí quando passava de outra para outra achava que era festeiro e acabou isso, e que deveria existir e não existe mais, então só existe lembrança. (Maria Amélia, entrevista cedida em 10/02/2025).

Maria Amélia acrescenta que, além desses dois santos, havia também o festejo de Santíssima Trindade, que ocorria entre maio e junho, era festividade era considerada muito bonita, com uma coroação especial, porém atualmente, ela não ocorre mais, tendo se perdido com o tempo. Com a coordenação em 2025, houve um pequeno resgate de festejo, o que é muito positivo para a cultura local. A religiosidade proporciona muitos significados e oferece respostas às questões fundamentais sobre a vida, servindo como fonte de conforto e esperança para as famílias, ela está presente conectando fé, festa e resistência cultural. Os relatos mostram que a vivência religiosa vai além da espiritualidade. Os costumes cotidianos, são práticas sociais que definem e unem uma cultura e que estão interligadas.

O costume deles era... a gente não comprava nada, né? Trabalhava só pra dar pro povo comer, né? Fazia comida, mas só mesmo pro povo comer. Não tinha renda de nada naquele tempo. Só mesmo a gente gastava compravam boi e fazer toda coisa. Chamavam o povo só mesmo pra comer. **Pesquisadora**, isso era essa mais festa dos Santos. **Manoel Pai de Sebastiana**, a farinha era jogada em cima da mesa, beiju, o biscoito, era espalhado em cima da mesa, caboco enchia o bolso de biscoito e ia embora (Sebastiana Ribeiro, entrevista cedida em 10/02/2025).

De acordo com Sebastiana, esses eventos ocorriam durante os festejos religiosos, um período que exigia preparação, eles trabalhavam em prol das celebrações e dava-se oferendas para o povo. Manoel, por sua vez, destaca que os alimentos eram dispostos sobre a mesa para todos pudessem escolher e comer à vontade.

¹¹ Pároco da cidade de Barreirinha na época e o primeiro Padre a realizar a missa na comunidade Santa Tereza.

Falar sobre os costumes, como era antigamente, ao lembrar da minha memória, quando eu tinha a minha idade de sete anos, oito anos, nove anos, eu via meus pais, meus avós, minhas tias trabalharem pra fazerem a festa, de São Sebastião, São Sebastião era festejado quando eu lembro aqui já na Ponta¹², mas o papai disse que a festa de São Sebastião começou aí na cabeceira da campina¹³, no terreno da dona Maria Tereza que chamavam de popunhal, lá papai falava que eles trabalhavam, compravam boi, fazia farinha, fazia biscoito, faziam pra dar pro povo, faziam festa, convidavam, [todos da comunidade]. Era semana de festa (Maria Amélia, entrevista cedida em 10/02/2025).

Na fala de Maria Amélia, é enfatizada sua memória de infância, na qual ela via seus pais, avós e tias trabalharem nos preparativos dos festejos de São Sebastião, esses festejos eram celebrados na lá ponta, mas antigamente ocorria em um lugar chamado popunhal.

Como os costumes estão ligados às festas religiosas, mobilizavam toda a comunidade em torno da fé, da partilha, e dessa forma, garantiam a continuidade das tradições. Essas celebrações não apenas homenageiam imagens de santos, mas também fortalecem os laços comunitários e promovem senso de identidade cultural entre seus devotos. A memória é fundamental para a tradição, pois nela os indivíduos destacam a questão dos costumes, que, embora remetem aos mesmos acontecimentos, são narrados de formas diferentes conforme suas vivências.

Compreender essas relações é fundamental para entender a complexidade da cultura de um povo, a preservação da tradição não implica esquecer o passado, é necessário compreender suas dinâmicas e garantir suas adaptações às mudanças, sem perder de vista a riqueza e significado da herança cultural, na comunidade de Santa Tereza constituem práticas vivas, mantidas e renovadas pela oralidade, ao ouvir os moradores, percebe-se que suas memórias não são apenas lembranças pessoais, mas formas de resistência e afirmação identitária que mantêm a história viva.

3.7 BASES ECONÔMICAS

As bases econômicas da comunidade são fundamentalmente a agricultura familiar e a produção artesanal. A principal fonte de renda inclui o plantio da mandioca, que fornece alimentos e derivados como farinha d'água, tapioca, pé de moleque, além de macaxeira, cará e a banana. A produção de artesanatos (teçumes) como paneiro, peneira, tipiti, cestas, balaio e vassouras, também é uma fonte de renda. A pesca é outra atividade econômica importante.

¹² Ponta que dona Maria se refere é o primeiro lugar e onde dá início à comunidade.

¹³ Uma cabeira onde desagua o Rio chamado Campina.

Nossa, que é para nós viver como quilombolas, como agricultura familiar, nós devemos manter a nossa origem, do que temos, do que vivemos. Como da roça, da macaxeira, da banana. Antigamente nós tínhamos, tinha batata, tinha cará, tinha macaxeira, tinha a mandioca doce, que era a manicuera¹⁴. Hoje a gente não é mais, né? Mas eu acho que nós deveremos tornar, continuar, resgatar tudo isso de fartura que nós tínhamos antigamente. Porque hoje, como a gente está deixando muito a desejar, a gente já deixa de plantar para comprar. [...] Então é coisa que se acabou a agricultura e nós devemos manter ela em memória viva para sobreviver sobre isso, porque é o nosso ramo de cada dia, né? Para nós ter na nossa mesa o menos farta para que os nossos filhos, nossos netos, bisnetos se sintam à vontade a comer do que tem, né? E isso que falta dentro dessa comunidade a renovação de ideias de continuar a ter o seu próprio gênero do que viver (Maria Amélia, entrevista cedida em 10/02/2025).

Maria Amélia enfatiza a importância de manter a agricultura familiar, como parte da nossa origem e descendência, lamentando a diminuição da fartura de produtos naturais, pois as pessoas estão deixando de plantar para comprar.

A renda da farinha para nós é o superior, a renda da farinha, a pescaria, que é importantíssimo para nós, são tipos de renda melhor, pra mim, na nossa comunidade. É pouca renda, mas dá para falar. Eu faço vassouras, paneiro também ainda faço. Agora, o tipo de coisa que eu fazia, eu não faço mais por causa da vista que escondeu (Moisés Andrade, entrevista cedida em 10/02/2025).

Moisés Andrade também destaca a agricultura, especialmente a produção de farinha e a pesca, como recursos importantes, juntamente com seu artesanato.

A nossa família mesmo é a farinha, mas a gente consome mais para a gente comer, agora a nossa renda mesmo é o tipiti¹⁵, o tipiti a gente faz uma boa grana, ajuda muito a nossa família, o tipiti, cipó, esses negócios, paneiro, só isso a gente vende, que faz a parte da renda da nossa família. **Manoel Pai de Sebastiana**, desenrasca mais ligeiro¹⁶. **Sebastiana**, é mais rápido, se está enrascado faz dez tipiti com o preço que tá agora, tá 50 reais um tipiti, estão comprando muito, querendo muito, já vieram aqui comigo, disse que não estou fazendo que eu não tenho tala¹⁷. **Manoel Pai de Sebastiana**, 5 mil no bolso. **Sebastiana**, fiz outro dia quatro tipiti, foi 200 reais, o dinheiro vem mais fácil e mais rápido, falo para os curuminzada olha aprendem a fazerem tipiti, quando eu aprendi a fazer tipiti era 5 reais, um tipiti, de lá para cá o preço como está, 50 reais, até vocês aprenderem fazer tipiti estará uns 100 reais, uma boa ajuda (Sebastiana Ribeiro, entrevista cedida em 11/02/2025).

Dona Sebastiana aponta que, embora a farinha seja para consumo ou encomenda, a principal fonte de renda de sua família vem da produção de tipiti e paneiro, uma atividade mais rápida e lucrativa do que a agricultura. Ela incentiva as crianças a aprenderem a fazer o tipiti, prevendo preços mais alto futuramente.

Poucas pessoas que ainda trabalham trocadas, mas ainda existe e nós devemos manter nessa trajetória de manter o mutirão, o puxirum, o jutório. Que é a união de duas

¹⁴ É uma bebida feita da mandioca doce, se extai o tucupi e cozido com arroz.

¹⁵ É um espremedor de tala, no formato de cilindro, mede entre 1 a 2 metros, usado para secar massas, utilizado na fabricação de farinha.

¹⁶ Expressão para algo rápido.

¹⁷ É uma peça que é extraído da jacitara para fazer o tipiti.

peessoas, o Puxirum já é maior, e o mutirão aquela que multiplica mais (Maria Amélia, entrevista cedida em 10/02/2025).

Maria Amélia ainda menciona antigas práticas de trabalho coletivo como mutirão, puxirum e ajudório, que envolviam troca de trabalho e momentos de partilha e história, lamentando que não são feitos mais desta forma.

Porque a troca significa um relógio por um relógio, um objeto por outro objeto, enquanto no compartilhamento temos uma ação por outra ação, um gesto por outro gesto, um afeto por outro afeto. E afetos não se trocam, se compartilham (Bispo, 2023, p, 21).

O autor reforça a importância do compartilhamento e não apenas da troca. O que Maria Amélia menciona como troca, para o autor significa compartilhar, ou seja, é esse compartilhar, que ela diz que devemos manter.

De modo geral, as bases econômicas refletem a dependência da comunidade da agricultura como sua principal fonte de renda, dos produtos locais como os produtos artesanais os tecidos, que são feitos a mão utilizando matérias primas, do trabalho coletivo e do uso sustentável dos recursos naturais como a coleta de produtos da floresta, como madeira, castanhas, para subsistência e bem-estar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo analisar as narrativas orais da comunidade Santa Tereza, por meio da escuta e da análise de relatos de vida e causos contados por seus moradores. Através das vozes dos entrevistados, foi possível acessar memórias afetivas, tradições culturais, formas de religiosidade, costumes e práticas econômicas, além de aspectos históricos que constituem a base da identidade coletiva do povo. Ao longo desta análise sobre narrativas orais, ficou evidente que ela desempenha um papel essencial na preservação da cultura e na transmissão de saberes de geração em geração.

Quanto aos objetivos em analisar as narrativas de vida e de causos desses moradores, a pesquisa alcançou o que se propôs, pois foi possível compreender a importância das narrativas orais na preservação da memória, da identidade e das tradições da comunidade quilombola Santa Tereza. Além disso, as peculiaridades das narrativas e a contextualização da comunidade em relação a toponímia, ou seja, os nomes atribuídos aos lugares, revelam expressões da memória coletiva e da história vivida pela comunidade. A apresentação dos nomes é fundamental para entender a relação dos moradores com seu território e como esses nomes estão entrelaçados com suas histórias e identidades.

A memória desempenha um papel fundamental na realização da narrativa oral, pois é através dela que o narrador acessa, organiza e transmite informações e histórias, sendo uma das formas mais antigas de transmissão de conhecimento, a narrativa oral depende fortemente da capacidade de recordar e de recriar eventos, ideias e experiências de maneira significativa.

Dessa forma, foi possível mergulhar em histórias que revelam o profundo enraizamento cultural e simbólico do povo quilombola. As narrativas de vida evidenciam trajetórias marcadas pela força do trabalho na agricultura familiar, pelos costumes herdados dos mais velhos e pela valorização da coletividade. Esses relatos não trazem apenas informações do passado, mas mantêm viva a memória coletiva, reafirmando a resistência e o pertencimento da comunidade ao seu território e modo de vida.

Por outro lado, os causos apresentam expressões da literatura oral popular, onde a criatividade, o humor e a sabedoria popular se entrelaçam para ensinar, entreter e preservar valores. Assim como os costumes herdados dos mais velhos, que se manifestam através da tradição que representam cultura, a religiosidade é bastante simbólica e significativa e as bases econômicas que garantem a sustentabilidade dos moradores. Isso demonstra que a oralidade não é apenas um recurso narrativo, mas um verdadeiro patrimônio imaterial, que sustenta e transmite os modos de ser quilombola.

Quanto as questões norteadoras, foram essenciais, pois estavam diretamente ligadas aos objetivos da pesquisa, e as respostas foram sucintas, pois foi possível identificar, através das narrativas as trajetórias dos entrevistados. A partir delas, podemos perceber a forma como as histórias eram contadas, como as pessoas se reuniam e os tipos de histórias que eram compartilhadas. Assim, também com vieram lembranças das festividades culturais e religiosas. Esse foi o momento mais marcante durante as entrevistas, pois foi quando percebi as expressões de cada um: a forma como falavam, os gestos e a alegria ao recontar e reviver esses momentos, foram lembrados com saudades. As narrativas sobre a origem da comunidade se encaixam especificamente na experiência dos primeiros moradores, quando os moradores entrevistados nasceram, a comunidade já havia sido fundada. No entanto, dentro do pequeno contexto da origem da comunidade, é possível observar os registros dos fundadores e como chegaram até ali. Através dos relatos, percebe-se que cada um dos moradores possui conhecimento dessa narrativa.

Para que a pesquisa alcançasse um resultado satisfatório, foram feitas comparações entre o passado e presente, permitindo observar as mudanças ao longo do tempo em relação a religiosidade antigamente, dedicava-se um bom tempo pra comprar alimentos para oferecer ao povo que vinha prestigiar os festejos. Era uma época de fartura, com culinária regional, produtos da agricultura e pescaria, os trabalhos eram compartilhados, e as rodas de histórias eram mais frequentes, embora algumas dessas práticas caíram no esquecimento, elas permanecem vivas na memória dos moradores que não deixam elas se apagar.

Houve mudanças significativas com a chegada de novas tecnologias, essas transformações trouxeram pontos positivos que foram essenciais para o crescimento e desenvolvimento da comunidade, mas também resultam em esquecimento dos costumes, e hábitos locais. Muitas ações sendo realizadas para manter essas tradições, adaptando-se às mudanças, para que continuem a ecoar de gerações em gerações, preservando a cultura e identidade do povo quilombola. Dentre essas ações, destaca-se o Dia da Consciência Negra, onde essas manifestações são destacadas, além de projetos como “Alma não tem cor” realizadas pela escola, objetivo não é apenas mostrar nossa cultura, mas também fazer apelo e buscar para melhorias ao quilombo.

Os três moradores participantes dessa pesquisa são referências em manter viva essas tradições, Maria Amélia representa a resistência, a força e coragem ao levar nossa história e apelos a lugares mais distantes. Sebastiana Ribeiro simboliza a resistência da nossa cultura e a sabedoria natural. Moisés Andrade é uma referência para mim, pois tive o privilégio de

presenciar vários momentos ouvindo histórias em sua casa, aquelas que me faziam sentir medo na hora de voltar para casa.

É fundamental reconhecer que a história dos negros vai muito além da escravidão, eles são portadores de uma rica herança cultural que continua a influenciar a sociedade até hoje. Em nosso dia a dia, sempre estaremos em contato com o ato narrativo, seja em casa, na escola, no trabalho, ou em outros lugares, sempre vamos, em algum momento da vida, ser ouvintes ou agentes ativos da criação de uma narrativa. Pois cada história carrega consigo uma lição, que devemos aprender e respeitar ao longo de nossas vidas. Esta pesquisa destina-se aos moradores de Santa Tereza do Matupiri, especialmente estes que contribuíram significativamente para a construção deste trabalho, e a todos os outros narradores anônimos de ricas histórias.

Portanto, as narrativas desempenham um papel central na preservação da cultura quilombola e devem ser reconhecidas como instrumentos de afirmação cultural e valorização da diversidade brasileira. Além disso, é importante ressaltar o reconhecimento e a valorização dessas narrativas que são essenciais não apenas para a comunidade quilombola Santa Tereza, mas também para a sociedade que se beneficia da diversidade cultural que elas representam.

ENTREVISTAS:

CASTRO, Maria Amélia dos Santos. Entrevista realizada no Distrito de Santa Tereza do Matupiri no Município de Barreirinha-AM no dia 10 de fevereiro de 2025.

CASTRO Sebastiana Ribeiro de. Entrevista realizada no Distrito de Santa Tereza do Matupiri no Município de Barreirinha-AM no dia 11 de fevereiro de 2025.

SOUZA, Moisés Andrade de. Entrevista realizada no Distrito de Santa Tereza do Matupiri no Município de Barreirinha-AM no dia 10 de fevereiro de 2025.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual da história oral** / Verena Alberti. – 3. Ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

BARBOSA, Joaquim Onésimo Ferreira. **Narrativas orais: performance e memória** / Joaquim Onésimo Ferreira Barbosa. - Manaus: UFAM, 2011.143 f.; il. color.

AMADO e FERREIRA. **Usos e abusos da história oral**/Janaina Amado e Marieta de Moraes Ferreira, coordenadoras. – 3 ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

BARTHES, Roland. **Análise estrutural da narrativa** / Roland Barthes {et al.} ... / tradução de Maria Zélia Barbosa. Pinto; introdução à edição brasileira por Milton José Pinto 7. Ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BARTOLI, Estevan. **O Rio Andirá [livro eletrônico]: patrimônio territorial da Amazônia brasileira** / Organizador Estevan Bartoli. – Embu das Artes, SP: Alexa Cultural, 2024.

BISPO, Antônio dos Santos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora / Piseagrama. 112 p. – SciELO, 2023.

BENJAMIM, Walter. Obras escolhidas, vol 1. Magia e técnica, arte e política-1. Ensaio sobre a **literatura e história da cultura**. Tradução Sergio Paulo Rouanet: 3ª ed. Editora Brasiliense, 1987.

BOSI, Éclea. **Memória E Sociedade: Lembranças de Velhos**. 3a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CURVELO- Matos, Heloisa Reis. **Análise toponímica de 81 nomes de bairros de São Luís/MA**. Tese de doutorado 2014. Acesso em 12 de abril de 2025.

CURVELO, Heloisa Reis, Nascimento, Dilce Pio. Reis Ynnara Soares. Linguagem, discurso e cultura [recurso eletrônico] / organizadores: Heloísa Reis Curvelo, Paulo da Silva Lima, Wheriston Silva Neris **In: Toponímia Educacional** p 90-101-São Paulo: Pá de Palavra, 2024.

GARRIDO, Noêmia de Carvalho. **MÉMOIRAS E TRADIÇÕES: a oralidade histórica no processo migratório dos camponeses de uma aldeia de Portugal com destino ao Brasil**. UNICAMP. 2013.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Laurent Leon Schffter. Traduzido do original francês LA MEMOIRE COLLECTIVE 2ª ed. Paris, França. 1968.

ISQUIERDO, Aparecida Negri. **Toponímia ATEMS: caminhos metodológicos**, v. 1 / Organizadora: Aparecida Negri Isquierdo – Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2019.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História oral.** / José Carlos Sebe Bom Meihy– 4. Ed., – São Paulo: Contextos, 2002.

LIMA, Itala. História de Barreirinha: Princesinha do Andirá completa 137 anos. Em tempo http. 2018. Disponível em <http://d.emtempo.com.br/cultura/108065/historia-de-barreirinha-princesinha-do-andira-completa-137-anos>. Acesso em: 05/12/2024.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade.** 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NASCIMENTO, Dilce, CURVELO, Heloisa Reis. Literatura e Ensino do Mundo Iberico / Heloisa Reis Curvelo; Edimilson Rodrigues; Tiago de Oliveira Ferreira (Organizadores). **In Literatura no palco: uma prática dialógica em sala de aula na cidade de Parintins AM** p. 123-138 – Formiga (MG): Editora Real Conhecer, 2024.

PEDRENO, Conceição Alice. **O Rio Andirá [livro eletrônico]: patrimônio territorial da Amazônia brasileira** / Organizador Estevan Bartoli. In Cartografias de memórias de quilombolas p 46-65 – Embu das Artes, SP: Alexa Cultural, 2024.

PEDRENO, Conceição Inês. **Análise Morfossintática das falas de dois moradores de comunidades tradicionais do Rio Andirá.** Monografia, Centro de Estudos Superiores de Parintins, .2002. Acesso em 10 de janeiro de 2025.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio:** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 02, n. 3, 1989, p. 3-15.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social: Estudos Históricos.** Vol. 05, n. 10. Rio de Janeiro: FGV, 1992.

PROPP. Vladimir I.,1895-1970.P958m **Morfologia do conto maravilhoso** / Vladimir Propp; tradução do russo Jasna Paravich Sarhan; organização e prefácio de Boris Schnaiderman. – Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 1984.

RANCIARO, Maria Magela Mafra de Andrade. **Os cadeados não se abriram de primeira: construção identitária e a configuração do território de comunidades quilombolas do Rio Andirá (Município de Barreirinha – Amazonas).** Tese de doutorado UFAM 2016. Acesso em fevereiro de 2025.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico [livro eletrônico]** / Antônio Joaquim Severino. – 1. ed. -- São Paulo: Cortez, 2013.

SILVA, Júlio Claudio da, ROCHA, João Marinho da. Das Memórias na Amazonia: **Resistencia e luta quilombola no Andirá, Barreirinha -AM, Brasil.** Revista África. 2016. Acesso em abril de 2025.

TRINDADE, Érica; NASCIMENTO, Dilce; CURVELO, Heloisa. **ENGERAMNETO E OUTRAS HISTÓRIAS: as narrativas orais no distrito de Barreira do Andirá.** Revista Littera – Estudos Linguísticos e Literários. PPGLetras. UFMA. V. 15. N. 30. 2024.

Sites Consultados:

Bncamazoniareal.com.br Incra reconhece **Quilombola Rio Andirá**, em Barreirinha (AM). Bncamazoniareal.com.br. Disponível em: <http://bncamazoniareal.com.br/municípios/incra-reconhece-quilobola-rio-andira-em-barreirinha-am/>. Acesso em: 07/12/2024.

Comunidades quilombolas do Rio Andirá aguardam título de terra no Amazonas. Amazonia Real. 2017. Disponível em: <http://amazoniareal.com.br/comunidade-quilombolas-do-rio-andira-aguardam-titulo-de-terra-no-amazonas/>. Acesso em 05/12/2024.

PAUL, Ricoeur. “**Memoria, história e esquecimento**” disponível [memoria história](#). acesso em 05/12/ 2024.

ANEXOS

TRANSCRIÇÕES DAS NARRATIVAS

1º Maria Amélia dos Santos Castro, 64 anos, Técnica Agrícola: 10/02/2025.

Eu sou Maria Amélia, meu nome é Maria Amélia dos Santos Castro, tenho 64 anos, sou filha de Benedito Pereira de Castro (conhecido como Ferro) minha mãe, o nome da minha mãe era Dorvalina (conhecida como Doca) é, eu vim dessas raízes né, e hoje estou aqui cumprindo mais uma missão dentro da minha comunidade quilombola. A minha trajetória é essa, nasci, cresci e hoje eu luto pelos direitos dos quilombolas. Tive a oportunidade de estudar, depois já de 63 anos, me formei com 62 anos, e hoje eu, com 64, eu tive a oportunidade de virar mestre quilombola, da história quilombola. Então eu permaneço aqui, tenho muita vontade de mudar muitas coisas ainda e deixar muitos legados para as pessoas que vierem, eu quero falar sobre o legado de quem veio antes de mim e depois de mim, pra ficar na história.

Tradições e costumes

Falar sobre os costumes, como era antigamente, ao lembrar da minha memória, quando eu tinha a minha idade de sete anos, oito anos, nove anos, eu via meus pais, meus avós, minhas tias trabalharem pra fazerem a festa, de São Sebastião, São Sebastião era festejado quando eu lembro aqui já na Ponta¹⁸, mas o papai disse que a festa de São Sebastião começou aí na cabeceira da campina¹⁹, no terreno da dona Maria Tereza que chamavam de pupunhal, então nessa, lá papai falava que eles trabalhavam, compravam boi, fazia farinha, fazia biscoito, faziam pra dar pro povo, faziam festa, convidavam, [todos da comunidade]. Era semana de festa, até terminar da festa, e depois passou pra ser feita aqui na frente, na comunidade, da frente²⁰ ai que era chamada nossa vilinha né, vila dos pretos, os vila do pessoal da canela fina que eles chamavam pros pretos do matupiri²¹, então eles trabalhavam pra mostrar e dar de graça a comida, é na época existia o leilão mais não sabia pra quê ? por que eu sei que leiloavam, davam preço, pessoal compravam e a festa ia pra frente, e sobre as brincadeira que eu lembro ainda que tinha, eu lembro que uma vez tinha boi que o pessoal do Ituquará²² vinham dançar boi-bumbá e a gente morria de medo que tinha mãe Catirina, tinha tal de cuíca que fazia igual uma onça e então tudo aquilo existia naquela época, era um pedaço de chão pequeno, mais era muito animado, não se preocupava com briga, não se preocupavam, era só a diversão dançar e comer. Era isso que faziam, era época, eu ainda me lembro que quando acabavam de rezar, botavam uma toalha na frente do santo, aí iam dançar, e a gente ficava olhando né? Então, hoje

¹⁸ Ponta que dona Maria se refere é o primeiro lugar e onde dá início à comunidade numa praia.

¹⁹ Uma cabeira onde desagua o Rio chamado Campina.

²⁰ Se referem a Ponta

²¹ Comunidade quilombola localizada no município de Barreirinha-AM.

²² Uma das 5 Comunidade Quilombola.

mudou, porque hoje, muitas vezes, a gente já não faz aquilo que a gente fazia, de ter aquela diversão, despreocupada. Hoje em dia, a gente já, quando se aproxima uma festa, meu Deus, será que vai dar certo? Não vão brigar, tem gente que tem coisa pra ajustar, então já é uma preocupação diferente. Então, tudo isso existia. Existia a dança do Lundun, dançavam muita valsa, bolero que eu me lembro muito bem que quando o Lundun era tocado na flauta na violinha era muito animado na época, que eu lembro das histórias que faziam. Aí, quando era o final de festa, ele fazia aquela tal de festa da varrição, era um cordão de pessoas que entravam pelas casas dos outros e saíam, quem ia jogando polvilho, jogando, que ficavam tudo branco, era uma tal de contra dança, que hoje não existe mais essa contra dança, porque, como naquele dia na ponta, se fosse época, era fazer uma contra dança que ia terminar bem bonito, e não existe mais isso. Então o povo, o jovem de agora, as crianças não sabem mais o que era isso, a tal contra dança, não sabem mais não, então era muito bonito e era farto na época, eu não sei era mais barato ou se as pessoas trabalhavam somente pra movimentar o seu trabalho e mostrar a sua festa, era isso. Aí, depois quando surgiu também a festa de Santa Terezinha, que foi a Santa que Maria Tereza comprou em 1958, que foi rezada a primeira missa por Padre *Zeu*²³, dentro dessa comunidade, então, ela comprou, mas ela botou os dois Santos, mas quando o Padre entrou como pároco da comunidade, ele isolou São Sebastião, disse que São Sebastião não tinha valor, não prestava, que era pra permanecer só a Santa Terezinha, e o São Sebastião era pra ser retirado da comunidade. Aí é que começou a divisão de problemas na comunidade, foi através dos dois santos que começou a divisa o pessoal ficaram pra cá, outros pra lá e ficaram nessa coisa, satanáis vinha pra cá roubavam pra cá e assim entendeu? Então foi aí que foi a divisa das famílias porque eles não queriam e deveriam fazer como hoje nós fazemos, a única festa que nós estamos esquecendo que também existia era do Divino Espirito Santo, que era a Santíssima Trindade, que era uma festa muito linda também, eu lembro ainda que quando quem saía para ser festeiro que quando ia entregar, coroavam com uma coroa na cabeça aí quando passava de outra para outra achava que era festeiro e acabou isso, e que deveria existir e não existe mais, então só existe lembrança.

Como as Histórias eram contadas

Só para falar agora sobre história. Eu lembro quando nós morávamos ali na casa do finado vovô, ali do outro lado, lá era uma casa com vários quartos, cada um filho tinha um quarto, a gente morava junto lá, eu lembro ainda quando o titio ainda era solteiro, o tio Adelino, eu chamava de pai na época pra ele, e era assim, de tarde e de noite, eles faziam uma roda de

²³ Pároco da cidade de Barreirinha na época e o primeiro Padre a realizar a missa na comunidade Santa Tereza.

conversa, enquanto eles ficavam conversando, a gente estava brincando de roda, estavam falando a história, e aí o vovô, ele falava, teve uma vez, nós estávamos limpando o quintal com ele, eram meus primos, era eu, o Osmar, a Albertina, a Sabá, o Tomé, os filhos do tio Luís, nós estávamos limpando, aí quando nós terminamos de limpar, o vovô disse assim, ele falou, conta a história pra gente, aí eu fui a gente perguntando, ele falou, vovô, por que a gente vive assim desse jeito? A gente é preto, a gente não é como ...porque tinha família branca, que as vezes vinham né? Aí a gente ficava olhando assim de longe, a gente tinha uma cor diferente. Aí ele foi o que ele falou pra gente, que a gente não podia ser branco, porque a gente tinha vindo de uma descendência de negro, não daqui ele disse, meu pai não era daqui dessa terra, ele era de terre estranha. Mas nós nascemos aqui e permanecemos aqui, a nossa história ficou como a dos negros, então, então, ela foi, era uma história que eles contavam que logo que ninguém podia ir cedo para as cabeceiras, porque tinha as visões vinham onça, vinham, cada coisa vinha o jurupari, como é juma, que descia pra comer caju, hoje em dia a gente não tem mais medo, não tem mais nada por aí. Então eles contavam essas histórias e eles trabalhavam muito, e eles eram pouco viviam, olha nessa época que nós temos eles não estavam aqui, eles estavam lá do outro lado, lá no javari²⁴, lá no laguinho, tirando castanha pra vender, por causa do que era a época janeiro, fevereiro e março, era época da castanha, e deixava a casa deles pra ir e colher enquanto a roça madurava, então eles falavam nessa história. E sempre eu lembro de uma palavra que ele dizia o que vi, vocês não viram, o que vocês vão ver, eu não vou ver mais, então, como ele dizia assim, muitas coisas há mudar e hoje mudou. Ah, de não ter mais respeito por nada, ninguém vai mais respeitar ninguém, a gente não vai ser dono mais do que é nosso como eles eram, né? Então, hoje mudou, hoje é diferente, a gente hoje, quem pensava que um dia a gente ia possuir que temos luz, você ter uma casa com geladeira, alguma coisa que não existia nada. A nossa vida era comer peixe salgado, ou então só pegavam na hora o peixe, no outro dia já iam pescar de novo, então era a história que eles contavam pra gente que a gente ia ver com dificuldade, que eles vivia com facilidade, e hoje em dia ele não viveu, o que eu lembro foi um momento bom de ter meus tios perto de mim, eu andava muito com minha tia pelas roças, ela me contava histórias, e eu gostava muito, era uma tia que eu gostava, tinha um casal de tia que eu gostava demais. Hoje eu fico triste quando não fui mais ver ele, ela tinha Maria Cidronha e tinha tio Adelino, eles eram os tios preferidos pra mim, entendeu? E hoje, as vezes eu fico assim imaginando, poxa, faz dia que eu não fui mais lá ver meu tio, não foi mais lá conversar com ele, então, a minha infância marcou muito nisso, de a gente ter aquela convivência junto e de

²⁴ Nome de uma cabeceira que fica, mas pra fora da comunidade.

ter toda aquela alegria junto da casa do vovô, eu não vi minha avó, mais eu vi minha tia, então a minha infância foi muito legal assim pra mim, que hoje eu vejo uma infância de hoje o que a gente não tinha naquela época, que a gente não tinha oportunidade de ver nada, quando tinha as festas nas casas, se eu tinha o que comer, o que beber, a gente ficava lá, mas a gente nem dançava, ia dormir cedo, botava a gente pra dormi, mas eu vivo feliz da minha infância ser assim de ter oportunidade de meus dez, doze, nove, dez, onze anos, lembro da história quando meu avô morreu tinha nove anos de idade já me lembro muito bem, quando meu avô se foi, então pra mim foi muito boa a minha infância. E hoje eu digo assim o que nós não tínhamos, hoje tem eu nunca soube que foi dormi numa cama, nunca soube que eu fui dormir com o ventilador, nunca vi uma televisão, nunca vi, né? E hoje, as crianças de hoje, tudo tem jeito para ser feliz e não procura a felicidade, né?

História do Matin, O Fogo que corria no Rio e da Raia-chuva.

Porque quando eu era minha, como eu vi no dia da minha vida? O tal de *matin*²⁵, *matin*, uma vez... *matin*, uma vez nós estava... Nós ficamos só nós em casa. A mamãe e o papai, eles estavam para a eleição. Votavam naquela época lá para *Ponta Alegre*²⁶. E aí tinha aquele bicho que cantava [tim,tim,tim]. Aí eu disse assim mana, é o Martin e a mamãe diz que aparece para a gente aqui. Nós estávamos na casa do finado vô, ali do outro lado. Nós tínhamos ficado tudinho lá, era só criança, a única pessoa que ficou conosco foi a Eduarda. Não, não foi a Eduarda não, quem ficou conosco? Tinha Iracilda, mulher do tio Gonzaga. Cala a boca, ela disse, que é o Matin. Mas ele levou a [rodar, rodar, rodar, rodar] lá. Até como já estava perto para amanhecer o dia, ninguém se sabe ele se calou. Então eu vi essa história do Matin e eu digo até hoje que nunca mais eu vi. E nem quero ver que dá medo para a gente [risos]. O finado vovô contava também, contava a história da que a gente cansou de ver a tal do fogo que andava daí do outro lado pra cá, corria pra cá... que ninguém sabe o que era, né? A gente cansou de ver isso. E também o que eu vi quando eu era criança, quando nós íamos pra Barreirinha, que a gente remava de remo, E a gente via muito barulho de bicho atravessando o rio. Era o tio João uma vez nós atravessando. Eu tinha uns 10 anos de idade, vamos para lá. Mamãe fomos na festa de Barreirinha. E aí nós saímos de madrugada daqui criançada com os velhos. Nós chegamos lá do outro lado da ponta do ali do *garrote*²⁷ e aquilo começou [jaaaa...] olha, já vem chuva, rema, cala a boca. Aí nós saímos para o outro lado, lá para a ponta do *Garcia*²⁸. Nós chegamos

²⁵ Matin é um bicho que se enjera e canta a noite, quando canta dizem que alguém está enjeirado nele.

²⁶ Comunidade Indígena Sateré-Mawé, localizada no Município de Barreirinha-Am.

²⁷ Passagem que fica na travessia do outro lado Rio Andirá, próximo de Barreirinha.

²⁸ Passagem que fica na travessia do outro lado do Rio Andirá, próximo de Barreirinha.

na boca do outro lado de lá ainda era noite. E aquele barulho ficou pra lá, a chuva e passou ali. Aí depois de passar tempo, aí meu tio disse que aquilo não era chuva, era uma *raia* chamada *raia-chuva* que ela bate [chi,chi,chi]. Hoje em dia a gente não vê mais esses barulhos, porque a gente já anda de motor, de *rabeta*, então esconde o barulho, mas eu acho que deveria ser assim mesmo, por que se continuasse a ver as histórias das vozes, que saía fogo, que poderia ver alguma coisa, né? Então, a gente ficaria com medo. Então, isso eu vi na minha vida. E eu andava pelas matas com meu pai, tirando *cipó*, fazendo... Carregando *ambé*²⁹, puxando as... Isso eu fazia quando era criança, menina de 10 anos. Eu lembro disso, é a minha história. Mas eu andava com medo, porque falava que tinha onça, tinha, mas eu andava com medo. E era assim. Então é isso a história que tinha hoje, que hoje nem tenho mais medo. Porque hoje não tenho mais medo, por causa de que passam nessa rua a noite inteira criançada, naquela época ninguém nem sabia que era comunidade.

Bases econômicas

Nossa, que é para nós viver como quilombolas, como agricultura familiar, nós devemos manter a nossa origem, do que temos, do que vivemos. Como da *roça*, da *macaxeira*, da banana. Antigamente nós tínhamos, tinha batata, tinha *cará*, tinha macaxeira, tinha a *mandioca doce*, que era a *manicuera*³⁰. Hoje a gente não é mais, né? Mas eu acho que nós deveremos tornar, continuar, resgatar tudo isso de fartura que nós tínhamos antigamente. Porque hoje, como a gente está deixando muito a desejar, a gente já deixa de plantar para comprar. Comprar frango, do primeiro matava galinha, matava um pato, matava um porco. Era muito difícil você comprar. Hoje em dia não, se você mete a mão no bolso, vai comprar ovo, vai comprar salsicha, vai comprar frango. esquece de... não é assim. Então é coisa que se acabou a agricultura e nós devemos manter ela em *memória viva* para sobreviver sobre isso, porque é o nosso ramo de cada dia, né? Para nós ter na nossa mesa o menos farta para que os nossos filhos, nossos netos, bisnetos se sintam à vontade a comer do que tem, né? E isso que falta dentro dessa comunidade a renovação de ideias de continuar a ter o seu próprio gênero do que viver. Os antigos eles deixaram o legado para nós sobreviver, nós que não vivemos o que... Só que mudou, porque antigamente os nossos ancestrais, eles trabalhavam com *machado*. Tiravam madeira com machado, lavrado onde eles tiravam aquelas tábuas, tiravam esteio. Hoje em dia é diferente, mudou. Porque hoje a tecnologia já fez a gente usar o motosserra, já outra coisa. Então já não faz aquela força que é o que eles faziam, se juntavam. E também o que nós temos que, pela *universidade*, que a universidade hoje pede para a gente, voltar o *mutirão*, o *puxirum*, o *jutório*,

²⁹ É um cipó da mata, que é utilizado para a fabricação de Paneiros, cestas e etc.

³⁰ É uma bebida feita da mandioca doce, se extai o tucupi e cozido com arroz.

que não tem mais. E a gente tem, a universidade, ela pede para a gente fazer isso. Né que a universidade sempre faz esse legado para nós como quilombolas. E para a gente conseguir isso, nós temos que manter. **Pesquisadora** E era uma das coisas que acontecia muito. **Maria** É, acontecia muito, quando eu fazia um puxirum, era muito... Hoje em dia, se tu não tiveres dinheiro, tu não ganhas nenhuma pessoa. Só se tu tiveres... Olha, fulano, mas tem dinheiro. Então já é uma coisa que não é mais *trocada*³¹, já é... Poucas pessoas que ainda trabalham trocadas, poucas, mas ainda existe e nós devemos manter nessa trajetória de manter o mutirão, o puxirum, o jutório. O jutório são pessoas de duas pessoas, o Puxirum já é maior, e o mutirão aquela que multiplica mais. Então é isso. Do que, olha, eu digo assim, ó. O que eu soube que me contaram, né? Eu conversava muito com a minha tia, com a tia Maria Cidronha. Ela que me contou. Ela disse, minha filha, morava aqui nesse rio só meu pai com a minha mãe, o velho *Faustino* ali na boca do *inferno*³² e nada mais. Aí com o tempo, aí apareceu Ali morava o velho Virgínio que era pai do João Elias casado com... Que casou com a filha do Manoel do Benedito Rodrigues, que foi a Cristina aí apareceu o Domingos Freitas que casou com Maria Tereza aí foram multiplicando. Aí através disso aí veio o finado Teodoro, era prima do finado vovô. Então, esse daí já veio aí. Aí passado o tempo, aí quando meu avô andava muito por *Ramos*, eles trabalhavam pra comprar pra vender gênero pra trocar com peixe com galinha, então eles iam para lá trocar o que eles tinham aqui. Aí quando foi eles fazendo isso, aí através disso, aí que veio a família do seu *Manoel Carlos*, veio através do meu avô. Meu avô era compadre do Manoel Carlos velho, o avô do Manoel Carlos, E aí ele ficou com pena, foi um ano que encheu muito o rio e eles não tinham onde morar, nós moramos na *maromba* e estava o rio enchendo muito. E o vovô trouxe e colocou. Um perto lá da *Boa-Fé*³³, outro aqui mais na frente e aí o vovô ficou de lá pra cá. Então essas pessoas foram *imigrantes* pra cá através, do meu avô, entendeu? Então aí foi multiplicando, o povo foram chegando, foram chegando, foram casando, foram ficando. E como hoje acontece, muita pessoa vem lá de longe, casa com a pessoa vem para cá. Então a pessoa casa, vai daqui para outra. Então fica um migrando um para um lado e tu para outro.

Então antigamente era assim. De sempre continuar falando a história do nosso quilombo. Porque se tu não falar quem tu é, o que tu queres, ninguém vai saber. E se tu dizer não, olha aí, eu digo assim, subi a nossa comunidade. Na comunidade, tá tudo bem. Olha essa viagem que as meninas foram agora. Eles diziam que tem, por isso eu digo, para levar para fora.

³¹ Refere-se como a forma de trabalho, era antigamente, havia trocas onde um ajudava ao outro.

³² Nome de uma cabeceira, que fica dentro da comunidade Santa Tereza.

³³ Uma das 5 Comunidade Quilombolas, localizada no Município de Barreirinha.

É por isso que o doutor Júlio me falou assim, Dona Amélia, me diga de uma coisa, essa presidenta agora do município, ela não é daqui? É professor. E como, ela se expressou dizendo que ainda está aprendendo no quilombo. Quem está aprendendo no quilombo somos nós, Dona Amélia, que nós não somos do quilombo. Uma pessoa que é do quilombo é para ajudar o quilombo, não é para aprender. É para ajudar a contar a história. E as pessoas pensam que vão falar as coisas, vão agradecer. É de crítica, de besta. E ela está gravando, já falou isso tudo. O quilombo. Quem nasceu em 90 já sabe a história do quilombo. Como que multiplicou depois de virar... Quem nasceu em 90, em 2000, até em 2013, que foi a organização de 2005. Então, aqueles que nos fizeram a país já sabem como era antes e agora que nós estamos. Quando nós éramos esquecidos, quando nós éramos sem valor e hoje com o valor que nós temos como quilombolas. Mudou. Hoje temos muitos universitários quilombolas dentro da universidade. Por que chegaram lá, através dos nossos quilombolas, através dos pais, das mães que são quilombolas. Então, hoje estão fazendo, conhecendo lugares que nunca eles imaginaram, né? Que os nossos não conheceram. Como eu digo assim, eu lembro, na época, iam trabalhar tudo para a granja. Era o papai, o papai Bitinho, rapaziada tudo. Tudo trabalhavam para lá. Mas os filhos da *família espanhol* estavam em Parintins estudando. E hoje mudou, porque os filhos desses que trabalhavam como trabalhadores escravos para lá, os filhos deles são professores, são médicos, são técnicas de enfermagem. Então tudo mudou. Eles pensavam que ia continuar sendo aquelas pessoas sem conhecimento, sem saber de nada só que hoje mudou, hoje todo mundo já sabe se defender já sabe se comunicar, hoje já sabe que antigamente os nossos não sabia. Mas hoje é diferente por isso que a gente só tem que dizer, estuda fulano, para ser alguém um dia na vida nunca tu deves esquecer do que tu precisas estudar. **Pesquisadora** de onde vem também, né? **Maria** Justamente, é.

Comentários

História e Progresso do Quilombo falam destacando as mudanças e avanços feitos ao longo do tempo. Enfatiza que as pessoas do quilombo devem se concentrar em ajudar e preservar sua história, em vez de aprender com ela. Contrasta o passado, onde os quilombolas eram esquecidos e sem valor, com o presente, onde eles têm valor e muitos são estudantes universitários. Relembra uma época em que os quilombolas trabalhavam em fazendas enquanto os filhos dos donos das fazendas recebiam educação. Observa que hoje, os filhos desses antigos trabalhadores são profissionais como professores, médicos e técnicos, indicando um progresso significativo. Enfatiza a importância da educação para que os quilombolas melhorem suas vidas e não se esqueçam de suas origens. Destaca a mudança de uma época em que os quilombolas

não tinham conhecimento e habilidades de comunicação para o presente, onde são fortalecidos e educados.

2º Transcrição: Moisés Andrade de Souza, 68 Anos, Agricultor Aposentado, participação da esposa perpetua. 10/02/2025.

Colocado o meu nome. Vai gravar? Moisés Andrade de Souza. E a sua idade? A idade de 68. Eu nasci em 1956. E a sua profissão? A minha profissão era quando eu trabalhava em lavragem, setor de vassoura, tirava a casca. Hoje já era aposentado já. Agora ninguém vai falar. Tido aqui na nossa comunidade, Santa Tereza do Matupiri. E aí, eu sou muito pobre. Mas pobre de mulher. Aí eu arranjei, uma mulher, que até agora eu estou com ela. Ela, nos casamos quando eu estava com uns 30 anos já, velho estava quase morrendo como um cachorro [risos]. Aí eu faço vassoura eu e minha parceira é parceira da do trabalho a gente faz roça, farinha, a gente faz beiju também de todos os tipos faz beiju, e agora eu sofri uma doença que é uma doença incurável que é diabetes, mas eu estou vivendo ainda, tem esperança se Deus quiser de viver mais ainda no mundo.

Tradições

Assim, a gente era muito *andarino*³⁴ para andar pelo mato por aí. Quando eu tinha a história que contam do *jabuti*, ah, essa daí é bonita. Aí eu vou contar a minha história mesmo. Uma vez eu fui no centro, quando eu voltei de lá, tinha uns gritos no meio do caminho, fazia... [có, có, có, có] aí fazia [brá, brá] ... Meu Deus do céu, e agora como eu vou voltar assim? É *bicho* que tá na minha frente. Aí eu fiquei com medo. Aí eu empurrei a bala no *cartucho*. E quando eu ia andando devagar, eu vi umas palhas tá mexendo assim. Eu fui no ponto já pra *atirar*. Eu cheguei lá, era sete jabuti. E um que era pequenininho, que ia na frente e ia tudo atrás. batendo o peito dele em cima do casco das bichinhas. Ela batia que fazia barulho mesmo parecia animal mesmo E aí, cheguei lá, só que eu não agarrei o jabuti, né, estou contando mentira [risos]. É meio proibido. Pois é, aí eu não agarrei o jabuti, eu fui embora. Quando cheguei lá, em casa eu falei para os homens, que tinha bocado de jabuti no caminho lá. E aí, uma vez, nós fomos no mato, eu com meus irmãos, eu tinha um sobrinho que foi também conosco. Quando eu cheguei lá, tinha um tal de pau que se encosta com um no outro, né? Aí eles esfregavam e fazia [tim, tim, tim, tim] ... Rapaz, aquilo deu medo para todos nós. Aí eu tinha um irmão que era meio maluco, mentiroso. A ele disse espera aí que eu vou já lá ver o que é, E chegou lá era um homem grande que tava lá E agora vumbora, vumbora pra lá que nós tínhamos que passar lá mesmo. Aí eu tinha uma irmã que o nome dela era Gercinha, e agora o que que eu vou fazer?

³⁴ Que gosta de andar

Vai subir no pau aí. Mandamos-o subir no pau e nós fomos pra lá. Aí o mentiroso que ia na frente e tava rindo. Aí quando nós demos o bicho, arreventou em cima da nossa cabeça, para cima, o tal de *meracutinga* parece que é. Aí, meu Deus do céu, só deu risada aquilo, uma história muito grande, a gente foi contando essa história para todo mundo. **Pesquisadora:** Como eram as histórias contadas antes? Como que vocês ouviram a história dos seus pais antes? Como que eles contavam essas histórias para vocês? Como vocês se reuniam para ouvir essas histórias? **Moisés,** era em grupo quando iam contar uma história a gente ficava só de pano escutando história que estavam contando. E aí era interessante chegar nessa história que eles contavam para nós. **Pesquisadora:** Era mais ou menos só a noite? **Moisés,** a noite, a noite, nós estávamos todos reunidos, era a noite que era a história, eles contavam e ainda estavam assistindo as conversas dos velhos. **Pesquisadora:** Qual o tipo que eles contavam? As histórias de eles contavam. **Moisés,** a história do boto, que o boto boia e que ele é muito perigoso por causa de gente de terra mesmo. Aí ele assobia, tudo ele fazia, aí nós ficávamos contando, mas eu não acreditava muito bem, agora eu já acredito que o boto, A gente estando assim na água, por cima da água ele assobia mesmo. Ele assobia [fiiiiii] igual o tal de *curupira* da mata.

Histórias de como chegaram

As nossas descendentes que chegaram por aqui, foi pessoal que vieram lá da África. Aí chegaram por aqui, foram se colocando devagar por aí, aí foram gerando o pessoal aí no nosso território, que é uma cidadezinha. Aí o meu pai nasceu aqui, já no Matupiri. Ele era filho de um senhor por nome Manoel Rodrigues. Aí gerou meu pai numa portuguesa. Aí essa portuguesa gerou três filhos, com o rei Manoel Rodrigues, que era filho do rei Manoel Rodrigues Filho. O pai do Manoel Rodrigues, que gerou a Maria Lúdia, Manoel Rodrigues e o Anísio Rodrigues que eram filhos de português. Aí meu pai me gerou numa judia, aí nós temos esse tipo de sangue, pessoal falam que ninguém é indígena, mas eu considero indígena, nós somos brasileiros. Pois é, ainda existe. O pessoal que pertenciam, pertence esse pessoal ainda tem muito ainda. Dos antigamente, já tem o Adelino Marinho, que são os principais mesmo. Meu Deus do céu acho que é só ele ne? Que são os principais dos que ainda existe até hoje graça a Deus Eu estou lembrado que é só ele mesmo que é o velho daqui da nossa comunidade, velho Adelino.

Se as histórias são recontadas

São recontados por causa que... Esse dia é quando teve uma muda de presidente. Eu acho que foi de presidente, né? Aí o pessoal queria colocar o nome do pessoal novo. Aí colocaram o nome do... Antigamente, que era o Benedito Rodrigues. Aí por isso que estou

dizendo tem são recontados. É, são recontados. Aí passou para o senhor Benedito Rodrigues, e ficou na comunidade.

História da Cobra Jiboia e de Um Homem que foi atacado por uma Onça.

Tem o finado de Sabino, não tem uma casa do Jander perto defronte da casa do Chele, tem uma casa lá, estavam lá finado Sabino e o irmão dele, bora lá Sabino no mato, não seu mano eu ajudar Chiquinha torrar farinha, não vou contigo, ficou, saiu foi embora diz ele andando lá no *centrão*³⁵ perto de onde é o *Forró*³⁶, sei que ele tinha um cachorrinho pretinho, nome dele era pretinho, quando ele falava assim, hoje tu não vai caçar rapaz, nós vamos no mato não quero que saia longe de mim, fica só atrás de mim e o cachorro ouvia mana, e quando foi nesse dia paresque, ele disse rapaz nós vamos no mato tirar pau-rosa, não quero que tu casse e não deia nem um grito, vamos no mato, e bora, diz ele que ele ia mesmo seguindo atrás dele, quando chegou lá bem, deu uma saída pra lá, foi embora, quando chegou pra lá, amodo que deram uma lambada nele no cachorro [fiapo], o cachorro gritou e chegou lá no rumo da *beira* embolou o rabinho no meio da pernas, e no rumo da beira, e desapareceu foi embora, [O que foi, O que foi O que foi,?], aí ele diz ele, foi devagarzinho andando pra lá, chegou lá estava no meio duma galhada não era muito grande a galhada mais dava pra enxergar bem, aí quando enxergou lá, era uma onça estava numa carniça do caramba, no meio daquela galhada né, também não vou atirar se quiser vai me comer eu tenho nada, andou, andou de lá e veio embora, quando ele chegou lá na estrada disque deu aquele chilique nele, [risos] caiu de cara para baixo na estrada ficou lá, muitas horas lá, depois viu amodo que ele se recordou, ele pegou o *terçado* tudo mordido né, aquilo lá foi passando dele, disque deu uma tentação de ir lá, que quando ele olhou disque Natália, quando ele olhou Natália vinha assim, aí de cima vinha aquele lá vinha com tudo com os caramba muito braba, *porra* viu que não tinha jeito mesmo, se encostou no pau assim de costa pra lá, e ele estava só com cinco ou era seis *cartucho*, e quando o bicho [onça] veio pra pegar ele, ele disse que ela ficava em pezinho igual um homem assim, na última cartucho ele atirava num pegava em paragem nem um, pegava mais sei lá, ela fazia só a limpar o sangue assim da cara dela e ia pra cima dele, e quando disque no ultimo cartucho, que ela já vinha pra pegar ele, aí ele atirou nessa paragem daqui do braço dela [fazendo menção ao branco] era um macho né, veio pra cima dele, aí mesmo ela ficou, aí gritou lá e foi embora. Quando ele chegou [risos] com finado Sabino, disque ele gritou ei Sabino, quase que eu dava boia pra onça, convidei o homem não quis ir comigo, mas bora amanhã seu mano, amanhã nós vamos matar esse diacho, amanhã vou levar meu cachorro, como o nome do cachorro dele Lulu, tinha um

³⁵ Se refere a mata que fica bem distante.

³⁶ Nome de antigo morador.

cachorro bom, Pitá [nome do cachorro] amanhã nós vamos lá, e quando foi de manhã eles foram embora pra lá com ele, com o Sabino né, aí, ram não toparam mais a onça, aí disque o cachorro dele Natália, topou jabuti minha filha que carregava o pai dele, que não sei quantos quilos o pai dele é..., **Moisés** noventa quilos, era uma mostra da jabota, **Moisés** era grandona mesmo Natália, **Perpetua** por que só o fígado dele ele falou deram para repartir, deu pra janta de todos eles, muito grandona, disque velho Manelzinho sentava em cima né Lulu, ela só andando de mansinho carregando velho Manelzinho que era pai dele. Ele contou essa história também, escapou mesmo da morte aqui lá pro do veríssimo, naquele tempo nós ia embora tirar só ele por aí, do primeiro Natália quando nós íamos com esse aqui lá por lado do *2 de junho*³⁷, lá pro lado do final, **Moisés** que tu dizes será que um dia nós ainda vamos lá. **Perpetua** eu não tinha medo de andar sozinho eu, **Moisés** nós vamos Peta, **Perpetua** as vezes nós íamos embora tirar cipó.

Uma vez, meu pai que foi, gostava de tirar sova, é, a gente vivia só tirando as coisas do mato. Ele foi convidar a minha mãe, bora lá no mato, bora, e foram embora. chegaram lá, bem numa, um lugar que se chama, uma cabeceira que se chama veado lá, o lugar onde trabalhava. Aí sentou lá e derrubou a árvore da sorveira e caiu e foi anelar a sova. Anelar a sova e naquele tempo ele usava aquelas tigelinhas, de chokolatinho né? Aí, ia *aparar* o leite para botar dentro da outra vasilha. Aí, aí, quando a minha mãe... faz um cigarro, mulher. Aí, a mamãe sentou lá, em cima de um pau assim, ela escutou pra baixo...tipo assim por baixo era tudo oco né, que tinha por cima da samambaia, aí ela escutou aquilo fazendo assim [chi, chi, chi, chi] aí, ela ficou prestando atenção para onde que era aí quando ela viu, ela viu tipo uma linha, vinha espichando debaixo daquele... daquela samambaia, debaixo das barbas do pau saindo. Aí ela viu que ia subir no papai né. Aí ela estava enrolando *cigarro*. Quando ela olhou lá, ela vinha para pegar ele lá, ela gritou, Mário, nome dele era é Mário né, Mário, olha uma linha que está espichando pra pegar em ti. Aí quando ele prestou atenção, rapaz esse daí é jiboia ele disse, é jiboia. Aí nem trouxeram a vasilha deles, pegaram só o que tinha tirado, colocaram no paneiro, eles vieram embora. Se ela não fosse com ele, acho que ele tinha dado boia para o bicho, né? Ele ia pegar ele. Quando chegaram em casa, ficou muito com medo também, nunca mais ele trabalhou no mato, para tirar sova, né? Só isso que eu tenho.

Questão de renda Bases Econômicas

A renda da farinha para nós é o superior, a renda da farinha, a pescaria, que é importantíssimo para nós, são tipos de renda melhor, pra mim, na nossa comunidade. É pouca renda, mas dá para falar. Eu faço vassouras, ainda faço vassouras, paneiro também ainda faço.

³⁷ Mata que fica na região e bastante distante.

Agora, o tipo de coisa que eu fazia, eu não faço mais por causa da vista que escondeu. E eu não estou andando também normal. Eu tenho uma doença muito perigosa, que o tal de diabetes, e não tem retorno para esse tipo de doença.

3º Transcrição: Sebastiana Ribeiro de Castro, 58 Anos, (Aposentada) e participação de seu Pai Manoel Pereira de Castro 83 anos. 11/02/2025.

História do Ticuã

Ticuã³⁸ com a mulher que ela trabalhava muito, muito de dia, aí ficou *enjeirada*³⁹, contava história que ele cantava [som do pássaro ticuã], há ticuã, só quer tá brabo nem ajuda a gente. Aí, [foi, foi, foi]. Toda vez era assim, toda vez era assim, quando foi um dia, ele apareceu pra ela a ajudar estava pedindo ajuda. Ele chegou lá, ei vim lhe ajudar ele, mas não convidei o senhor, ele disse eu sou aquele que estava cantando na roça, só vivia cantando [ticuã, ticuã] e vinha ajudava ela [risos] ele veio ajudar, ela ficou com medo [risos]. Aí, tirou, tirou, tirou, mandioca, tiraram um bocado. E agora eu já vou. Ai, mas mulher, quem foi que tirou toda essa mandioca pra cá, foi um homem que apareceu aí, que me ajudou. Ai, quando foi um dia, chegou o Ticuã de novo. Ela ficou com medo de falar, não sei. Acabou o homem, estava... Aí, quando foi um dia, ele estava... [Ticuã], mas que diacho ticuã, o quer me ajudar, ou me conta logo que está acontecendo. Aí ele foi lá e quando ele apareceu o ticuã, o que é que a senhora está falando? Queria que me contasse o que está acontecendo. A senhora quer saber o que está acontecendo com a senhora? Não, eu quero saber o que está acontecendo. Então, olha na minha boca, ele abriu a boca, ela olhou e enxergou o marido dela como outra mulher, esse daí que eu o quero contar. Aí, chegou lá, ela brigou com o marido dela, por que ele estava ela traindo com outra mulher, eu não, quem te contou, foi o ticuã, mas o ticuã não fala, não sei, mas ele que me contou, ele não faz [titi, titi, titi], está te avisando, cantando [risos]. Aí eu perguntava o outro. Ah outro dia ele disse mais que ticuã enxerido. Aí, o ticuã cantava pra lá de novo, foi só que ela não convidou mais pra trabalhar, ai ela ficou com medo dele, quando foi um dia que eu vou fazer, mas o ticuã estava lá, há ticuã amanhã se tu fosse homem, ia me ajudar torrar farinha, e quando foi de manhã cedo o ticuã chegou lá, eu vim ajudar a senhora a torrar farinha, mais eu...mas a senhora não falou que ia torrar farinha, era eu que estava lá, ai [foi, foi, foi], o homem já estava desconfiando, da mulher com o homem. Aí, [foi, foi, foi]. Até que um dia não prestou mais, o ticuã já tá animado com a mulher mesmo, ficar com a mulher mesmo. Até que um dia não deu certo mais, o ticuã, o marido dela queria matar o ticuã. Se eu ver esse ticuã cantando de novo,

³⁸ Nome de um pássaro, que dizem ser agoirento.

³⁹ Algo que se enjera.

eu vou dá um tiro no peito dele. Quando foi um dia ele estava [ti, ti, ti], ticuã já vem de novo, ela disse o que? Nada que aconteceu ticuã falou que não vem hoje não [risos]. Até que um dia ele encantou a mulher, ticuã levou ela, por causa que o marido dela estava com outra, e ela trabalhava muito ela. Aí, quando os bichos estão cantando é por que é a cantiga dele mesmo, [fala palavrão], mas é a cantiga dele só isso que ele sabe cantar, e muitas vezes também a cantiga dele quer avisar a gente, ele diz [ticuã], porque alguma coisa que está acontecendo, você pode prestar atenção nas coisas que vai acontecer. Ele tá [titi, titi, titi], tá alegre. Mas quando ele tá falando [ticuã, ticuã], alguma coisa tá acontecendo. **Manuel** contando. **Sebastiana** um rum ele quer contar o que é. Sabe as coisas que tem significado de cada canto de pássaro, do ticuã [titi, titi, titi], ele está alegre, vai acontecer alguma coisa de alegria na nossa família, aí quando ele tá [ticuã, ticuã], vai acontecer alguma coisa na nossa família ou está acontecendo.

Tradições e costumes.

A parte também do São Sebastião, todos nós temos uma parte que ele é do Candomblé, São Sebastião. Então, nós temos uma parte disso aí, nós pedimos proteção dele, porque ele se protege, Ele é contra tudo, tirar o mínimo das drogas, tirar a enfermidade, tudo isso de coisa, cuidar dos contra os marginais, de ladrão, proteger dos ladrões, tudo isso de processo, das doenças mais crônicas, eles falam sempre na oração deles, a doença mais crônica será curada. Isso é um *dom*⁴⁰, também eu aprendi a *puxar*⁴¹, no meu sonho. Eu aprendi a puxar no meu sonho, aprendi *benzer*⁴² má, lá, má, que falam curar, né? Eu já curei no meu sonho, gente, Natália., muito, pouco muito feio de ferida. Eu acho que até era o São Lázaro, assim, ferido, eu já curei⁴³, no meu sonho. Sempre eu aprendi também a *puxar a barriga*⁴⁴ no meu sonho, me convidavam pra fazer trabalho⁴⁵ eu ficava assim mais não sei fazer essas coisas, eu sonhei com essa comunidade, quando morava na Ponta Alegre, um homem de veste branca ele disse, a senhora vai voltar pra sua comunidade, a senhora que vai salvar a comunidade, vai ficar gente maluca. Quando cheguei pra cá ficou mesmo, gente maluca. Eu disse, mas como que eu vou fazer isso? Como que eu vou proteger essa comunidade? Já sonhei Natália, que partiu a terra até em frente da minha casa, partiu assim, ó, a terra [fazendo movimento com os braços], até lá chegou, uma parte só, pra cá não veio, dali veio até, dividiu a terra até na frente da igreja, eu gritava pro João, João era presidente da igreja, eu gritava pula João, pula pra cá, e o João nem

⁴⁰ Refere-se a algo que recebemos de Deus.

⁴¹ É uma prática que se utiliza para endireitar ossos torcidos.

⁴² É uma prática ou ritual, que se faz quando alguém está doente.

⁴³ Com a pratica de benzer, quem recebe fica curado.

⁴⁴ É uma pratica que se faz durante a gestação da mulher, para deixar o bebê encaixado para o nascimento.

⁴⁵ Refere-se ao trabalho de parto feito em casa.

ligava [risos], sonhei que essa parte aí pegou fogo [fazendo menção ao lugar], não pegou pra cá, parece que não pegou fogo, **Pesquisadora**, então o que a senhora aprendeu foi através do seu sonho? **Sebastiana** do meu sonho. Aí eu disse pra esse homem, que ele estava assim, aí ele estava me experimentando⁴⁶, assim, no redor dele tinha muito fogo, ele estava bem no meio do fogo. Aí ele falou apaga esse fogo, eu disse, como que eu vou apagar, não tenho nada de água? Ele disse, o teu coisa⁴⁷tá na tua mão, ele disse, ele dizia tá na tua mão. Aí, eu falei assim na minha mão não tem nada, não tem água, não tem nem vasilha com água, tem nada, eu disse. Não ele disse faz assim, aí, quando eu fiz assim, faz assim, ele fez a mão dele assim, aí eu fiz assim também [fazendo gesto com as mãos, girando como uma bola]. Aquele fogo apagou, faz do outro lado, fiz de novo, ele disse, o dom tá na tua mão tu não sabe usar. Falou isso pra ninguém. Até hoje eu fico comigo assim, eu fico pensando assim, que o dom está minha mão, só que eu não sei usar, eu fico pensando, como que é? Acho que é isso desse dom que está na minha mão, que é de puxar. **Pesquisadora** mais de criança que vem muito com a senhora. **Sebastiana** mais de criança, mais para criança. As vezes chega gente aí com criança. Acho que é pra criança. Assim eu aprendi a puxar barriga, já puxei, assim mesmo deu de fazer dois partos porque não tinha outra foi o jeito[risos]. Que foi da Sarita [irmã de Sebastiana], porque eu fui lá no hospital ainda. E a menina disse, pega a luva, mete na mão, foi assim mesmo já sem luva, [risos] a mulher já estava enrascada, depois de tudo, pediram pra assinar porque fiz o parto, assinei lá no caderno. Lá em Ponta Alegre, fiz da minha cunhada também. Estava assim, nesse ponto. Tem vezes que a gente sonha muito. Leva a gente pra cá, leva a gente pra ali, e aqui, assim que você quer fazer. É o mesmo que estudo, é o mesmo que estudar numa escola. Lá você vai aprender muito, está numa aula, vai aprender tudo, você vai aprender lá também, fazer isso estudar, é o mesmo que na escola, aprender as coisas na escola, **Manoel Pai de Sebastiana** tudo isso é a gente é mandado, não é que a gente queira fazer, a gente é mandado. Se ele falar assim, você não vai benzer fulano, você não pode benzer o fulano, lá no fundo ele está lá, olha, essa mulher aqui você não pode benzer. **Pesquisadora** Isso é um aviso, né? **Sebastiana** É, é um aviso, essa mulher aqui você não vai benzer. Aí, eu não posso benzer, eu não vou benzer, não sei o que vai acontecer comigo, né? Não vou benzer ela, a gente é mandado, você vai benzer essa daqui, vai chegar tal hora, gente aqui, essa mulher você pode ir lá, benzer. Aí chega à ordem da gente ir, acho que é essa mulher que é mandaram para cá. **Manoel Pai de Sebastiana** caso de mulher que é traída não pode benzer, se benzer você vai ficar no lugar dele. **Sebastiana**,

⁴⁶ Quer dizer que estava fazendo um teste.

⁴⁷ Refere ao dom que tem.

pois é, diz uma vida que a gente salva, tu perdes uma vida também, e a gente vai ficando fraco, por isso, que não é toda as vezes que a gente pode estar lá.

Linguagem

O papai falava muito feio, quem endireitava a língua dele a mamãe, papai não sabia falar garrafa, ele falava garracha, a mamãe, é que garracha nada, é garrafa, a mamãe não gostava que ele falasse, quando a gente conversava que falava assim, garracha, é *crueiro* não chamava de crueiro, chamava crueira, me dá aquela crueira de lá, mamãe crueira nada [risos], é crueiro. Assim estava falando o papai falava muito assim, mas na linguagem dele mesmo né. **Manoel Pai de Sebastiana**, era muito travado, até agora minha língua, ainda falo pesado. **Sebastiana chocolateira**⁴⁸, me dá aquela chilateira lá, chilateira ele falava [risos], nós como já éramos criados com ele filho, nós já sabíamos o que ele falava, né? A gente fazia o que mandava fazer, pegava certo o que ele podia fazer. Por que a gente se criou, do jeito dele, né? A mamãe que endireitava. Falar errado, isso que eu estava contando debatendo por aí, com a professora, a ela disse você não fala feio, fala a tua linguagem está certo, está certo. Tem gente que diz, ai fulano, não sabe nem falar. A professora disse é uma discriminação, da cadeia, sabe que da cadeia, estão discriminando a gente, e falam da gente mesmo. E por isso que a gente não gosto de falar, que minha língua é, aí mamãe, quando a senhora for falar tem que soletrar primeiro, pra poder não falar errado, mas como [risos], se der eu falo mesmo. **Manoel Pai de Sebastiana**, aí pra fora tem gente que fala mais feio, que poxa, mesmo que enrola, só que fala ligeiro que não entende, eu então entendo, muitas coisas de linguagens.

História

A mamãe já ficando louco [risos], já tá contando mentira eu falei [risos], o sabiá é o canto mais bonito que tem sabiá, só vive alegre, aquele outro pássaro amodo que ele canta, quando a gente entra na mata ele começa a rodear [vivivivivi]. Ele tá muito alegre, até as árvores, quando ele tá cantando, o vento começa a bater, amodo que brilha aquelas folhas.

Manoel Elias, ele contava muita história, ele ganhava dinheiro lá em Parintins de história, reunia muita gente, ele contava história, se reuniam gente, pagavam ele para contar história. Os velhos gostavam muito de histórias, Manoel Xisto. Eu gostava desses *velhadas*⁴⁹ só por ouvi história, Maria Cidronha reunia pra contar história. **Manoel Pai de Sebastiana**, tem muita história, que contavam, mas naquele tempo não sabiam ler para escrever. **Sebastiana**, não tinha nada pra gravar. **Manoel Pai de Sebastiana**, tem muitas histórias, mas não tinha como gravar. **Sebastiana**, e aí pegou na comunidade, mas o Rio que é Matupiri, a comunidade

⁴⁸ Vasilha utilizada para fazer café.

⁴⁹ Se refere as pessoas mais velhas.

é Santa Tereza mesmo, Matupiri, aí o Rio Andirá, porque que é grande, paresque, não sei o significado não, de ser Rio Andirá. **Manoel Pai de Sebastiana**, é o rio que chama no Amazonas, é a parte do Amazonas, tem braço pra todo lado dele, aí vai fazer os nomes de tudo quanto que é *cabeceira*⁵⁰. **Sebastiana**, começa o Rio Andirá, da *Barreira do Andirá*⁵¹, pra cá, e chamaram Rio Andirá por causa dos indígenas, dos nomes, até que acertaram Brasil, no tempo da cabanagem que os indígenas vinham atacar também. **Manoel Pai de Sebastiana**, começou com os indígenas, que já moravam lá, começou em Manaus, Manaus que foi a terra porque Manauara? por que eram indígenas. **Sebastiana**, os Parintintins também eram indígenas que tomavam conta, depois que os brancos vieram, e mataram muitos indígenas, ainda tem a metade aqueles Parintintins. **Manoel Pai de Sebastiana**, aquele que dizem que descobriu que chama de Pedro Alvares Cabral, que descobriu o Brasil, que conseguiu entrar dentro do Brasil **Sebastiana**, o Brasil já era descoberto, [risos] os indígenas que descobriram, que já moravam no Brasil, aí depois eles falam que eles que descobriram, mas já era descoberto, já estava aparecendo. **Manoel Pai de Sebastiana**, já estava aparecendo, que não tinha conforto e sabedoria para abrilhantar, naquele tempo metade não sabiam nada, os que já ficavam, que botavam pra lá eram todos burros, estavam em cima da riqueza, mas tudo burro, mas não sabiam como fazer, e descobriu porque viu que era minério, tudinho, ele pegou tudo, juntou tudo de minério que nós tínhamos da terra e ficou rico, eles ficaram ricos. **Sebastiana**, ficou só pro fundo. **Manoel Pai de Sebastiana**, ficou só aquele que ficou pro fundo, por isso que diz que descobriu, mentira ficou foi rico com tudo que era nosso, que ficaram ricos. **Sebastiana**, Maria Tereza, ela que comprou essa santa aí Santa Terezinha. **Manoel Pai de Sebastiana**, ela comprou a Santa, e fizeram homenagem a Santa Terezinha. **Sebastiana**, eles faziam festa Santa Terezinha, ali no popunhal, que chama o terreno do Manoel Xisto, lá que o nome chama popunhal, e a festa do [Santo Antônio] era ali na ilha do velho Teodoro. Lá fazia a festa do Santo Antônio, e da Santa Terezinha, dessa, fazia lá na Terra Preta. Trindade, fazia na Terra Preta. Aí, depois que o pessoal virou Adventistas, né, ela deu para a velha para cá, já, foi na igreja. Esse terreno aí era do pai, do papai, ela comprou pra fazer a igreja aí né pai, comprou do pai dele. **Manoel Pai de Sebastiana**, finado Deoclides. **Sebastiana**, finado Deoclides, que era o avô dele. **Pesquisadora**, antes era só aí, né? **Sebastiana**, só aí na ponta. **Manoel Pai de Sebastiana**, mas não ia no fundo essa ponta aí, bem onde aquela casa lá era a igreja, bem na ponta, a água chegava até meio perto, não ia muito, de certo tempo foi já pro fundo. **Sebastiana**, como estava falando, depois, acho que o calor da gente, a terra cresce, né? Porque, quando eles

⁵⁰ Comunidade que faz divisa entre Barreirinha e Parintins.

⁵¹ São furos de água que desaguam pela região da comunidade.

tinham casa, as pessoas tinham casa lá, nunca foi pro fundo aquele pedaço lá, depois que cada um se mudou pra cá e começou, a terra, afundou, foi afundando. **Manoel Pai de Sebastiana**, aquele campo tudo tempo nós jogávamos bola, tudo tempo aí. **Sebastiana**, depois disso, como nós temos indo pra lá, que tem a casa, fazemos aquela festa lá, não foi mais no fundo, ano passado, não foi no fundo, nem o campo não foi no fundo, estava falando, será que o calor da gente que a terra tufa? **Manoel Pai de Sebastiana**, que a cobra que estava aí embaixo se remexeu tudo [risos]. **Sebastiana**, mamãe disse que o dia que tirasse aquela igreja lá, essa ponta lá ia afundar, ela dizia pra nós, o dia que jogarem essa igreja aí minha filha, essa ponta ia afundar. Aquela *praia*⁵² de lá, ela não saía muito, agora ela já sai grande, lá tem duas sereias, uma morena e uma branca lá naquela ponte, a mamãe já viu, de dia mamãe viu, ela viu, ficou braba, ela já viu as duas sereias, a branca e a morena, lá em cima da praia, meio dia, ela disse que viu. As velhadas é que dançava, as crianças não dançavam não, e naquele tempo tinha um respeito que só dançavam de camisa manga comprida por aqui [fazendo gestos até o punho das mãos], camisa branca de manga comprida, e nós, não dançavam nem um pouco, ia embora dormir, que mandavam dormir, eles dançavam, de certo tempo pra cá, que já consentiam a dança do gambá mais de dia só, de noite não, só as velhadas. **Manoel Pai de Sebastiana**, nem todos, nem todos sabe dançarem gambá. **Sebastiana**, agora, nem ver as criançadas quase dançarem gambá, porque não cantam mais também, não põe a dança do gambá pra dançarem. Lá no Ituquará, eles querem resgatar a dança do gambá, lá que a gente canta bem gambá. **Manoel Pai de Sebastiana**, é que aqui não tem quem cante gambá, não tem mais aquela toada de cantar de gambá. **Sebastiana**, aqui não tem mais ninguém, quem cantava já morrerem, não tem aquela toada de cantar. Pra resgatar, que tem o *Socoró*⁵³ que canta, tem outro que bate gambá e canta, resgatar, todas as cantigas eram inventadas/versadas, só mesmo esses cantores de hip-hop, né, pra fazer tudo certo. A gente devia ter uma aula de música aqui, porque tem muita gente que sabe cantar. Aula de violão para as crianças, para as moças também. Eu acho muito bonito mulher que toca violão, eu não aprendi de besta, que não aprendi. Lá na Ponta Alegre, as meninas tocavam e ensinavam, as meninas aprenderam, eu que não. Eu morei 20 anos, acho que uns 30 anos por aí. 30 anos, na Ponta Alegre, voltei pra cá, pra ficar efetivo, em 2012 voltei pra cá, daqui não saio mais. **Pesquisadora**, a senhora tem quantos anos? **Sebastiana**, eu tenho 57 anos, fiz este ano caminhando pra 58, eu fiz dia 20 de janeiro, 57 anos, no dia de São Sebastião. **Pesquisadora**, por isso Sebastiana, é? **Sebastiana**, por isso botaram Sebastiana que nasci no dia do aniversário dele.

⁵² Praia que sai e fica entre Santa Tereza e Boa-Fé.

⁵³ Apelido de Ison Guimarães, músico.

Sebastiana, quando era crianças, que contavam histórias, contavam história pra fora. **Manoel Pai de Sebastiana**, dizem aí, ainda tem jaraqui mais quando, agora não tem mais, quando eu entrei aqui, que me entendi, uma hora dessas era só dobrar uma canoa na beira, que quando de cá pouco, cara ia lá, estava pronto o almoço, era jaraqui pulando dentro da canoa e tudo quanto é qualidade de peixe. **Sebastiana**, eu achava muito bonito, eles faziam que a malhadeira né, malhadeira deles, era palha, eu ia só para levar a canoa atrás [risos], pegava paulada de peixe na testa [risos]. **Manoel Pai de Sebastiana**, pegava peixe com palha ainda. **Sebastiana**, andava arrastando [zurum] a palha no fundo fazia aquele barulho e o peixe pulava por cima, direto na canoa, levava a canoa certo, aí se a gente errasse pegava rallo [risos], **Manoel Pai de Sebastiana**, e aí, quando dava no cardume poeirava ia [ziziziziz]. **Sebastiana** chega poeirava [zizizizizi], achava muito bonito [risos]. **Manoel Pai de Sebastiana**, tinha vez que só dava uma lanceada, quando dava a canoa estava no meio de jaraqui, agora tá difícil já a pescaria. **Sebastiana**, agora só come peixinho quando estava com meu pai eu disse nunca comi peixezinho, nós comíamos peixe escolhido, papai nunca trouxe peixinho pra nós não, ele trazia só tucunaré, mas miúdo era jaraqui, resto era tudo grande tucunaré, só peixe escolhido ele trazia, tucunaré só comia aqueles que dava pra comer, pequeno não trazia, só jaraqui que era pequeno mesmo e ele trazia pra gente comer. **Manoel Pai de Sebastiana**, jaraqui pequeno não, daquele tempo era grande que achavam grande, *jutuarana*⁵⁴ do tamanho do tambaqui, jutuarana daquela dava um almoço bem folgado, peixe gordo que só diacho, ainda vi uma bonita na televisão de Manaus [risos]. **Sebastiana**, o papai era daqueles que ele pegava, matava caça, e chegava gente pra comprar, ele vendia, vendia não, ele dava tudinho, nós ficávamos com espinhaço⁵⁵, e dizia puxa papai o senhor deixou só o espinhaço, ele dizia não minha filha, vou já buscar um só pra vocês comerem, e ia embora, que era fácil, e saia, nem demorava voltava, com veado e aí nós íamos comer. O primeiro ele trazia era só pra dar mesmo, e nunca faltou, sempre foi assim em casa, nós morava lá na cabeceira, mas nunca faltou gente lá, nós morava aqui desse lado, mas nunca ficou sem gente, e passamos pra cá e pra vila, aqui também nunca ficou sem gente, nunca ficamos só, sempre teve aquele povo, lá na cabeceira, nós morava lá, os meninos iam daqui, jogar bola lá com os curuminzadas, faziam o campinho lá na areia, e jogavam bola, e ficando de tarde iam embora. Aí o Piola, já caçava o Fino, né, e matavam veado, fazia aquela panelada de veado, eles iam apanhar patauí, fazia aquelas paneladas de vinho, tomava lá e depois do jogo vinham embora, sempre foi a casa cheia, em casa, todo tempo, lá longe, do outro lado, aqui na vila também, assim, quando se reúnem tudo é casa cheio, estão jogando dominó, gostam

⁵⁴ Peixe

⁵⁵ É espinha do animal.

de jogar dominó, sempre, a gente nunca ficou sem gente em casa, sempre tem gente, quando era puxirum, ichi, dava muita gente, criançada pequena era só no chibé, iam embora tinha manicuera, *tarubá*⁵⁶, pessoal tomando tarubá, era aquela alegria contando história, plantando *maniva*⁵⁷, bora, criançada, vamos pegar o cavador. É, agora a gente não faz mais o puxirum, se a gente convidar um de tarde, já quer o dinheiro, tem que pagar a diária, antes trocado o dia, amanhã tu vais me ajudar, mas agora se não tiver dinheiro não vai. Por isso digo muda tudo vai passando de ano, vai mudando, cada geração que vai nascendo, já vai no outro ritmo. **Manoel Pai de Sebastiana**, vai mudando, vai mudando, cada ano vai mudando as coisas, do primeiro o tocador eram cantor, agora já nem toca mais, agora só já cantado, sabendo cantar tá na festa, agora se tem voz pra cantar que pega. **Sebastiana**, naquele tempo cantavam mais tinha bateria né pai, agora só no disquete né [risos]. **Manoel Pai de Sebastiana**, agora só no disquete, que faz a voz mais bonita. **Sebastiana**, já tem microfone, do primeiro era só no assopro, evoluiu muito né, muita gente diz assim, quando vão fazer as coisas, poxa, não é assim, só que a gente já está numa outra coisa, não dá mais pra fazer daquele jeito, não querem mais aquele, querem o novo que tá saindo, as meninas estão ensaiando, carimbó a minha madrinha Raimundinha disse.

Histórias

Do jabuti era cantado, que cantavam [jabuti tam, tam jabuti tam, tam,], [risos] é grande, essa história é muito grande que contavam os velhos, e a gente gostava que ele contasse, a gente se reunia tudo o *montante*⁵⁸, aqui perto dele contando e achavam graça. **Manoel Pai de Sebastiana**, tinha do bicho que levou a mulher daqui. **Sebastiana**, da Juma. **Manoel Pai de Sebastiana**, pra juma, levou ela de tarde, do primeiro, se convidava de tarde, ia convidar de tarde, fulano vai comigo em tal parte amanhã, de cá pouco, contratando de madrugada, que ia pegar ela pra apanhar *patauá*⁵⁹, logo na boca da noite apareceu o cara lá, buscaram as mulheradas pra levar pro mato, pra apanhar patauá sabe lá que hora da noite, levou lá pra casa dele pra comer, essa história ainda tem. **Manoel Pai de Sebastiana**, João Elias, que contava história também. **Sebastiana**, já morreu, João Elias, Manoel Xisto, tudo eles contavam, finado vovô Xisto, João Xisto gostavam de contar história, tem vez que eles contavam versado mesmo e cantavam. **Manoel Pai de Sebastiana**, riam que só diacho [risos]. **Sebastiana**, que a gente ria muito, tio João Elias que contava bonito mesmo do jabuti [tantã, jabuti tantã], que fazia rir

⁵⁶ Bebida que extraído da mandioca.

⁵⁷ É árvore da mandioca.

⁵⁸ Refere ao um número maior de pessoas.

⁵⁹ Fruta parecida com bacaba e açaí

[risos]. **Manoel Pai de Sebastiana**, tem a história do lagarto com a mulher também, que a mulher, ia na roça, só ela, quando chegava lá, sempre na *manicuz*⁶⁰saía um lagarto correndo, vai te embora daí, te largo logo o terçado, se fosse homem tu não havias de tá por aqui me ajudando, estava aí na manicuz, toda vez que ia tirar mandioca estava lá, contavam essa história da mulher com o lagarto, é bonita essa história, tem diversas histórias que eu sabia, mas depois eu me esqueci, não me lembro.

Histórias

A gente não ouvia grito de cachorro, não, a gente ouvia só uns zoadeiro, [zumm] a gente chegava bem no porto, onde o tio Batista trabalhava, sumia, parava, não ouvia nada, nada, nada, o pessoal ia ver pra lá nada. Esse pessoal do tio Ferro, não morava pra lá, porque tinham medo desse negócio, só nós morávamos lá de frente. Eles quando iam pra lá, depois vinham embora pra fora, nós morávamos lá, foi, foi, até que um dia, o Piola estava na espera daquele lado de lá embaixo da *najazeiro*⁶¹. Esse dia a Dayana [filha de Sebastiana] era uma cunhantã muito braba, esse dia nós estávamos lá, e ela chorava, a gente dizia, cala a boca olha bicho vem andando, mas quando, aí que ela gritava mesmo, gritava mesmo, olha o bicho vem pegar nós, ele estava do outro lado vinha aquele barulho, gritando [ohohohoho] aquele zoadeiro, meu irmão estava do outro lado, aí estava lá ele disse, quando viu que ia chegando perto, ai veio uma paca, aí a zoadeira estava mais perto, aí estava lá, e a paca veio, aí não conseguiu matar por causa da zoadeira, aí, quando chegou perto, ele deu um tiro mesmo [pááá]. Aquilo também, tu sabes que até hoje não apareceu mais, né? Ele espantou, até hoje, aquele tiro que ele deu desapareceu, aquela visagem. Agora já moram pra lá, tem um campo do seu⁶², coisa lá, dormem bem lá, não veio mais, essa misura, e fazia essa misura lá, do lado daqui durmo tranquilo, mas do lado de lá, não durmo não.

Histórias do Jabuti com a Onça

Eu vou contar a história, as crianças lá em casa ainda me perseguem, as vezes quando estou com paciência ainda conto. **Manoel Pai de Sebastiana**, a gente se esquece, não conta, esquece. **Sebastiana** A gente não contar, esquece, é uma das coisas que canta. Olha, do Jabuti com onça que apostaram, quem corria a mais? Se era a onça ou o Jabuti, tem do veado também com a onça, é assim a história. **Manoel Pai de Sebastiana**, tem do jabuti com a onça, que a onça queria pegar o jabuti no buraco, ela mandou o urubu vigiar o jabuti, enquanto ela ia buscar o ferro dela pra pegar o jabuti, quando a onça foi embora, ele fez uma mala lá dentro, mijou lá

⁶⁰ Buraco que fica quando se retira a mandioca da terra.

⁶¹ Arvore de Inajá

⁶² Refere-se ao terreno de seu Manoel fazendeiro.

fez a mala, olha quando, tu avistar a presa, empurra a cabeça pra dentro do buraco, o besta foi meter a cabeça, o urubu meteu a cabeça pra lá, e o jabuti meteu a lama no olho do urubu, o urubu saiu se batendo, e o jabuti saiu que foi embora. Quando a onça chegou lá perguntou pro urubu, cadê o jabuti, tai que até me jogou lama no meu olho, o jabuti sabe lá onde andava, cavaram, cavaram, cavou, cavou, cavou, e nunca que achou o jabuti, e o jabuti do buraco não achou foi nada, e agora eu vou te comer, ainda foi sentar lá cima.

Histórias Sebastiana Candelaio

As criançadas naquele tempo se reuniam todos pra escutar histórias, que as velhadas contavam, gostavam de contar história, pra não dormi cedo, que não tinha televisão, não tinha nada, não tinha energia, deixava a lamparina lá, e se reuniam pra dormi, escutando história que os velhadas iam contar. **Manoel Pai de Sebastiana**, era bacana, que quando chegava as quatro horas da tarde, fazia as coisas, rezavam, agora não. **Sebastiana**, finada vovô Maria contava a história do Candelaio, Candelaio era um homem que tinha a mulher dele, só que aí tinha o rei, ele trabalhava com o rei, passava em frente da casa do rei, para o trabalho dele, e o rei tinha uma filha bonita, e toda vez que ele passava por lá, ele dizia oh moça quando tu estiveres grande e ficar moça vou casar contigo, toda vez ele falava isso. A menina foi crescendo com esse pensamento, que ela ia casar com Candelaio. Quando foi um dia, a moça cresceu, ficou moça, ele passou por lá, ela falou papai quero me casar com Candelaio, pois ele me prometeu casamento, falava isso toda vez que passava aqui e dizia, oh moça, quando tiver moça mesmo, eu vou casar contigo, agora já sou moça, quero casar com ele, há minha filha, ele é casado, não sei eu quero casar. Como o rei mandava, chamou o Candelaio, olha seu Candelaio hoje mesmo você vai casar com minha filha, você prometeu pra ela, então agora você vai casar, mas eu não posso sou casado, mas você prometeu e vai casar, era rei né, leve essa bacia e traga a cabeça da sua mulher nessa bacia, lá a mulher dele já sabia, nesse dia ele nem mais foi para o trabalho dele. Aí ele voltou com a bacia, quando ele chegou, ela já sabia, ela olhou pra ele, botou a bacia em cima da mesa e começou a amolar a navalha. Ela disse [cantando], Candelaio, Candelaio, tão triste viver chorar, contai sua tristeza, como conta a alegria. Aí, estava amolando, ele respondeu pra ela [cantando], não tenho nada, senhora, não tem nada, senhora, mas aquela malvada bacia, pra levar sua cabeça, ela cantava, mama, mama, meu filhinho, filhinho de estimação, que hoje tem mãe, amanhã terá madrasta, um cantando pra outro e o horário ia passando, que era meio dia, era pra levar a cabeça dela lá, na casa do rei. Naquela hora a princesa estava furiosa, olhava pra ver ele, se já vinha com a cabeça da mulher dele, eles estavam lá cantando um para o outro, o e horário ia passando, já era meio dia, e nada do homem levar a cabeça na bacia. Aí foi, foi, aí não demorou bateu o sino, deu meio dia bateu o sino, [tem, tem,

tem]. Aí ela disse [cantando] (corre, corre, minha filha, vai ver, o que é, que está acontecendo na casa do rei), aí a filha dela foi embora, chegou lá, já era mulher tinha caído lá de cima, morrido, a noiva dele, aí ela veio lá, falou pra ela. Aí ela cantou pra ele, (Candelaio, Candelaio, tão triste viver chorar, cantai a sua tristeza, agora vem a alegria), porque ela já tinha morrido e estava alegre, aí foi, foi, veio de volta, e acabou o *caso*⁶³, e nem casou com a mulher. Ela contava essa história, tem o caso da mulher que se enjeirava para lobisomem. Toda noite ela saía, marido dela saia pra pescar, ela saía também, vivia/fazia aquele fogo grande, quando o marido chegava perguntava onde tu estavas mulher? Todo tempo doente, mas como que não sai, acaba que saia pra comer besteira, ficava doente do estomago, mas de noite ela saia pra comer besteira, se enjeirava. E quando foi um dia, ele disse eu vou pegar que essa mulher está fazendo, ele disse que ia pro mato, tá bom, quando ele saiu pro mato, ela saiu pro rio, ele fez que foi e voltou, quando ela saiu, já se enjeirou, ele seguiu e virou de barriga pra baixo, quando foi embora, ficou esperando ela, chegou entrou mas o corpo dela estava errado, a frente pra costa, e a costa pra frente, não tinha como ela levantar, mulher levanta, matei uma paca aí, vem fazer comida pra nós comer, ah, marido estou doente, não posso levantar. Essa filha da mãe está se enjeirando, e ficou com medo, podia ela sair e comer ele, foi, foi, quando no outro dia ela saiu do canto, saiu e cavou um buraco e enterrou o corpo dela, atacou fogo na casa saiu e foi embora ela veio e ainda ficou um pedacinho da cozinha assim, a filha da mãe, ficou aquele tipo um bucho, ficou breado lá. Quando foi um dia a besta ainda foi lá espiar, ela foi embora ou já morreu, espiando por ali, ela estava só de olho no caminho do porto, ele veio se estragar lá mesmo, ela só pulou no ombro dele, pronto aí breou aí não saiu mais, saiu se batendo já era, e andava com ela aí, já está breado mesmo, e andava com ela, andava pra cá, e pra li, estava emagrecendo, que não podia comer mais nada, tudo que ele comia ela puxava pra boca dela, tudo pra bola dela, já estava emagrecendo, muito magro, que eu vou pra essa mulher meu Deus do céu, inventou de pescar, bora pescar lá no fim da cabeceira, aí foi, fez o fogo cuidou o peixe estava assando, ele disse fica aqui mulher, que eu vou lá na beirada buscar a farinha e água, pra nós comer, ele foi embora, era meio longe da beirada, não era muito perto, ainda bem que ele deixou o casco no ponto de empurrar mesmo pra fora, lá no centro mesmo, onde ele foi deixar, quando ele chegou, ela estava de olho nele com cisma, foi, foi, quando chegou na beirada, ele olhou pra traz, estava de olho nele, mas eu vou deixar essa porra aqui na beirada, ele só deu um empurrão na canoa, ela só deu um pulo chegou na beirada [tucu], só que ele já estava no largo, ela disse, que te vá, se não hoje era teu dia, ela ficou lá na beirada, ele foi embora, aí passou, um bando de capivara,

⁶³ Era a forma como os mais velhos, chamavam antigamente.

ela só pulou no meio da capivara. A capivara só pulou na água, foi pro fundo, embaixo do pau, lá ela ficou no fundo morreu afogada, marcou pra capivara. E ele se livrou não estava mais aguentando, não comia mais que ela não o deixava comer. Essa é a história da mulher que se enjeirava pra lobisomem. Já esqueci de muita história que a velhada contava. Tem do bicho folharal, da raposa com a onça, que a onça queria comer a raposa e não conseguia comer, se fez de morta pra comer a raposa e não conseguiu, a raposa era esperta. **Sobrinho de Sebastiana**, tem aquela também né tia, do homem que se enjeirava pra onça, do homem que se enjeirava pra cavalo pra comer capim, saía de madrugada, papai que gostava de contar essa história, **Sebastiana** tem muitas histórias. **Sobrinho de Sebastiana**, oração que eles tinham pra se enjeirar. **Sebastiana**, tem os donos daí, sempre aparecem, mas só pra quem ele não conhece, não mexem, eu ando por aí eu sei quando é, e quando não é, eu não ligo quando tão mexendo, tenho andado duas vezes na estrada, quando fui tirar pau, eles começavam mexer, parece gente, mas eu não ligava, era os donos de lá. **Pesquisadora**, por isso que dizem quando vai para algum lugar tem que pedir permissão. **Sebastiana**, tem que pedir permissão, até numa beirada dessa tem que pedir permissão, cada uma tem uma missão pra pedir, eu lembro quando a mamãe levava as criançadas, primeira vez que minhas criançadas foram pra cabeceira, a mamãe lá na cabeceira na água gelada, que ela chamava de batismo, vou batizar essas crianças aqui, botava as crianças lá na água, botava água na cabeça e dizia olha fulano esses daqui é meus netos, esses daqui são da família não vão mexer com eles, sabe que eles não adoeciam mesmo, pulavam na água, ela sabia o nome das coisas, lá da cabeceira é Mariazinha⁶⁴, olha Mariazinha esses daqui são meus netos, Joãozinho⁶⁵ dono do campo grande, são meus netos não vão mexer com eles, aqui no Duluvico⁶⁶ também, eles já sabem, também é assim. Aqui no campo é dona Juquinha⁶⁷, a dona Juquinha a Erelly, ela escondeu, se não fosse eu, sabe lá onde não estava, o pessoal deixou só ela pra paresque, acho que já tinham ido, ou não, não enxergaram ela, ela estava lá perto do Clovis⁶⁸ [cunhado de Sebastiana], ela ia pro centro, ela ficou sentada na beira do campo, do lado daqui, e aí eu vim ver barulhando pra cá pra li com o terçado, aí olhei ela estava sentada, o que tu está fazendo aí então, ah, mana acho que estou perdida, não sei mais pra onde é o caminho, não sei se vou pra beirada ou pro centro, tu indo pro centro, não está indo pra beirada não. Não acerto mais o caminho, pessoal acho que foram embora, já tinham vindo mesmo deixaram só ela

⁶⁴ Mariazinha é o nome do dono da cabeceira que fica na campina.

⁶⁵ Joãozinho é nome do dono do campo grande de mirizal, área da campina

⁶⁶ Duluvico é o nome do dono de uma pequena cachoeira ou olho da água, área da Pedra Branca.

⁶⁷ Refere a dono do campo de mirizal, área da campina.

⁶⁸ Senhor dono do terreno que fica na área da campina. E onde fica o campo do mirizal.

pra lá, disse olha pessoal⁶⁹ tão te escondendo aí, ei, dona Juquinha, solta a mulher, deixa ela ir embora pra casa dela, vou te levar até na porta da descida da Pedra Branca⁷⁰ levei ela até lá, ela foi embora, o nome dela é Juquinha. Aqui na pedra branca, quando a filha do Raimundinho, nem ninguém acreditou nela, isso é verdade, a enteada dele que veio aí, ela ficou lá, e o dono do campo foi lá, o vizinho ela disse, estava de calça rasgada e é baixinho, oi vizinha, oi ela disse, você é nova aqui né, a senhora não é daqui não? Ela disse não eu sou filha do seu Raimundo, dono desse terreno aqui, neto da dona Trindade, eu conheço ele, tá bom, eu só vim aqui passear com vocês, só está tu aqui, vou embora, somos vizinhos eu moro bem aqui, ai ela ficou com medo, e sumiu pra lá, ele disse não fica medo não somos vizinhos, mas quando o Raimundo chegou ela estava tremendo, ela contou pra ele, ele disse que era o dono daí do campo que veio aí, não era alguém conhecido, não ela disse, ela veio aqui na vila, não tem nem um rapaz igual ele, eu disse então é o dono de lá então, se endereçou contigo, difícil ele aparecer. A mamãe também viu cavalo marinho, aí nessa ponta cavalo marinho apareceu pra ela. Duluvido, não tem paciência com a pessoa que não cumpre a promessa, tem gente que vai pular na água na cachoeira dele, ah que amanhã vou trazer um pouco de cachaça pra ti, não faça isso, se fizer, mas leve, se não, ele dá o troco, porque o cepo[ss] ficou maluco lá também daquela viagem, de lá foi a doença dele, fica prometendo as coisas, como diz não prometa aquilo que não possa cumprir. É o mesmo que curupira, a curupira também não brique, por que o menino Leoca [ser] não pode ir pra essa cabeceira ele não pode de jeito nenhum, a curupira vem até na beirada assobiando, vem até na beirada atrás dele, por isso ele não pode ir pra lá, tanto prometerem as coisas, vão tirar cipó, ficam prometendo cigarro, cachaça e não levam pra ela, e ficam brabo. **Manoel Pai de Sebastiana**, mas não dão, aí que é o perigo. **Sebastiana**, aqui eu já vi ao vivo mesmo, isso eu conto porque eu vi, não sei se eles iam me encantar⁷¹, não sei, mas estava eu a mamãe e tinha uma cachorrinha dela chamada tapiú, ajuntando miri⁷², bem aí onde é porto da tia Lurdes⁷³, tem a casa dela mas em cima, eu estava no miri lá daquela baixa, agora que descobrir que é uma gruta lá, todo esses anos morando, e não sabia, depois da tia Lurdes morando que falaram que tem uma gruta lá, fui lá e tem mesmo, e pra lá que eles sumiram era um homem, uma mulher, e uma criança, até hoje eu tenho a cor da roupas deles, na minha vista, ela estava com um vestido bonito, até o pé floreado, e ele estava com um paletó, e a gravata dele era branca, estilo de gente branca mesmo, e o garoto estava com uma calça preta de

⁶⁹ Refere-se aos donos da mata, das cabeceiras, das grutas.

⁷⁰ É uma área entre o campo de mirizal e a comunidade.

⁷¹ É o encanto, ou magia, encantamento mágico.

⁷² É um fruto pequeno, que tem na área da campina, onde se encontram várias árvores, por isso mirizal

⁷³ É apelido de Maria Amélia, dona de terreno na campina.

paletózinho, eu enxerguei por baixo da minha perna, estava abaixado, que tenho modo de abaixado, mas estou olhando, e enxerguei muito se aproximando de mim e a cachorrinha enxergou, olhei para a cachorrinha ela olhou para mim, e ela fez assim com rabo dela, pro meu lado, pelo amor de Deus. Aí eu fui gritar pra mamãe, né? Eles saíram na marra puxando aquele capinzal de lá, ele e ela puxando a criança pra lá, não vi mas ninguém, não vi rastro nenhum, a mamãe olha só quer tá ajuntando miri separado da gente, se não fosse está cachorra, já tinham ti levado [risos], até hoje quando chego lá, tenho medo de passar, fico olhando e vou embora, que eu vi ao vivo mesmo três pessoas.

Renda Bases Econômicas

A nossa família mesmo é a farinha, mas a gente consome mais para a gente comer né, agora a nossa renda mesmo é o *tipiti*⁷⁴, a nossa renda é o tipiti, o tipiti a gente faz uma boa grana, ajuda muito a nossa família mesmo, tipiti, cipó, esses negócios, paneiro, só isso a gente vende, que faz a parte da renda da nossa família mesmo, mas o tipiti mesmo. **Manoel Pai de Sebastiana**, desenrasca mais *ligeiro*⁷⁵. **Sebastiana**, de mais rápido entendeu, está enrascado faz dez tipiti com o preço que tá agora né, tá 50 reais um tipiti, tão comprando muito, querendo muito, já vieram aqui comigo, disse que não estou fazendo que eu não tenho *tala*⁷⁶. **Manoel Pai de Sebastiana**, 5 mil no bolso. **Sebastiana**, fiz outro dia quatro tipiti, foi 200 reais, o dinheiro mais fácil e mais rápido, falo para os curuminzada olha aprendem a fazerem tipiti, quando eu aprendi a fazer tipiti era 5 reais, um tipiti, de lá pra cá o preço como tá, tá 50 reais, até vocês aprenderem fazer tipiti está uns 100 reais, uma boa ajuda, **Manoel Pai de Sebastiana**, quando aprendi fazer tipiti era 1 real. **Sebastiana**, você fazendo um tipiti por dia tá ganhando, ganha mais que trabalhar braçal com os outros, eu faço 3 tipiti olha eu ganho em um dia 150 reais, num dia, eu aprendi com o papai, papai foi professor de tipiti, eu aprendi com ele, sempre dizia pra gente aprender, aprender, aprender um dia, eu fui a primeira mulher a aprender, segundo foi o Piola [irmão de Sebastiana], depois foi o Fino [irmão de Sebastiana], agora é a Quita [irmã de Sebastiana] que tá aprendendo já faz também 5 reais de tipiti, eles não sabiam fazer, nem o Fino, nem o Piola, eles iam tirar a tala pra mim, no mato, aí eu fazia um pra ele, um pra mim, e um pra ele pra nós passar a festa, 5 reais naquele tempo passava a festa, ainda sobrava dinheiro, nós comprava só bombom, aí eu fazia, eles mandava fazer, naquele tempo Antônio Pedreno⁷⁷

⁷⁴ É um espremedor de tala, no formato de cilindro, mede entre 1 a 2 metros, usado para secar massas, utilizado na fabricação de farinha.

⁷⁵ Expressão para algo rápido.

⁷⁶ É uma peça que é extraído da jacitara para fazer o tipiti.

⁷⁷ Era uma pessoa que fazia transporte de barco da comunidade para Barreirinha, e comprava produtos dos moradores.

comprava muito, vamos tirar tala pra fazer tipiti bora, era *jacitarai*⁷⁸, nós tirava aqui de atras mesmo tinha muito, tirava, rapava tudinho, entalava, eu armava tudinho e tecia para eles, o Piola que ia vender, o Piola vendia tá aqui o teu, tá aqui o teu, tá aqui o meu, assim, já tinha o dinheiro pra passar a festa, o dinheiro mais rápido é o tipiti. **Manoel Pai de Sebastiana**, dá menos trabalho que a farinha. **Sebastiana**, dá menos trabalho que a farinha, a farinha dá muito trabalho e eu acho que pouca renda, é mais trabalho, e o tipiti é bom que você não vai comer [risos], vai fazer só aquele sem tirar nenhum pedaço de lá né, dá tudo certinho, agora a farinha a gente mais pra gente comer muito difícil a gente vender só por encomenda, que as vezes encomendam né a gente ainda faz, mas a nossa renda mesmo é o tipiti.

Tradições e costumes

Eles dão... costumes. O costume deles era... a gente não comprava nada, né? Trabalhava só pra dar pro povo comer, né? Fazia comida, mas só mesmo pro povo comer. Não tinha renda de nada naquele tempo. Só mesmo a gente gastava compravam boi e fazer toda coisa. Chamavam o povo só mesmo pra comer. **Pesquisadora**, isso era essa mais festa dos Santos. **Manoel Pai de Sebastiana**, a farinha era jogada em cima da mesa, beiju, o biscoito, era espalhado em cima da mesa, caboco enchia o bolso de biscoito e ia embora. **Sebastiana**, festa de Santa Terezinha que a mamãe dizia. A mamãe disse quando que era pequeno, a finada vovó Idelfonsa disse que era muito bonito, usava caixa, caixa que eles falavam, que fazia assim [dum] que era da Santa Terezinha, que era da coroa do Espirito Santo, que era a coroada a rainha. Eles coroavam, era muito bonito a coroação da rainha. Eles contavam que era coroada. Ficava como festeira dela, eles coroavam, botavam a coroa na cabeça. **Pesquisadora**, e as danças eram como gambá mesmo? **Sebastiana**, era só gambá. **Manoel Pai de Sebastiana**, naquele tempo era só gambá mesmo. **Sebastiana**, era só gambá e a flauta, era música de flauta, depois de muitos anos já que foram aparecendo o violino, aí o saxofone, mas do primeiro era só o gambá e a canção de gambá. A finada vovó Idelfonsa, ela cantava bem no gambá. **Manoel Pai de Sebastiana**, depois que chegou o clarinete. **Sebastiana**, o pessoal que moram lá onde agora, é adventista, eles não eram adventistas não eram cantadores de gambá, de certo tempo que eles viraram já adventistas, Rosinha, essa daí não eram não, depois de certo tempo que eles viraram já, que eles foram pra fazer a comunidade dela, casa deles. Assim eles contavam, escutava, aqui vinha tudo, o pessoal aqui, do Itaquará, tudo participava da festa deles aí. Uma igreja na frente, a mamãe disse que a primeira igreja, mas lá na frente era de palha, pequenininha. Mas depois que reuniram o pessoal, tudo se juntavam, que fizeram essa igreja que tá, em pé aí. **Pesquisadora**,

⁷⁸ É uma planta aquática, encontrada em igapós, utilizada para fabricar o tipiti e outros afins.

é antiga, né? **Sebastiana**, É antiga, por isso que gente que diz, mas por que não aumenta mais, eu não posso mexer mais, não posso aumentar ela nem pra frente nem pra traz, só tenho que conservar ela, que ela é uma história patrimônio da comunidade. Então a gente não pode derrubar ela de jeito nenhum, se derrubar ela, a gente pode pegar um processo ainda, isso me explicaram assim, então, por isso que a gente só pode reformar ela, só mesmo para não perder a cultura, não perder a igreja. Depois que nasceu a nova geração, aí mudou, aí já veio a *garcinha*⁷⁹ que trouxeram, já veio a dança da onça-de-pega já era deles, quando terminava a dança da festa, aí entrava a onça-de-pega, mas só que a onça-te-pega, era só dois, assim, homem e mulher. E agora a gente já fiz a nossa coreografia, entendeu? Já é nova geração, e agora já somos porção, já tem a vestimenta também que a gente já inventou, né? que tinha a roupa da onça-te-pega, mas não estava assim tudo com uma onça mesmo. **Manoel Pai de Sebastiana** não tinha pintura de nada. **Sebastiana**, era só o nome que era onça-te-pega. **Manoel Pai de Sebastiana**, Só o balanço da cantiga que era onça-te-pega. **Sebastiana**, só mesmo a cantiga, agora já tem a coreografia mesmo, que fizeram, a nova geração tá já assim, o carimbó não é a tradição dos quilombolas, só que o carimbó, os negros trouxeram pra cá pro Brasil, mas, como o pessoal estrangeiro são muito espertos, o pessoal da Europeia pegou logo essa dança, aí ficaram como deles, mas essa dança também é dos negros, é dos negros. **Manoel Pai de Sebastiana**, tinha mais toada. **Sebastiana**, o Candomblé também é dos negros, tudo isso, são as danças da tradição que vieram dos negros. **Pesquisadora**, vem de família mesmo? **Sebastiana**, vem de família mesmo, desde quando minha mãe. A mamãe disse quando ela nasceu, ela pegou uma doença, uma doença assim, pra morrer, aí o pai dela fez promessa com São Sebastião, se ela ficasse boa, ela ia ser filha, de São Sebastião, durante ela tá viva, trabalhava, ele ia proteger ela, então, ela ficou com essa fé, aí depois dela foi nós, né, fazer promessa, e assim vários. Olha, essa Cristina [sobrinha de Sebastiana] aí tá viva também, sobre a proteção dele, ela pegou uma doença se enrolou tudo, tudo enrolado, perna tudo, ela fez a promessa com São Sebastião, ela disse, se o senhor fizer boa a minha neta, dia 11 eu vou fazer a primeira noitada da festa, depois ela vai ficar durante a vida dela dando um prato de comida, o que ela botar na mesa do Senhor, todos os anos, até o fim da vida dela. Ela voltou ao normal de novo, quando a mamãe fiz a festa, um leilão bem sortido, depois do leilão, ela entregou pra ela, quando o pai dela estava vivo todos os anos, o pai dela vinha trazia um quarto de boi pra ela fazer pra botar no leilão, depois o pai dela morreu, ela põe bolo outras coisas, a gente já tem fé nele. Meu filho também, quando nasceu o Johnny, estava com quatro dias de nascido, a

⁷⁹ Uma dança que faz parte da cultura local.

barriga dele, tufou, tufou, barriga dele, ficou ralo, enxergava tudo para dentro, amodo que aquilo ia explodir, a barriga dele ficou ralo mesmo, bem mesmo, aí, mamãe fez promessa, São Sebastião, se tu desvaziar⁸⁰ a barriga do meu neto, São Sebastião, ele também vai ser o seu filho até ele morrer, ela disse, todos os anos na procissão, vai comprar duas caixas de foguete pra soltar na sua procissão, ele vai comprar, ela comprou duas casas de foguete, soltou na procissão, depois de agora, na forma de vocês, quando ele ficar homem, vocês falam pra ele, aí a promessa dele, aí, todos os anos tem que comprar o foguete, e soltar na procissão dele. A gente não vai garantir uma coisa grande que a gente não pode fazer, então é uma coisa que a gente pode fazer todos os anos, tem que dá um pouquinho, um pouquinho, um pouquinho. A Helena tá falando pra mim, minha filha tenho uma promessa com São Sebastião, ainda não conseguir fazer, mas eu vou dar de pouquinho, a senhora que sabe, até completar o que a senhora prometeu, disse que ia dar 500 reais, mas eu vou dar agora 100 reais, e quando tiver vou dar 100, tá bom, está tudo anotado lá, deu 100 reais, é sua promessa, a senhora prometeu, há minha filha, fiquei bom pela oficina, fiquei bom, assim outras pessoas que fazem a promessa, como eu disse, fazem uma promessa, mas com fé, a gente tendo fé é recebido a promessa, toda a minha família fazem isso, e é cumprido. Agora, o Gabriel, [filho de Sebastiana], fiz promessa pra proteger suas filhas, estão bem, não são umas crianças doentia nenhum, nunca adoeceram, estão aí, já engatinhando, já querem até andar, estão aí, olha o que vale é a fé, né? Prometeu, cumpra sua promessa.

Chegada

No tempo da guerra, eles estiveram em cima daqueles barrancos. O navio passava e eles se abaixavam, procurando eles que tinham fugido. Eles contavam, entendeu? Até chegaram barcos que eles conheceram chamaram e pegaram eles, que foram ficando aqui, parece que foi pra Ponta Alegre, por aí se espalharam. E aí que vieram pra cá? Até na *Freguesia*⁸¹, foi ficando gente, na Freguesia ficou tua avó, bisavó a mãe da velha Nogilda, era dessa monção. **Manoel Pai de Sebastiana**, a velha Laúca. **Sebastiana**, a velha Laúca, tudo isso eles contavam. **Manoel Pai de Sebastiana**, tudo por aí foram se espalhando. **Sebastiana**, a velhã, ficou por ai, ai foi nascendo o pessoal, Maria Tereza, Tereza e o Velhã, daí, que nasceram os outros filhos, assim eles contavam.

⁸⁰ Desinchar, esvaziar.

⁸¹ Distrito/Comunidade localizado as margens do Rio Andirá.